

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, CULTURA E POLÍTICA
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CULTURA E NARRATIVAS**

TIAGO BORUCH

**A POESIA DE HELENA KOLODY: IMAGENS POÉTICAS, TEMPO E
MEMÓRIA**

TESE DE DOUTORADO

**MARINGÁ
2023**

TIAGO BORUCH

A POESIA DE HELENA KOLODY: IMAGENS POÉTICAS, TEMPO E MEMÓRIA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM, para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História, Cultura e Política. Linha de Pesquisa: História, Cultura e Narrativas. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini.

**MARINGÁ
2023**

FICHA CATOLOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

B739p	<p>Boruch, Tiago</p> <p>A poesia de Helena Kolody : imagens poéticas, tempo e memória / Tiago Boruch. -- Maringá, PR, 2023. 151 f.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Sandra de Cássia Araújo Pelegrini. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2023.</p> <p>1. Kolody, Helena, 1912-2004. 2. Tempo - Memória. 3. Poesia brasileira. 4. Imigração ucraniana - Paraná (Estado) - História . 5. Poesia paranaense. I. Pelegrini, Sandra de Cássia Araújo, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 23.ed. 981.62</p>
-------	---

TIAGO BORUCH

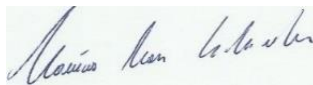
A POESIA DE HELENA KOLODY: IMAGENS POÉTICAS, TEMPO E MEMÓRIA

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

BANCA EXAMINADORA:



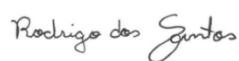
Prof.^a. Dr.^a. Sandra de Cássia Araujo Pelegrini
Presidente/Orientador



Prof. Dr. Clárcio Ivan Schneider
Membro Convidado (UNIOESTE)



Prof. Dr. Marco Cicero Cavallini
Membro Corpo Docente (UEM/PPH)



Prof. Dr. Rodrigo dos Santos
Membro Convidado (UNEMAT)



Prof.^a. Dr.^a. Janaína Cardoso de Melo
Membro Convidado (UFS)

**Maringá
2023**

Para Ester.

AGRADECIMENTOS

A minha maravilhosa mãe Ester, por sempre me incentivar em todos os momentos e orar pelos meus estudos e seu incondicional apoio que me motivou a continuar a pesquisa e crer que tudo daria certo.

As minhas queridas irmãs Lucia e Eliane, pelo apoio e incentivo incondicional durante toda a minha vida e carreira acadêmica.

A Dhafny, pessoa incrível e que constantemente foi meu porto seguro para não desistir e principalmente entender minha ausência em muitos momentos.

Em especial para minha orientadora Professora Dra. Sandra C. A. Pelegrini, que me acolheu, me orientou e sempre me incentivou com a pesquisa, sem sua orientação e dedicação não teria conseguido atingir tal objetivo.

Aos docentes que compuseram a banca e também aqueles que ministraram as disciplinas no Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá (PPH/UEM) pela dedicação e apoio.

Aos meus colegas de trabalho e toda equipe do Senac de Irati, pelo incentivo, apoio e compreensão, nas muitas vezes que precisei me ausentar por causa da pesquisa.

Aos meus amigos e colegas que de uma forma ou outra estiveram presentes durante todo o processo, em especial: Professor Me. Augusto Borges, Professora Dra. Cassia Maria Popolin, Professor Dr. Rodrigo dos Santos, pelas inúmeras parcerias em publicações e conversas que somaram para minha pesquisa.

A Deus e a Nossa Senhora da Luz, por terem me permitido saúde e alegria na conclusão desta pesquisa.

*Tudo o tempo leva.
A própria vida não dura.
Com sabedoria,
colhe a alegria de agora
para a saudade futura
(KOLODY, 1993)*

BORUCH, Tiago. A poesia de Helena Kolody: imagens poéticas, tempo e memória. 151 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de Cássia Araújo Pelegrini.

RESUMO

Ao longo dos anos e com as mudanças de pesquisa em relação às fontes na historiografia, abriu-se possibilidades para o uso da poesia como fonte de análise e interpretação histórica. A temática desta tese tem como objetivo analisar os poemas da escritora paranaense Helena Kolody (1912-2004), que ao longo de sua carreira diversificou seus temas na sua construção poética. Descendente de imigrantes ucranianos, a autora usa de sua memória individual e coletiva para escrever sobre fatos cotidianos dos imigrantes no Paraná. Desta maneira, utilizaremos seus escritos como fontes primárias para encontrar nos seus versos, situações e acontecimentos históricos referentes aos imigrantes e a vida da autora, analisando problemáticas em relação ao tempo, à memória e à transformação da identidade imigrante no espaço urbano. Buscamos com essa pesquisa demonstrar a poesia kolodyana em relação à imigração ucraniana no Paraná e compreender traços, maneiras e representações identitárias e culturais em seus poemas. Com a intenção de destacar o imaginário poético que envolve sua obra, trabalhamos as evidências históricas situando e contextualizando detalhes e rastros entre a poesia e a história.

Palavras-chave: Helena Kolody; Imigração Ucraniana; Memória; Poesia; Tempo.

BORUCH, Tiago. Helena Kolody's poetry: poetic images, time and memory. 151 f. Thesis (Doctorate in History) – State University of Maringá. Supervisor: Prof.^a Dr.^a Sandra de Cássia Araújo Pelegrini.

ABSTRACT

Over the years, with transformations in research regarding sources in historiography, possibilities have emerged for the use of poetry as a source of historical analysis and interpretation. This thesis aims to analyze the poems of the Paraná writer Helena Kolody (1912-2004), who, throughout her career, diversified her themes in her poetic construction. Descendant of Ukrainian immigrants, the author uses her individual and collective memory to write about everyday facts of immigrants in Paraná. Thus, we use her writings as primary sources to find, in her verses, situations and historical events related to immigrants and the author's life, analyzing problems related to time, memory and the transformation of immigrant identity in urban space. With this research, we seek to demonstrate the relation between Kolodyan poetry and Ukrainian immigration in Paraná to understand traits, manners and identity and cultural representations in his poems. With the intention of highlighting the poetic imagery that surrounds his work, we will support our research with historical evidence, situating and contextualizing details and traces between poetry and history.

Keywords: Helena Kolody; Ukranian immigration; Memory; Poetry; Time.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL – Academia Paranaense de Letras

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro Oeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.ENTRE A HISTÓRIA E A POESIA: HELENA KOLODY COMO UMA INTELLECTUAL DO SEU TEMPO.....	21
1.1 A “PADROEIRA” DA LITERATURA PARANAENSE.....	21
1.2 HISTÓRIA E POESIA, NARRATIVAS QUE SE APROXIMAM.....	35
1.3 A POESIA E SUAS RETOMADAS/EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS PELA SENSIBILIDADE.....	48
2. TEMPO E MEMÓRIA: OS IMIGRANTES UCRANIANOS NA VIDA DE KOLODY.....	61
2.1 O SENTIMENTO E A MEMÓRIA UCRANIANA DE KOLODY.....	61
2.2 O TEMPO NA POESIA KOLODYANA: COTIDIANO E LUGARES DE MEMÓRIA.....	77
2.3 SENTIMENTOS CRUZADOS: A RELIGIOSIDADE E O TEMPO.....	90
3. A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE NO ESPAÇO URBANO.....	104
3.1 A CIDADE E AS MEMÓRIAS DE KOLODY	104
3.2 REPRESENTAÇÕES DA MODERNIDADE NA POESIA KOLODYANA.....	116
3.3 IMAGENS DO TEMPO E DO ESPAÇO URBANO.....	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	145
SITES.....	150

INTRODUÇÃO

Como historiadores buscamos sempre evidenciar as provas e constatar pequenos detalhes em cada fato, quando utilizamos dois caminhos um histórico e outro literário precisamos aumentar a percepção dos detalhes, devemos agir como artífices e apresentar ao público o que muitas vezes encontramos no imaginário, nas representações e na memória. As representações poéticas são entendidas como possibilidade de compreensão de histórias sensíveis, emotivas e subjetivas. Que nos permitem explorar o poema como fonte histórica, buscando sentidos para a história que envolvem o texto e seus personagens.

No universo das poesias, cada palavra escrita pode representar a experiência histórica que o ou a poeta viveu. Sentimentos que intercalam fatos e acontecimentos, misturando-se com diferentes imaginários, aonde muitos destes surgem em palavras e versos. Os historiadores sempre foram conhecidos por procurar vestígios e é nesse caminho que nos deparamos com diferentes fontes, que revelam personagens em uma análise entre sujeito e experiência, indicando novas possibilidades e representações, que permitem encontrarmos um caminho e sentido para as análises dos poemas.

Conforme articula Edward Carr (1982, p. 49): “a palavra história tanto significa o exame conduzido pelo historiador quanto os fatos que ele examina, os movimentos do mundo, os processos interativos dos seres sociais”.

Desta maneira os poemas que serão analisados, apresentam indícios históricos passíveis de interpretações e reavaliações historiográficas, conforme utilizamos a poesia como fonte, lembramos sempre da interdisciplinaridade entre história e literatura, um embate metodológico com diferentes constatações e que segundo a historiadora e pesquisadora Sandra Jatahy Pesavento (2003, p. 71), temos a seguinte constatação:

História e Literatura se aproximam de tal forma que é bastante complexa a tarefa de tentar dissociá-las, pois para os pressupostos da História Cultural, narrativas, sejam elas literárias ou históricas, constroem uma representação sobre a realidade.

E de fato o que pretendemos com nossa pesquisa é encontrar representações da realidade de uma época, de personagens e modos de vida, analisando criticamente as subjetividades históricas que a poesia oferece, trabalhando o sujeito e os fatos de modo que apresentem não só relações, mas também, expressem sentimentos que permitam o avanço do historiador nos detalhes.

Roger Chartier (1990, p. 20) em *A história cultural*, define o conceito de representação como: “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”. Dessa maneira, entendemos a poesia como representação: dos sujeitos, de uma época, de costumes e de culturas. Cabe a nós questionar: quais os sentidos da poesia na história? Pois é através das representações que buscamos essa compreensão, articulamos e problematizamos os fatos do poema com os desafios historiográficos, que vão além do sentido e das questões anteriores, procurando uma conexão entre história e poesia.

Ao lermos uma obra literária existe um lócus privilegiado para a sociedade, tornando-a uma fonte documental importante para se pensar e escrever a história e suas investigações. Essa concepção de investigações e relações entre história e literatura e a análise crítica de seus textos é citado por Virgínia Camilotti e Márcia Regina C. Naxara (2009, p. 28):

[...] o literário é tomado como substrato de inquirição pelo historiador, tendo em vista a reconstituição do que é identificado pelo nome de História, como algo que o antecede; no outro, o literário é tomado como substrato para o escrutínio de percepções, representações, figurações, por meio das quais se busca os movimentos de instituição de imaginários e da própria temporalidade enquanto tal.

Mas o que seria a história se não fosse as possibilidades? Seriam apenas fatos objetivos e nada reveladores? Ou apenas fatos entre fatos, documentos obsoletos retratando pontos fixos na história? O historiador José D’Assunção Barros (2019, p. 15) afirma que: “As fontes históricas são as marcas da história” e o que seriam essas marcas sem seus rastros e oportunidades? Desta mesma forma questionamos: o que seria da poesia sem suas marcas na história?

Barros (2019) nos ajuda a perceber que se as fontes deixam marcas, a história nos possibilita interpretações e nos revela diferentes constatações, assim como as representações, marcando fatos, sujeitos e práticas culturais.

Nesse momento, nosso trabalho busca compreender diferentes marcas, a relação entre história e poesia, suas aberturas, desafios e questionamentos. De certo modo, esta pesquisa vai além da análise de poesias, ela é fruto de inúmeros questionamentos que já tomaram corpo anteriormente como trabalho de conclusão de curso: *História e poesia: Helena Kolody, as raízes ucranianas em versos* (BORUCH, 2014) que se tratou de um ensaio inicial sobre o tema, tendo como propósito usar o poema como fonte histórica e trabalhar a poesia kolodyana como uma forma de se pensar a imigração ucraniana no Paraná, auxiliando no desvendamento de

histórias da condição humana dos imigrantes ucranianos quando submetidos a um novo território.

Mais tarde o tema voltou à tona como dissertação de mestrado intitulado: *Representações da imigração ucraniana nas poesias de Helena Kolody (BORUCH, 2018)*¹, na qual, a imigração ucraniana e suas representações culturais foram tema central de debate, destacando Helena Kolody como “porta voz” dos imigrantes ucranianos no Paraná, a ligação e sentimento de Kolody com os ucranianos e sua cultura, as influências do movimento paranista em sua obra e a não crítica ao imigrante ucraniano, sendo apenas uma voz passiva e memorialista em relação ao tema, deixando de lado outros povos e culturas que participaram da formação do Estado do Paraná. Buscou-se também um primeiro contato com a transformação da identidade do imigrante no cenário urbano.

Os trabalhos anteriores, geraram novos questionamentos e desdobramentos, visto a relevância do tema para a historiografia paranaense, sendo assim esta tese não busca só complementar o que já foi pesquisado e retratado, mas sim, demonstrar as inúmeras possibilidades do uso da poesia em relação à história, no nosso caso, especificamente a poesia de Helena Kolody e as representações em torno da cultura e imigração ucraniana, e da transformação da identidade em sua obra.

Esta pesquisa compreende uma análise minuciosa² da poesia de Helena Kolody que nasceu em 12 de outubro de 1912, na cidade de Cruz Machado, sudoeste do estado do Paraná, e veio a falecer no dia 15 de fevereiro de 2004³, na capital paranaense Curitiba, território em que consolidou sua vida e carreira. Abordaremos questões pertinentes à história cultural em um recorte temático, devido as poesias que são usadas como fonte, não estarem em uma ordem cronológica dentro das obras de Kolody.

A ligação entre história e poesia, poeta e historiador será posta em evidência, para tanto, utilizaremos teóricos da história e críticos literários que nos servirão de aporte e base para a construção metodológica do presente texto. Entretanto, as fronteiras entre literatura e história, ficção e não ficção, são abordadas a fim de compreendermos as experiências poéticas da autora como uma representação da história e dos fatos que se revelam em seus textos. O tempo, o espaço e as memórias nos ajudaram a entender a posição histórica da poesia kolodyana.

¹ Ambos os trabalhos foram frutos de pesquisa pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO e orientados pelo Professor Doutor Claércio Ivan Schneider.

² Para este trabalho, a análise que será feita é sobre o sentido do poema na história, por isso não utilizará análise literária de métrica ou composição.

³ Helena Kolody faleceu aos 91 anos de idade na cidade de Curitiba, devido a problemas de arritmia cardíaca. Para maiores informações consultar: <https://www.tribunapr.com.br/mais-pop/a-despedida-de-helena-kolody/>

Revelando o desdobramento de fronteiras em meio às experiências, representações e símbolos que apontam para trajetórias singulares tomadas na sua pluralidade.

Entre experiências de fatos, o texto literário e o texto histórico caminham em sentidos parecidos, nesta pesquisa procuramos analisar e compreender as proximidades de ambos, as relações que fomentam discussões em torno da verossimilhança, procurando desfazer as fronteiras existentes entre ambos de forma ímpar, mas buscando sempre expandir as singularidades de cada uma.

Nesse sentido Linda Hutcheon (1991, p. 141), relaciona as proximidades do texto histórico com o literário, apresentando forças e sentidos em suas relações:

Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.

Essa quebra de barreiras e encontros possíveis, adquire vida tendo como tema a ligação entre poesia e história, o que nos dará um norte ao tema proposto. Trata-se de analisar as representações do tempo, da memória e as transformações da identidade imigrante nas poesias de Helena Kolody. Desta maneira, buscamos compreender e utilizar os literatos como agentes na investigação histórica, na medida em que a literatura é tomada como fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento histórico.

Para além das análises documentais dos poemas, trabalhamos tais relações como narrativas, de modo que as subjetividades históricas presentes nos poemas, sejam vistas como representações.

As subjetividades e o conhecimento histórico vão de encontro com o olhar do historiador, que irá se diferenciar de acordo com sua história de vida e trajetória intelectual, suas escolhas metodológicas, instrumentais e seleção de fontes, pois a interpretação histórica é dependente de um conjunto de referências contextuais. Consideramos que as representações, partem daquilo que encontramos explícito nos poemas, os fatos, os acontecimentos históricos, as subjetividades e as interpretações criadas a partir dos fatos históricos representados.

Helena Kolody e seus poemas ganham notoriedade no campo de Letras e da Literatura em meados de 1980. Autores como: as Professoras Doutoradas em literatura Marly Catarina Soarez, e Luísa Cristina dos Santos Fontes, o escritor, professor, pesquisador e bibliófilo Paulo Venturelli, e Antônio Donizeti da Cruz, Professor Doutor em Literatura e escritor, também

tomam a poesia de Kolody como fonte de pesquisa histórica. Esses autores analisam seus poemas partindo de temas como a inquietação, a cultura e o folclore dos migrantes ucranianos, identificando a relação de vida da autora com os temas de suas poesias.

No campo da história temos uma pesquisa ainda escassa sobre Helena Kolody, o historiador Paulo Augusto Tamanini⁴, publicou artigos sobre a relação entre a poesia kolodyana com a imigração ucraniana e sua cultura, em especial com temas relacionados à religiosidade.

Os poemas de Kolody são analisados em diferentes escalas e campos, já nesta pesquisa serão observados sob a ótica da história cultural, seja na representação de suas raízes ou na descrição do cotidiano dos imigrantes. Em artigo por mim publicado juntamente com o historiador e professor Claércio Ivan Schneider (2018, p. 394) destacamos que:

Helena Kolody está inserida no campo da história da imigração, em especial por ser filha de imigrantes ucranianos. Nesse sentido, reproduz através dos seus poemas a saga destes em território paranaense, tendo como base tudo que observou, viveu e sentiu, seja por meio de relatos ou experiências. Sua ascendência eslava e a preocupação em representar estes sujeitos por meio da poesia, proporcionaram o reconhecimento de Kolody como a porta-voz dos imigrantes ucranianos. Com poemas simples a poetisa revela o cotidiano, a adaptação e a sensação de pertencimento destes imigrantes para com a formação identitária do paranaense.

Sendo filha de imigrantes ucranianos a poetisa demonstra uma forte ligação da cultura e da identidade em seus poemas, seja na exaltação dos símbolos, na descrição do povo imigrante e seu cotidiano, nas transformações entre o mundo rural e o urbano. Sendo reconhecida pela crítica literária e tendo seus poemas como objeto de estudo no campo das letras, caminhamos em uma construção no campo da história, indicando a poetisa como figura histórica e porta voz de um grupo de imigrantes na formação do território paranaense, na expressão da sua cultura e na condição de intelectual, sendo mulher, professora e poetisa.

Para o historiador Paulo Augusto Tamanini (2015, p. 226):

Se nos detalhes moram as chaves do cotidiano, compreendê-los pelos versos de Helena Kolody significa compartilhar os traços de uma individualidade que cunha uma maneira de se sentir no mundo, não apenas em sua imediatez, mas na eternidade de uma escrita.

⁴ Para consultar os artigos do historiador sobre Helena Kolody, acessar:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/23929>

<https://library.org/article/cultura-dos-imigrantes-ucranianos-nos-poemas-helena-kolody.zw0vgwly>

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/issue/view/201/showToc>

Ao longo do texto percebemos que Helena Kolody é atenta aos detalhes na construção poética, nela problematiza sua própria experiência de vida e sensibilidades que revelam parte de sua identidade e de sua cultura, imprimindo um estilo próprio, que adentrando ao espaço urbano revela uma história e uma poética que reconhece aspectos transformadores da modernidade e do tempo. A visão de mundo de Kolody foi moldada pelos relatos e histórias que seus pais e familiares contaram sobre a Ucrânia e sua cultura, fascinando a jovem Kolody, que desde cedo acompanhava atenta as leituras que seus pais faziam de autores ucranianos como Táras Shevetchenco⁵ muito dessa visão de mundo é um indicativo da formação católica da poetisa e de seus pais, formação essa que mais tarde refletiu e foi representada nos poemas da autora.

A visão de mundo sobre a perspectiva da cultura e da imigração ucraniana, fez com que Tamanini escrevesse sobre a “Ucraniedade” em Kolody, termo esse reproduzido por mim e outros autores que falam do tema, e escrevem sobre os ucranianos. Vejamos nas palavras de Tamanini (2011, p. 36) como ele destaca e a relação da autora com a ucraniedade:

Assim, utilizando-me dos poemas de Helena Colody analiso o quanto de seus versos explicitam um discurso que revela seu vínculo com a cultura ucraniana herdada de seus pais. Seus versos não são observados apenas pelo viés da arte literária, mas como instrumento indiciário do acontecido que pode, além de explicar as expressões e os contornos subjetivos de sua obra, procurar compreender com mais largueza os sentidos e os significados que os fatos desencadearam em sua gente. Os versos da autora autodecifram sua latente ucraneidade.

Em outras palavras e tomando a análise do autor, percebemos que os poemas e a narrativa da autora em relação aos imigrantes e à ucraniedade, se dá em detalhes e sentidos, como exploramos o cotidiano e a relação entre a experiência de Kolody e o mundo imigrante, a sua latente ucraniedade é a expressão e representação da visão de mundo a qual fora inserida e também influenciada, em grande parte seus poemas relacionados aos imigrantes eslavos, é uma contemplação e exaltação ao passado de seus familiares.

Segundo Stuart Hall, (2011, p. 8) a temática da identidade “é demasiadamente complexa, pouco desenvolvida e muito pouco compreendida na ciência social contemporânea”. Isso se deve porque as identidades são fortemente marcadas por fluxos materiais e simbólicos, por conflitos e interesses. Dessa forma, as representações urbanas e os interesses aos quais Kolody se refere, estão ligados a sua transformação identitária e dos imigrantes na cidade, tomada como espaço de cruzamento de histórias e memórias.

⁵ Foi o principal poeta ucraniano, também foi: escritor, pintor, dramaturgo, político e figura pública. Para maiores informações, consultar: <https://www.kobzar.pt/index.php>

Analisamos em suas poesias a transformação da identidade do imigrante ucraniano no cenário urbano, enfatizando sua percepção de tempo e modernidade. Por meio da análise da construção de seus poemas, investigamos desde sua criação até o desenrolar da vida da autora no espaço urbano. Para isso examinamos suas memórias coletivas e individuais relacionadas ao povo imigrante e detectamos como o passado está presente na sua escrita, principalmente, naquela em que representa a sua experiência de vida no espaço rural e urbano.

Os resultados por mim encontrados nos trabalhos anteriores, principalmente na dissertação de mestrado, indicam que Helena Kolody representa em seus poemas traços e detalhes da vida no campo e na cidade, apontando diferenças na escrita e na visão de mundo, conforme o espaço. Da mesma forma reiteramos que os poemas de Kolody sempre destacaram o imigrante ucraniano, deixando de lado outros grupos de imigrantes e outros povos, análise essa já citada por Schneider e Boruch, (2018, p. 408):

Kolody fez existir o mundo dos imigrantes através de sua poesia. Apesar das formas específicas de se interpretar, os poemas possuem características, e sua definição está sujeita ao modo de construção que por sua vez se encontram em constante movimento, nos imaginários recriados pela poetisa. Helena tematiza um Paraná estereotipado na figura do imigrante ideal, os outros, os índios, os negros, os caboclos, estes sequer interagem com os imigrantes em seus poemas.

Percebemos que a sua narrativa é capaz de introduzir o leitor em um universo de alternativas históricas possíveis, uma constante construção acerca dos elementos cotidianos urbanos e rurais, como uma configuração não só do tempo, mas da sociedade em que a poetisa fez parte.

Pretende-se através dessa temática abordar o tempo, a memória e a transformação da identidade imigrante no espaço urbano em seus poemas. Destacando o espaço da cidade de Curitiba e o que esse ciclo representou em sua escrita.

Perguntamo-nos: Como Kolody percebeu a transformação da identidade do imigrante e a problematizou em seus poemas? Como a noção de tempo está interligada com o cotidiano imigrante e da autora? Como as memórias da juventude e toda a observação do tempo e da mudança refletiram em sua vida? Como a cidade proporciona a transformação da identidade que se representava enquanto ucraniana? Como as mulheres são representadas em seus poemas e incluídas no cotidiano imigrante?

Enfim, essas questões nos causam inquietação e aumentaram qualitativamente as discussões em torno de Helena Kolody e sua poesia, bem como da literatura paranaense e sua compreensão para o desenvolvimento da cultura e identidade. Os estudos historiográficos

referentes à vida cotidiana e de seus espaços devem ser tomados como um rico campo de investigação histórica. Os espaços urbanos oferecem uma multiplicidade de imagens, de tipos humanos, de costumes e de linguagens. A literatura – e seu gênero poético – pode se transformar em fonte que permite a interpretação e o sentido desta multiplicidade.

Segundo Antônio Candido (2006, p. 20): “todos sabem que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”. Dentre esses fatores, o espaço poético oferece cenários, personagens e culturas, um palco para os escritores que a partir da vida urbana, constroem imagens que vão compor o imaginário a partir da literatura urbana, um teste de diferentes cenários para o argumento do texto, do conto ou da poesia que será elaborada.

Esta tese está estruturada em três capítulos, nos quais faremos uma abordagem além dos poemas de Helena Kolody. Neste momento, buscaremos como ponto primordial enfatizar temas que foram pouco explorados na sua obra, usaremos a história e suas subjetividades para demonstrar o quanto ainda há para se explorar da obra e fortuna crítica da poetisa, sempre pensando em abrir portas para outros questionamentos que virão, não só em torno de Kolody, mas em torno da história e literatura paranaense que é tão pouco explorada. Para isso, selecionamos 85⁶ poemas, divididos entre as três unidades desta pesquisa, de acordo com a temática e os elementos históricos.

A primeira unidade intitulada, *Entre a História e a Poesia: Helena Kolody como uma intelectual do seu tempo*, propõe um estudo teórico sobre as relações entre poesia e história, entre as proximidades narrativas e o uso do poema como fonte de análise histórica. Pensando neste viés, procuramos compreender a representatividade de Helena Kolody na literatura paranaense; como se deu a sua consagração e o título de “padroeira” e de que maneira consideramos a proximidade entre poesia e história como narrativas.

Para isso utilizaremos autores que debatem sobre o tema, entre eles estão: Alfredo Bosi, Beatriz Vieira e Otavio Paz. Para alcançarmos uma análise mais técnica sobre a relação da poesia com a história, trabalharemos também com autores que dialogam com a interdisciplinaridade existente entre a literatura e a história, entre eles José d’ Assunção Barros, Virgilia Camillotti, Sandra Pesavento, entre outros.

A segunda unidade tem como objetivo discorrer sobre o tempo e a memória, para esse capítulo daremos o título de *Tempo e memória: A imigração ucraniana na vida de Kolody*. Nosso objetivo aqui partirá das seguintes indagações: De que maneira a temática do tempo e

⁶ Ressaltamos que todos os poemas citados no texto, foram transcritos de acordo com a grafia original presente nos livros, bem como sua gramática e pontuação.

da memória estão expressas em seus poemas? Quais as relações com a imigração ucraniana na vida da autora que é descendente de imigrantes ucranianos e conviveu diretamente com eles em sua infância e juventude? Como essas memórias coletivas influenciaram Kolody a escrever sobre a imigração? De que maneira o tempo na poesia de Helena Kolody está relacionado com o cotidiano imigrante? Como a religiosidade e o tempo influenciaram a escrita e a vida da autora?

Para a terceira unidade, que levará o nome de *A transformação da identidade imigrante no espaço urbano*, nossa investigação estará condicionada aos conceitos de identidade e modernidade, buscando compreender de que maneira a identidade do imigrante ucraniano foi influenciada e transformada no meio urbano. Nos ocuparemos também de interpretar como a modernidade e a cidade influenciaram na parte artística e na poética de Kolody.

Na segunda parte desse capítulo, vamos trabalhar com os acontecimentos e as similaridades entre o mundo rural e urbano, detectadas pela poetisa. Buscaremos responder de que maneira Kolody representa o imaginário sensível em sua poesia e de que forma a nostalgia e as memórias da infância e juventude determinaram as questões que envolvem a transformação identitária do imigrante e da autora. Abordaremos também, a visão de tempo na fase madura da autora, e em como a memória se transformou, tendo tornado Helena Kolody uma espectadora do tempo e do cotidiano.

Pelos poemas kolodyanos pretendemos perceber que segundo Hall, que a identidade é algo móvel, que reúne cenários distintos e ao mesmo tempo similares às memórias de sua vida, Kolody se identifica e se transforma no espaço urbano.

Segundo Hall (2011, p. 12-13):

A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente.

A construção poética e histórica de um povo, pautado por símbolos, eventos cotidianos, expressões, entre tantas formas para se representar surgem nas poesias de Kolody e nos permitem sondar o anseio particular da poetisa em retratar suas tradições, a interpretar os diversos fatos, situações e sentimentos. Sendo assim, evidenciaremos as memórias registradas nas experiências vividas no grupo ou pelo grupo, mesmo que os acontecimentos e as pessoas não pertençam ao mesmo tempo/espaço.

Com o objetivo de evidenciar articulações entre história, literatura, tempo e memória, a poesia de Helena Kolody, estrutura-se em textos que descrevem, registram e/ou interpretam realidades cotidianas no espaço urbano, destacando o imigrante ucraniano na visão da autora e a transformação de sua identidade. Por meio das percepções que integram a escrita kolodyana com o modernismo, nos deparamos com sentimentos pessoais da autora em conflito com a realidade e contraditórios ao seu passado. Dessa forma, Kolody nos mostra uma visão urbana de Curitiba que aspira à modernidade e transformação.

1. ENTRE A HISTÓRIA E A POESIA: HELENA KOLODY COMO UMA INTELLECTUAL DO SEU TEMPO

1.1 A “PADROEIRA” DA LITERATURA PARANAENSE

PONTO DE PARTIDA

Parte do ponto
do próprio ser
o itinerário
do conhecer

Em nós mesmos navegamos.
Somos barco e marinheiro
Continentes e oceanos.
(KOLODY, 2001, p. 73)

No poema “Ponto de Partida”, da obra *Infinito Presente* de 1980, Helena Kolody escreve sobre sua jornada através dos livros, entre histórias que leu desde criança, a literatura tornou-se seu veleiro, que a fez rumar por diferentes caminhos e assim como ela mesmo nos fala através de seus textos os explorou, fazendo seu itinerário e sua trajetória única. A imaginação da autora a fez escrever sobre inúmeros temas ao longo de sua carreira, como poetisa, se encontrou na natureza e nas paisagens, desvendou rios e mares, percorreu cidades e até países, fez de sua descendência eslava ucraniana um elo de identidade e marcou com palavras a capital do Estado do Paraná, Curitiba, seu principal roteiro poético.

Nesta unidade utilizaremos 23 poemas de autoria de Helena Kolody, que serão usados para as análises e contextualização, com temáticas que vão de encontro à abordagem histórica e representativa da nossa proposta. Poemas que foram selecionados, devido à representatividade para nós e que indicam representações, imaginários e uma fonte histórica que permite questionar a trajetória de Kolody e seu desenrolar.

Ao indicarmos o título desta unidade, apresentamos Kolody como “padroeira” da literatura paranaense, título esse atribuído à ela pelo escritor Paulo Leminski, a poetisa recebe essa nomenclatura devido a sua personalidade e seus poemas com características e termos religiosos. Ao buscarmos a origem da palavra e seu significado encontramos nos dicionários que padroeira vem de protetora, defensora, tal nomenclatura faz parte da tradição da igreja católica em denominar santos e santas como padroeiros de igrejas, comunidades, cidades e países, como também de algumas causas.

Outro fator se deve à data de nascimento da autora, 12 de outubro de 1912, data essa que se comemora no Brasil, o dia de Nossa Senhora Aparecida, que na tradição da igreja

católica é denominada a padroeira do país. Na data de 12 de outubro de 1962, Helena Kolody recebe uma homenagem que vai de encontro com o termo usado por Leminski, e desta vez sendo citada no texto de Luiza Cristina Fontes (2013, p. 1):

Ao completar 50 anos, em 1962, as alunas de Helena Kolody no Instituto de Educação a homenagearam com a edição de Poesias Completas. Quase cinquenta anos depois, por proposta do Centro Paranaense Feminino de Cultura, foi elaborada a Lei 14.821/2005 de autoria do Deputado Hermas Brandão instituindo 12 de outubro, dia de nascimento de Helena Kolody, como Dia da Poesia Curitibana. A lei, outorgada em 19 de setembro de 2005, objetiva reconhecer a participação e fomento cultural literário em poesia. No respeitável intervalo entre as duas homenagens, há incontáveis gestos de “pro-postura” da justa locação da escritora no panorama literário contemporâneo.

De certa forma ao atribuir essa nomenclatura a Kolody, Leminski vê sua antecessora na poesia, como uma protetora e defensora dos novos poetas, a poeta das palavras fáceis, do cotidiano e do sentimento em torno do tempo. A religião presente nas poesias da autora e na vida dela, são representações de sua vida, assim a admiração de Leminski vai além da poesia de Kolody, é uma admiração e uma “proteção” que ele sente, como o autor mesmo destaca, em entrevista ao Jornal Gazeta do Povo (1985, p. 11), Kolody seria a “padroeira” dos escritores paranaenses:

Mas tudo isso que eu digo não passaria de uma efusão sentimentalóide, se a poesia de Helena não se sustentasse em nível de linguagem, de design, de essência. Quer dizer, porém, de um poeta que chega, de repente, e apenas, te diz num poema de duas linhas, “para quem viaja ao encontro do sol é sempre madrugada”. “Essências e medulas”, assim definia Pound a poesia. E esse era o nome que eu daria para um ensaio sobre a poesia da nossa padroeira.

Para nós o termo “padroeira” associado à figura da poetisa, nos implica em problematizar e contextualizar seu reconhecimento na cena literária. A partir disso, constatamos que esse reconhecimento e o termo usado, faz com que Kolody desenvolva mais o tema da religiosidade em sua obra. Atribuindo outros títulos e versos durante a sua carreira, destacamos mais adiante deste trabalho, seus poemas com representações religiosas. Partimos daquilo que nos fala Bourdieu, que o artista é fruto do seu meio, assim o lado religioso da poetisa transparece em seus escritos, devido muito ao pertencimento a uma comunidade religiosa e católica, como é o caso dos imigrantes ucranianos e eslavos no Paraná, que segundo o movimento paranista⁷ seriam os imigrantes ideais para o Estado, sendo brancos, trabalhadores e cristãos.

⁷ O paranismo foi um movimento que surgiu ao longo dos anos de 1920 a 1930, criado por intelectuais e artistas preocupados com a construção de uma identidade simbólica progressista e modernista ao Paraná, imaginário republicano permeado pela construção de heróis que dariam um sentido e unidade regional ao Estado. Para mais informações buscar os trabalhos de: PEREIRA, Luis Fernando Lopes. Paranismo: cultura e imaginário no Paraná

Para além da visão e problemática histórica seu reconhecimento literário como “padroeira” da literatura paranaense recebe uma nova menção, através do artista plástico e escritor Hélio Leites (2010, p. 22). Observamos o que ele escreve sobre a “canonização” de Kolody e seu reconhecimento:

A Igreja Católica exige milagres para elevar um pecador à categoria de santo. Mas a poeta paranaense Helena Kolody dizia que o verdadeiro milagre é a família, por isso foi canonizada pelos artistas da Igreja da Salvação pela Graça. E, colocada dentro da capelinha, ali se encaixou e não saiu mais. Da caixa de fósforo faíscam luzes, pois seu poema mais famoso reza que “Pra quem viaja de encontro ao sol / É sempre madrugada.” A Igreja demora muito para fazer uma santa. Essa foi feita em dois meses.

Hélio Leites foi responsável pela criação de um oratório em homenagem a Kolody, utilizando peças descartáveis. Mas o que nos leva a perceber, que mesmo passando décadas da fala de Leminski e da atribuição do termo “padroeira”, Kolody continuou sendo referenciada e reconhecida por isso.

Vejamos o poema citado por Leminski e depois por Leites, escrito originalmente na obra *Sempre Palavra de 1985*:

Para quem viaja ao encontro do sol,
é sempre madrugada.
(KOLODY, 2001 p. 66)

Voltamos a falar sobre a autora e sua construção poética, associamos que a imaginação de um poetisa está relacionada com sua vivência, influências e seus temas, segundo Sandra Jatahy Pesavento (1995, p. 20), percebemos que:

A imaginação é percebida como um dinamismo organizador, dinamismo este que se converte em fator de homogeneização da representação. Dar a imaginação uma função criadora implica atribuir-lhe uma capacidade inventiva para criar a realidade.

As imagens poéticas têm o poder de rememoração, desperta a memória e evocam experiências passadas que a autora trouxe para seus poemas, de maneira que aproximasse sua vida com a realidade já vivenciada por seus antepassados. A capacidade de criar de Kolody vai além de apenas escrever versos, ela contextualiza e dinamiza com detalhes cada palavra que se imprime. Ainda refletimos com Pesavento (1999, p. 161) que, “o efeito da representação faz

da I República. 1996. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996; REZENDE, Cláudio Joaquim (org.). Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico--geográficos. Curitiba, Editora Bagozzi, 2005; BATISTELLA, A. “O paranismo e a invenção da identidade paranaense”. Revista eletrônica de História em reflexão (UFGD), v. 6, 2012; CAMARGO, G. L. V. Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853-1953. Tese de doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, 2013.

com que o elemento isolado, o caco, o traço, o detalhe seja tomado como expressão do conjunto comparável a uma situação desejada”. Ou seja, é a partir dos detalhes do discurso presentes nos poemas kolodyanos, que faremos a busca pela história, pelo tempo e pelas memórias, tomando as experiências da autora como suporte. Por meio da literatura, podemos ampliar as análises das temporalidades, espaços e símbolos ao longo da sua produção cultural. Segundo Pierre Bourdieu (1996, p. 217):

A representação carismática do escritor como “criador” leva a colocar entre parênteses tudo que se acha inscrito na posição do autor no seio do campo de produção e na trajetória social que para ali o conduziu: de um lado, a gênese e a estrutura do espaço social inteiramente específico no qual o “criador” está inserido, e constituído como tal, e onde seu próprio “projeto criador” se formou; do outro lado, a gênese das disposições a uma só vez genéricas e específicas, comuns e singulares, que ele introduziu nessa posição.

O que Bourdieu nos fala é que o artista pretende marcar um lugar dentro do universo da crítica, investindo em uma compreensão da arte como algo dinâmico, buscando sempre estar presente e aspirando a consagração futura, seja de modo voluntário ou não. Em 1986 com a obra *Poesia Mínima* a autora publica o poema “Dom”, que é um dos seus poemas mais citados e lembrados, vejamos:

Deus dá a todos uma estrela.
Uns fazem da estrela um sol.
Outros nem conseguem vê-la.
(KOLODY, 1997, p. 41)

O poema soa como uma canção, como um lema de vida da autora, que fez da sua existência uma exposição de palavras em que as mesmas retratam os acontecimentos em torno de sua vida e obra. Sobre o poema supracitado a Kolody (1997, p. 41) escreve:

Quando este poema nasceu, era só o primeiro verso. Dormiu dois anos na minha “gaveta de sapateiro”, onde guardo algumas coisas que aparece. Guardei e esqueci. Mais tarde, eu o retomei, experimentei até chegar ao que é hoje.

Helena Kolody nasceu no dia 12 de outubro de 1912, no município de Cruz Machado⁸, interior do Paraná, filha de imigrantes ucranianos, primeira geração de sua família. Ao longo de sua vida, a autora viveu em diferentes cidades paranaenses, como Cruz Machado, Rio Negro, Jacarezinho, Ponta Grossa e Curitiba, além de Três Barras no interior do Estado de Santa

⁸ Para maiores informações sobre a cidade e o nascimento de Helena Kolody, consultar: <https://pmcm.pr.gov.br/cultura-e-turismo/helena-kolody/>

Catarina. Todas essas cidades têm em comum a imigração eslava, o que pontua sua ligação com a “pátria mãe” de sua família, a Ucrânia⁹.

Seu reconhecimento veio tardiamente no Paraná, mas isso não impediu a admiração de autores consagrados e críticos literários, o que enfatiza a sua importância como poetisa e intelectual paranaense. Observamos nas palavras de Luísa Cristina dos Santos Fontes (2012, p. 35) que dedicou a escrita da sua tese em literatura em torno da biografia de Kolody:

Não é sempre que uma fada madrinha vira padroeira e de padroeira vai à categoria de musa absoluta. Quase uma unanimidade... é, quase... muito embora já santa e padroeira da poesia, devidamente entronizada por Paulo Leminski. Reverberam nos mais de 500 textos, localizados e elencados em sua fortuna crítica, o aval de Adonias Filho, Alice Ruiz, Andrade Muricy, Arnaldo Antunes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Euclides Bandeira, Fanny Luiza Dupré, Ítalo Moriconi, Josely Vianna Baptista, Miguel Sanches Neto, Nelly Novaes Coelho, Olga Savary, Paulo Leminski, Paulo Venturelli, Reinoldo Atem, Roberto Gomes, Rodrigo Júnior, Sérgio Rubens Sossella, Sylvio Back, Tasso da Silveira, Temístocles Linhares, Valfrido Piloto, Valêncio Xavier, Wilson Bueno, Wilson Martins, entre muitos outros, ao longo do século XX e transbordando-o. Todos seus contemporâneos, de Euclides Bandeira, nascido em 1877, a Miguel Sanches Neto, nascido em 1965. Beira a milagre! Independentemente de gênero, circulou, aliás, circula, com desenvoltura, entre todas as turmas literárias: os românticos, os simbolistas, os haicaístas, os parnasianos, os modernistas, os espiritualistas, os vanguardistas... É... quase uma unanimidade... No entanto, surpreendentemente, não obstante a riqueza de sua fortuna crítica, sua obra, ainda hoje, é pouquíssima conhecida além das fronteiras de seu estado natal.

Fontes em suas palavras e referências sobre a autora, destaca uma frase que nos chama a atenção e vai novamente de encontro com o termo “padroeira”, a autora fala que a presença de Kolody entre os gêneros literários e os autores “Beira a milagre”, novamente alguém a cita e usa um termo que se refere ao cristianismo.

Em 1992 Sylvio Back, produziu o curta-metragem “Babel de luz¹⁰”, com poemas declamados por Helena Kolody, uma homenagem que a autora recebeu em vida. Back também como poeta escreveu o seguinte poema em homenagem a poetisa:

Helena Kolody¹¹

helena vivípara
helena
o poema enviada
a vida

chama ovípara

⁹ A Ucrânia está situada no leste europeu, sendo o segundo maior país da Europa; faz fronteira terrestre com a Eslováquia, Moldávia, Romênia, Polônia, Hungria, Bielorrússia e Rússia, e fronteira marítima com o Mar Negro e o Mar de Azov. Sua origem remonta ao século IX, com o estabelecimento do Principado de Kiev.

¹⁰ Para assistir o curta metragem: <https://www.youtube.com/watch?v=Z9PYIe1Flo4>

¹¹ O poema segue a cópia da escrita original no livro, o por isso de nomes próprios em minúsculo.

chama
o poeta revinda
a vida
(BACK. In; REZENDE, 1997, p.16)

Helena Kolody também se dedicou ao magistério e da mesma forma que se consagrou na literatura, teve a consagração e reconhecimento de seus alunos, como professora ela usou seu salário para a publicação de seus livros, como citado pelo jornalista e escritor Roberto Gomes em entrevista ao Jornal Candido em 2011¹². Gomes posteriormente editou as obras da autora:

Separava uns trocados de seu salário de professora, colocava em envelopes e, quando os poemas estavam pedindo publicação, comprava o papel para a impressão e o levava à gráfica da Escola Técnica, dirigida por um velho amigo seu, cujo nome infelizmente não lembro. Ele fazia o orçamento, ela pechinchava um desconto. E o livro era feito. Fora assim com todos os seus livros até então. Desde o primeiro, que publicou em 1941, *Paisagem interior*. Depois vieram *Música submersa*, de 1943, *A sombra do rio*, de 1951, e a *Trilogia*, de 1959. Em 1966 – e nessa data os críticos poderão descobrir uma virada em seus poemas – ela edita *Era espacial* e *Trilha sonora*, onde se defronta com as tecnologias da época. Com a mesma regularidade e com o mesmo método de edição, saem *Tempo* (1970), *Correnteza* (1977) e *Infinito presente* (1980).

Helena Kolody ensinou e deixou marcas em seus alunos, como podemos perceber nas palavras da ex-aluna Chloris C. Justen (In; REZENDE, 1997, p. 15), que também é escritora e membro da Academia Paranaense de Letras:

A nossa frente, Dona Helena mais parecia uma deusa grega quando lecionava História da Educação para as futuras professoras. Tinha uma suave e firme postura, era competente e digna e nos encantava com sua palavra fluente, com sua meiguice na voz, com seu relacionamento amigo. Tudo o que com ela aprendemos ficou marcado pela delicadeza e pela qualidade do seu trabalho pedagógico. Em cada um de nós ficou um pouco de sua bondade, um pouco do seu saber, um pouco dos seus sonhos.

A admiração da escritora e ex-aluna rendeu outra homenagem a Kolody, um poema que leva seu nome, vejamos:

HELENA KOLODY: PRESENÇA INFINITA

Como posso falar de sua partida?
Continuo vendo o brilho azul
Do seu olhar profundo.

Continuo buscando sua voz,
No ritmo de sua poesia
Humana e bela.

Seu porte altivo e sereno
É tela renascentista

¹² Para acesso a citação, acessar: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Lembrancas-de-Helena-Kolody>

Nas minhas doces lembranças.

Quero viver o passado,
Encontrar a mestra, a deusa
Atena falando às andorinhas.
(JUSTEN, 2011, p. 53).

No poema da ex-aluna da poetisa, duas palavras dão o tom para descrever a autora; “Humana e bela”, Kolody faz referência em seus poemas utilizando imagens do cotidiano humano, imagens dos imigrantes, sentimentos e memórias, com simplicidade, Kolody ao longo dos anos abre portas para que a poesia possa ir além de versos e rimas, abre-se para uma história em versos, representando um povo imigrante e uma cultura em diferentes aspectos e cenários, elucidada por sua memória diferentes pontos. Segundo Antonio Donizeti da Cruz (2012, p.66): “a poesia é transcendência, contemplação, força que edifica e revigora o homem frente às vicissitudes da vida”

Em entrevista para José Wille, ao site Paraná Portal, Helena Kolody respondeu à pergunta sobre ser professora: “Nasci professora e sempre amei ser professora! A poesia foi um canteiro de flores que nasceu à beira do meu caminho do magistério”. (KOLODY, Entrevista, 2017). Ainda sobre o magistério e a poesia, Kolody (1997, p. 37) faz a seguinte ponderação: “A poetisa nasceu em mim antes da professora. No alvorecer da adolescência, que é como um novo nascer, senti necessidade de fazer versos, mesmo sem saber fazê-los”.

Regina Benitez jornalista e ex-aluna de Kolody, relata sobre as aulas e sobre o que representa a autora, a descreve como parte de um plano natural, e relembra um de seus poemas com a temática religiosa e que foi um marco da poesia kolodyana.

Observamos o que a autora escreve (BENITEZ. In; REZENDE, 1997, p.17):

Falar de Helena Kolody é falar sobre os quatro elementos da natureza: da água, quando riacho; do ar, quando brisa; da terra, em hora de sementeira; e do fogo, quando clareia e aquece. Conheci a professora no ano de 1954. Foram aulas de Biologia entremeadas de poesia. E, por falar em poesia, quando nos versos de Prece pede a Deus a graça de ser boa, todos sabemos, Ele a atendeu.

O poema no qual a ex-aluna relata, pertence a primeira obra de Kolody; *Paisagem Interior* de 1941, anos mais tarde o poema recebeu um “imprimatur”¹³ da igreja, pois o mesmo pode ser lido como uma oração. Pois segundo a própria Kolody (1997) salvou uma jovem de um suicídio, a qual antes do ato leu o livro que a autora lhe deu de presente.

¹³ Imprimatur é uma declaração oficial da Igreja Católica, que diz que um trabalho literário ou similar não vai contra as ideias da igreja e que é uma boa leitura para qualquer católico. Em latim, *Imprimatur* significa "deixem-no ser impresso"

Segundo Kolody (1997, p. 62):

Veja só, eu tenho vários poemas depressivos, e se ela abrisse um deles? Depois disso mudei minha própria maneira de ser. Meus últimos poemas se tornaram mais extrovertidos, abertos, mais otimistas. Devo isso àquela moça. Em tempo: o “imprimatur” foi concedido pelo arcebispo de Curitiba, Dom Manuel da Silveira D’Elboux [...]

A autora, obteve seu reconhecimento literário e artístico, mas também humano, no relato de autores consagrados e de pessoas próximas, como suas ex-alunas, podemos pensar uma poetisa e professora que estava sempre preocupada com o mundo das pessoas a sua volta, e, com o que seus poemas reproduziam em seus leitores, a percepção com o ser humano torna-se referência em sua escrita e carreira.

A busca pelo reconhecimento e a afirmação do eu lírico é um elemento chave na história, analisar os princípios de vida e relações na sociedade, implica em questões para se pensar não somente uma história singular, mas a forma que a história coletiva é tratada, de maneira que seus poemas vão além das experiências da autora, implicam de certa forma acontecimentos diretos e indiretos na vida de seus leitores, como no caso da “poesia salvadora”, como a própria Kolody se refere após a leitura que salvou a vida de uma jovem. Sobre este acontecimento e o poema Fontes (2012, p. 165) reitera que:

Depois do acontecido, Helena confessa que sempre procurou escrever com o maior cuidado, pensando na repercussão de seu trabalho no leitor de seus versos. O poema “Prece”, que “salvou” a ex-aluna, é reconhecido pela grande amiga Diva Torres Weber como versos que personificam com rigor a própria escritora. Após curar-se da depressão, a própria ex-aluna levou o poema e a história à direção da igreja católica; Dom Manuel da Silveira d’Elboux, arcebispo de Curitiba, legitimou a, hoje de fato, “prece” com o imprimatur.

O reconhecimento de sua poesia pela igreja católica, nos permite pensar sobre os valores religiosos na vida da autora, valores esses que tiveram um reflexo em seus leitores, pois se pensando na crítica e na aceitação literária do século XX no Paraná, Estado que recebeu na sua maioria imigrantes europeus e católicos, escrever se utilizando da temática, permitiu uma maior aceitação, e após o fato do poema relacionado, uma maior identificação da poetisa, reforçando a ideia de representação do imigrante ideal.

Segue o poema e *imprimatur* “Prece”:

Concede-me, Senhor, a graça de ser boa,
De ser o coração singelo que perdoa,
A solícita mão que espalha, sem medidas,
Estrelas pela noite escura de outras vidas
E tira d’alma alheia o espinho que mágoa.
(KOLODY, 1997, p. 62)

Voltamos para o início de sua carreira e vemos que Helena Kolody inicia sua carreira escrevendo sua primeira poesia, intitulada “Lágrima”, com 16 anos de idade, em uma revista chamada *O Garoto*¹⁴, editada e publicada por jovens, em Curitiba. Nessa época a autora se dedicava mais ao magistério e encontrava grupos literários em que se insere em busca de um maior aperfeiçoamento artístico.

Sua bibliografia¹⁵ consiste das seguintes publicações: Paisagem Interior (1941), Música Submersa (1945), A Sombra no Rio (1951), Poesias Completas (1962), Vida Breve (1965), Era Espacial e Trilha Sonora (1966), Antologia Poética (1967), Tempo (1970), Correnteza (1977, seleção de poemas publicados até esta data), Infinito Presente (1980), Poesias Escolhidas (1983, traduções de seus poemas para o ucraniano), Sempre Palavra (1985), Poesia Mínima (1986), Viagem no Espelho (1988, reunião de vários livros já publicados), Ontem, Agora (1991), Reika (1993), Sempre Poesia (1994, antologia poética), Caixinha de Música (1996), Luz Infinita (1997, edição bilíngüe), Sinfonia da Vida (1997, antologia poética com depoimentos da poetisa), Helena Kolody por Helena Kolody (1997, CD gravado para a coleção Poesia Falada), Poemas do Amor Impossível (2002, antologia poética) e Memórias de Nhá Mariquinha (2002, obra em prosa).

Segundo a crítica literária, autora era a junção de várias correntes literárias, do movimento simbólico¹⁶ ao paranista, passando e se consolidando ao estilo da poesia moderna¹⁷. Esse era o estilo e marca da sua escrita, segundo Antonio Donizeti da Cruz (2006, p. 266):

O movimento modernista, em âmbito nacional, legou à poesia brasileira o verso livre, a “liberdade de linguagem” sem estar presa às regras da gramática e da retórica, o humor, a naturalidade e a sinceridade de expressão, uma maior “humanização” através

¹⁴ Publicou seu primeiro poema “A lágrima” em 1927, em Curitiba, na revista *O Garoto*, considerada uma publicação pré-modernista e fundada pelo jovem filho do cônsul de Portugal, na época. (FONTES, 2012, p. 137).

¹⁵ Para maiores informações e ordem de publicação de suas obras, consultar o anexo no final do texto.

¹⁶ O Simbolismo foi um movimento artístico fundado na França em questões estético-históricas filosóficas de fins do século XIX, tal movimento imprime seus primeiros passos sólidos, tornando-se uma importante influência para as artes produzidas nos principais centros, grosso modo, europeus e latino-americanos. A poesia simbolista propunha um resgate dos símbolos, musicalidade misturada com elementos transcendentais e místicos. No Brasil o principal nome e precursor foi João Cruz e Souza; no Paraná o destaque é para o poeta Emiliano Pernetá. Para maiores informações sobre o movimento simbolista consulte as obras: MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Simbolismo**. São Paulo: Cultrix, 1985, RICIÉRI, Francine. **Antologia da poesia simbolista e decadente brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Lazuli, 2007.

¹⁷ Movimento literário do século XX, o Modernismo rompeu com a tradição clássica e deu início à formação de uma identidade genuinamente brasileira na literatura, foi responsável por profundas transformações nas mais diversas manifestações artísticas, entre elas, a literatura. A poesia se caracterizava por versos livres e expressões de sinceridade, não seguindo composições métricas e regras gramaticais, buscava uma maior ligação com as questões do cotidiano humano.

Para maiores informações sobre o movimento modernista consulte as obras: AVILA, Affonso (coord.) **O Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975, HELENA, L. **Modernismo brasileiro e vanguarda**. São Paulo: Ática, 1986.

do aproveitamento lírico do cotidiano. Helena Kolody é uma representante em potencial dessas tendências, uma leitora da tradição brasileira, européia e oriental e, ainda, uma observadora atenciosa do falar coloquial, das coisas simples, mas essenciais que, através do verso livre, ganham expressão. Kolody reflete muito sobre a poesia e o fazer poético. Tendo optado pelo verso livre, suas fontes são, todavia, a lírica de Fernando Pessoa, Camões, a poesia de Rabindranath Tagore, a poesia de Cecília Meireles, entre outros.

Analisemos o seu primeiro poema “Lágrima”, que já se manifesta com versos livres, e com influências da poesia simbolista, ao exaltar a dor e sua simbologia voltada para o sofrimento:

Oh! Lágrima cristalina.
Tão Salgada e pequenina.
Quanta dor tu não redimes!
És tão sublime, tão pura
Que só virtudes exprimes
Ao coração torturado,
pela saudade magoado
Pelo destino cruel.
Tu és a pérola linda
do rosário que não finda.
Feita de tortura e fel.
(KOLODY, 2001, p. 238)

Seu primeiro poema publicado já demonstra maturidade e características que a acompanharam durante sua carreira, inquietações que nos permitem adentrar nos detalhes da história e do poema. Desde seu primeiro poema aos primeiros livros, a dor, os sofrimentos e os símbolos, aparecem constantemente, muitas vezes em passagens e acontecimentos do cotidiano, outras em imaginários criados pela autora.

Vejamos o poema “Sintonia” para adentrarmos nessas influências da autora:

O poema publicado originalmente na obra *Infinito Presente* de 1980, revela que o desejo de estar presente no agora, é também a vontade de buscar novas inspirações; inquieta com o mundo e com seus acontecimentos. Kolody expressa em suas poesias diferentes maneiras de se pensar o ser humano e o mundo, como também diferentes anseios e buscas entre os movimentos literários e inspirações. Do modernismo ao simbolismo, de versos curtos a poemas extensos, a autora foi se redescobrendo ao longo de sua trajetória, inclusive sendo umas das precursoras junto com Paulo Leminski do Haicai¹⁸ no Estado do Paraná.

¹⁸ “haicais” são poemas curtos, compostos por dezessete sílabas poéticas distribuídas em três versos, de origem japonesa chegou ao Brasil no início do século XX e hoje conta com muitos praticantes e estudiosos brasileiros. No Japão, e na maioria dos países do mundo, é conhecido como haiku. Informações presentes no site: <https://www.kakinet.com/caqui/nyumon.htm>

Encontramos um emaranhado de influências na escrita kolodyana, a qual sempre se utilizou dos versos livres e sem muitas regras estéticas, tendo na essência das palavras sua definição poética, mantendo sua composição alinhada com suas experiências e imaginários, a autora lança um olhar para o cotidiano que segundo as palavras de Cruz (2006, p. 269):

Helena Kolody – herdeira da uma tradição modernista e poeta da modernidade procura constantemente no cotidiano a matéria de sua lírica, a realidade entrelaçada à maneira de compor as relações entre poesia e vida.

Ainda se tratando das influências da poetisa, destacamos que dois autores estrangeiros foram impicantes em sua iniciação para a escrita, primeiro o poeta ucraniano Tarás Shevtchenko, leitura presente na família de Kolody, que desperta o sentimento deles em relação à cultura dos imigrantes ucranianos, poeta popular e símbolo da revolução ucraniana, seus versos fizeram parte da infância e posteriormente da vida de Kolody, a mesma no de 1940 ajudou na tradução dos poemas do autor para o português. Vejamos o que Helena Kolody (1997, p. 30) revela sobre as lembranças, em que cita o poeta: “Eu fui uma criança bilíngue. Falava português com meus irmãos e ucraniano com mamãe. Guardo, até hoje, na memória, versos inteiros de Tarás Shevchenko, que mamãe recitava em voz alta, à noite, lendo à luz do lampião”.

Leitora assídua das obras do poeta indiano Rabindranath Tagore¹⁹, o misticismo adentra em suas composições, assim como a espiritualidade. Foi com as leituras de Tagore que Kolody descobre o oriente. A partir de tais constatações, segundo a autora, ao falar sobre o tema (KOLODY. In: VENTURELLI, 1995, p. 23- 24):

Talvez aí também esteja a influência do meu sangue eslavo, porque esse pessoal é muito místico. Eu sou de origem ucraniana, mas li mais os orientais do que propriamente os ucranianos. Vejo que a espiritualidade de Tagore me marcou muito.

As marcas orientais e místicas foram a porta para as composições dos “haicais”, do qual a poetisa é lembrada pela crítica literária. “haicais”, como assinalamos antes, são poemas curtos, compostos por dezessete sílabas poéticas distribuídas em três versos. Além de sua concisão e grande carga poética são composições conhecidas pela simplicidade, objetividade. Vejamos o haikai, “Desafio”, original da obra *Reika* de 1993:

A vida bloqueada
instiga o teimoso viajante

¹⁹ Rabindranath Tagore (1861-1941) foi um escritor e místico indiano. Tagore escreveu inicialmente versos em língua bengali em que expõe suas preocupações religiosas, políticas e sociais. Proclama a necessidade de se amar a vida e a natureza e defende o direito à liberdade. Seus versos são extremamente musicais, destacando-se os volumes “Cantos do Crepúsculo” (1882) e “Cantos da Aurora” (1883). Informações presentes no site: https://www.ebiografia.com/rabindranath_tagore/

a abrir nova estrada
(KOLODY, 2001, p. 22)

Objetivo e simples os versos do haikai retratam o que Kolody fez com sabedoria em sua trajetória: aberturas de novas estradas, de forma teimosa e instigante. Contudo, uma viagem que se propôs a fazer, buscando sempre ir além das regras e das palavras que escrevia, a poetisa, da mesma forma que também é singular e influenciadora de outras gerações. Contemporânea de Kolody, a também poetisa e haikaista, Alice Ruiz cita uma das maiores homenagens recebida em vida por ela e por Kolody, nomes “haicaistas” dados pela comunidade oriental para quem se destaca no gênero. Vejamos o relato da autora (RUIZ. In; REZENDE, 1997, p.15):

Vivi, com Helena Kolody, a maior homenagem que meu coração poeta já recebeu. O nome haicaísta, tradicionalmente dado pela comunidade nipônica aos que se destacam nesta poesia, nos foi outorgado na mesma cerimônia, em 13 de junho de 1993. Talvez, pela primeira vez, para duas ocidentais. Homenagem ainda maior por ter sido ao lado de nossa poeta mais amada. Ela Reika e eu, Yuka.

Reika sugere um significado referente as flores, que na cultura oriental são adjetivos de grandeza. Nas palavras de Ruiz, destaque para a homenagem ser para duas mulheres ocidentais, o que demonstra ainda mais o reconhecimento literário junto aos “haicais”. Tal reconhecimento de Kolody mostra a criatividade e força literária da poetisa, transpassando barreiras e fronteiras, mostrando que era mais do que apenas uma jovem ascendente de ucranianos vinda do interior paranaense. Ainda Segundo Ruiz (1997): “Helena é mestra desta grandeza desde 1941, quando publicou seus primeiros “haicais”, até os dias de hoje um aperfeiçoamento em que o espírito e técnica se fundem para deixar em nós, definitivamente, o perfume da mais autêntica poesia”.

No seu primeiro livro *Paisagem Interior* de 1941, aos 29 anos, três “haicais” foram publicados por Kolody: “Prisão”, “Felicidade” e o mais popular e citado “Arco-íris”. Segue os “haicais”:

Arco- íris no céu.
Está sorrindo o menino
Que há pouco chorou.
(KOLODY, 2001, p. 23)

“Arco-íris revela um menino que chorou e riu, duas sensações diferentes, assim como o arco-íris, que aparece como um sorriso logo após a chuva, que seria o choro, a tristeza. Já no haikai “Prisão” podemos relacionar a gaiola com o ramo de flor, que mesmo que esteja sob a luz do sol, não tem liberdade, estão presos e seguros por algo, segue o haikai:

Puseste a gaiola
Suspensa de um ramo em flor,

Num dia de sol.
(KOLODY, 2001, p. 219)

Já o texto “Felicidade”, faz relação com o olhar da pessoa amada, como se fosse um sonho, esquecido nesse olhar. Vejamos o haicai:

Os olhos do amado
Esqueceram-se nos teus
Perdidos em sonho
(KOLODY, 2001, p. 209)

O que nos chama a atenção para esses três “haicais”, é que segundo José Marins (2004, p. 1): “Era a primeira vez que uma mulher publicava “haicais” no Brasil. A segunda foi Rosemary de Barros em 1947, na Revista ASSA, do Centro Acadêmico da Universidade Católica de São Paulo”. Mais uma vez a poetisa Helena Kolody e a sua intelectualidade toma a frente de tal estilo no Brasil. Segundo Rosana Cássia Kamita²⁰ (2000):

Helena Kolody tem a capacidade de transformar em palavras as imagens captadas em sua existência, e mais, é capaz de reduzir essas mesmas imagens em poucas palavras, sem que elas percam sua magia. Seus haikais são relâmpagos de palavras, rápidos e luminosos. A poetisa consegue unir subjetividade e objetividade, numa viagem de versos repletos de significados.

Para Cruz (2011): “Na poesia de Kolody, verifica-se a preocupação do eu poético em relação à elaboração precisa da linguagem, registrada na maneira de interpretar o mundo e as coisas”. Ora, interpretar o mundo e as coisas vem ao encontro de abrir novos caminhos e possibilidades, percorrer aquilo que está presente no ato da criação poética, como também no contexto em que o texto é influenciado.

“O poema nos faz recordar o que esquecemos: o que somos realmente”, nas palavras de Otávio Paz (1982, p. 144), podemos refletir sobre o que disse Kolody, que mesmo de origem eslava, foi nos orientais que se inspirou, sendo assim um encontro com quem ela realmente é, a poetisa que admite suas influências e raízes e que buscou realmente saber quem era.

No poema “Prisma”, publicado originalmente na obra *Tempo* de 1970, percebemos mais do que a sensibilidade de Kolody, encontramos um caminho de palavras que causou admiração e reverência de tantos escritores:

Simple cristal sensitivo
que um fio de luz apunhala,
sangro um íris de palavras.

Não tenho a réstia de sol

²⁰ Citação presente em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/rkamita.html>

nem me pertence o arco-íris.
Tudo é dádiva e favor.
(KOLODY, 2001, p. 108)

O cristal e o reflexo da luz simbolizam as palavras que sangram, sentimento de dor presente em seus versos, Kolody representa neste poema, como alguém que serve e tem uma dádiva, não sendo ela o reflexo do prisma que influenciou e encantou outros autores, o que a autora nos mostra é sua visão de mundo em relação a si mesma. Desta maneira, a poetisa admirada e intitulada padroeira da poesia paranaense, apenas se considerava uma escritora do cotidiano, e foi com essa percepção que a poetisa alcançou seus voos mais altos e ganhou notoriedade mesmo que tardiamente. Helena Kolody escreve seus poemas com estilo próprio, buscando um encontro de cores, assim como no arco-íris e é precisa e ao mesmo tempo sensitiva com o mundo e suas aspirações.

1.2 HISTÓRIA E POESIA, NARRATIVAS QUE SE APROXIMAM

Caleidoscópico
 A cada giro de espelhos
 muda o vitral da vivência.
 Não permanece a figura.
 Nem um desenho regressa.
 (KOLODY, 1997, p. 39)

É essencial buscarmos as referências entre História e Poesia, compreender de que maneira essas narrativas se aproximam e nos indicam o norte nesta pesquisa. Antes disso o poema supracitado, publicado na obra *Tempo* de 1970, é referência de uma fase da vida e do encontro de Kolody com as transições da vida, ora, o poema sempre nos aponta caminhos que vão além do que está escrito, assim como a História e seus caminhos, que nos levam a diferentes versões e olhares através dos fatos. Sobre o poema, encontramos nas palavras de Helena Kolody (1997, p. 39):

Já ‘Caleidoscópico’, de 1970, é essencial. Em criança, gostava de brincar com caleidoscópios. Muitas vezes tentei conseguir outra vez um desenho que me encantara. Cinquenta anos mais tarde, essa experiência aflorou como símbolo da vida transitória e irreversível.

Os desenhos dos caleidoscópios, serviram de inspiração para a autora, mas se pensarmos em transições e mudanças, vamos ao encontro de questões teóricas entre a narrativa histórica e o poema. Ao analisarmos que as criações poéticas partem das memórias, das experiências e dos discursos presentes na vida dos autores, logo observamos uma história de fatos e experiências, que através da arte e do viés intelectual, a torna uma forma de vínculo entre ambas. O texto poético nos remete a diferentes formas de narrativas com múltiplas interpretações, entre os quais se incluem contextos históricos específicos, que deste modo nos leva a criamos uma reconstrução de sentidos expostos nos versos poéticos.

O símbolo e a lembrança do caleidoscópico revelam o essencial da vida da autora, a busca por memórias e sentidos para sua vida e que se expressa nas linhas do poema, o giro dos espelhos e as imagens refletidas são transitórias, logo relacionamos o poema com as mudanças e transformações de vida da autora, reflexos de acontecimentos que foram parte de sua trajetória.

Aristóteles na escrita de sua obra intitulada *Poética*, foi o primeiro a abordar as diferenças entre a narrativa histórica e a poesia, através das diferenças e aproximações. A obra se tornou um marco nos estudos entre literatura e história, sendo que os anos passam e novas análises são apresentadas ao público, a *Poética* sempre é citada e nos orienta com o tema. Sobre

as diferenças de História e poesia citamos duas passagens da Poética que nos ajudaram na análise dos poemas kolodyanos.

No capítulo IX²¹ Aristóteles (1966, p. 50), nos convida a pensar sobre o ofício do poeta e o que difere ao do historiador:

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser histórias, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e está o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que de nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.

Na Poética, a poesia se caracteriza por ser uma *mimise*, imitação do real representada pelas ações do homem na natureza chamada de *physis*, representações daquilo que escapa aos olhos, das formas e maneiras que o homem encontra de representar o que vê, sendo assim, existe para Aristóteles, um universo de possibilidades ao poeta, não sendo somente transcrições de obras como faziam os historiadores da época. Vejamos que a proposta da *Poética* deixa de lado o ofício do historiador se pensarmos naquilo que ele é hoje, mas de outra maneira, vai de encontro sobre as possibilidades que os poemas nos oferecem.

Ronaldo Silva Machado (2000, p. 3) ao analisar a *Poética*, constata aquilo que observamos na citação aristotélica e de que maneira isso nos oferece uns lócus de saber e entendimento nas diferenças entre a poesia e a história, poeta e historiador:

A diferença entre o historiador e o poeta não se dá pelo uso do verso, (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser histórias, se fossem em verso o que eram em prosa), mas em razão dessa ação imitativa que a Poesia realiza e por que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.

A poesia não delimita ações, ela se expande pelas possibilidades, não sendo restrita. Ao contrário do historiador que segundo Aristóteles trabalha como narrador dos fatos, a nossa relação dentro da história cultural permite que o historiador também represente, analise, crie possibilidades e diferentes interpretações. Ao usarmos o poema como fonte, não conseguimos ser apenas expectadores das palavras, sentimos a necessidade de agir e buscar a junção dos fatos

²¹ Utilizaremos para a citar a *Poética* de Aristóteles, a obra que corresponde à edição de Eudoro de Sousa de 1966.

e de todo o contexto histórico que envolveu a escrita da poesia, o que ela representa e o que ainda ela pode nos contemplar.

A poesia como fonte histórica engloba diferentes conceitos e atravessa fronteiras estéticas, nesse ponto trabalhamos com a fonte em caráter de influência involuntária que, segundo José D’Assunção Barros, implica compreendê-la como uma “fonte histórica [...] produzida voluntariamente ou involuntariamente” (BARROS, 2012, p. 140). Assim, as criações poéticas de Helena Kolody não foram pensadas com caráter histórico, mas sim artístico, ou seja, seus poemas e temas que aqui serão analisados e contextualizados partiram da influência involuntária de seus textos, dos quais nos utilizaremos como fontes na perspectiva historiográfica.

Barros (2012, p. 63) refletiu que a fonte: “é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo”. Importa-nos aqui indicar que estamos tomando o poema como um texto de referência, elaborado num espaço-tempo, no qual viveu seu autor, e remete a questões culturais e cotidianas de sua época.

O uso do poema em um sentido maior, quase generalizante, busca construir uma interpretação de um momento histórico, assim ao utilizarmos os poemas de Kolody passamos a referenciar um estilo e diferentes interpretações da sociedade, do tempo, da memória e da cultura ucraniana que engloba seus escritos. Estilo este que se utiliza da memória como referência, uma maneira de rememorar as experiências particulares, criando uma poesia nostálgica em relação ao cotidiano e aos imigrantes ucranianos.

Nesse aspecto é como que a ficção e a realidade fizessem parte de um todo, não se excluindo a perspectiva imaginária da literatura, nem os fatos que envolvem a trama do poema e o que se levou a sua composição, vejamos nas palavras de Roger Chartier (2004, p. 24), que nos permite verificar sobre História e Ficção:

O teatro nos séculos XVI e XVII, e o romance, no século XIX, se apoderaram do passado, deslocando para o registro da ficção literária fatos e personagens históricos e colocando no cenário ou na página situações que foram reais ou que são apresentadas como tais.

Após a constatação de Chartier, podemos pensar que a narrativa poética também tem um papel no desenvolvimento da sensibilidade estética e na construção sensorial da história. Segundo a professora e historiadora Beatriz de Moraes Vieira (2005, p. 12):

A linguagem poética é capaz de dar expressão a modos de ser que a visão comum oblitera, suspendendo os valores referenciais da linguagem ordinária e científica. Em

outras palavras, o discurso poético não é centrado sobre si mesmo como parece, mas liberta um poder de referência de segundo grau que é propriamente a referência poética.

O poder de referência que se liberta do texto poético vai além daquilo que apenas está escrito na literatura, pensamos aqui como História, como fatos e vestígios, como palavras que nos servem de documentos e reiteram não só o significado das palavras, trabalham como agentes de interpretação, indo além da linguagem e estética, entrando nas sensibilidades poéticas que vão de encontro com as sensibilidades históricas. Para Sandra Pesavento (2003, p. 58-59):

Sensibilidades resgatam²² histórias individuais e coletivas. Na experiência histórica pessoal se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, a tradução sensível, que pode ser historicizada e sociabilizada para os homens de determinada época.

Desta forma, o lado individual do poeta e a sua percepção sensível dos temas, é compartilhada com a atuação e percepção do historiador ao analisar o contexto histórico das obras, dos poemas e da carreira do poeta. Intentamos, portanto, relatar uma metodologia com a utilização do poema como fonte histórica contextualizada com o lado intelectual e as influências para a construção poética, dessa forma vamos ao encontro dos estudos culturais e da relação história e poesia. Voltemos para compreensão das ligações e da interdisciplinaridade existe entre a literatura e a história, que atravessa séculos como narrativas que se completam, em uma problemática que já foi abordada por diferentes autores, em diferentes fases.

Ao oferecer ao historiador a possibilidade de investigar um determinado fato e/ou momento histórico, a Literatura e o uso do poema torna-se um documento pertinente para a produção desse conhecimento, o qual respalda-se em documentação que comprove seu estudo. Diferente do que ocorre na narrativa literária, do qual a veracidade do fato não se baseia em documentos, podendo então, alguns acontecimentos serem revelados e outros não.

Segundo Palmer (1969, p. 21): “Compreender uma obra literária não é uma espécie de conhecimento científico que foge da existência para o mundo dos conceitos; é um encontro histórico que apela para a experiência pessoal de quem está no mundo” Nesse sentido, conceber os Estudos Culturais a partir de um enfoque relacionando História e Literatura tem garantido relevância e novas descobertas, haja vista que fazer história implica necessariamente em desmistificar o conhecimento como forma de poder, propondo nessa direção um estudo interpretativo entre objeto e suas possibilidades. Nessa linha interpretativa, pelas palavras de

²² Compreendemos o verbo “resgata” como “recupera” ou “evidência”.

GINZBURG (1987), o objeto não é o real e sim as maneiras pelas quais os indivíduos o pensam e o transpõem. Assim nós, como historiadores, ao utilizarmos poesia como objeto de estudo e fonte, transportamos as possibilidades e as relações entre pensamentos do autor, com o tema escrito e seu estado crítico da arte.

O poema viabiliza espaços e uma conjuntura de vestígios que se tornam possibilidades na História. O poema como arte nos permite admirar, e não impor sentidos históricos nas palavras, ao usarmos o poema como fonte, ele se torna um documento de uso e análise historiográfica, que permite uma série aprofundada de indagações. De certo modo, seria o poema como fonte, uma aproximação de mundos entre autor e leitor, sendo o historiador um decodificador da mensagem que os acompanha.

A obra *Entre a Literatura e a História* do crítico e historiador literário Alfredo Bosi (2013), é essencial para pensarmos a poesia como artefato histórico, e buscarmos compreensões possíveis entre ficção e história. Com análises de diferentes escritores e estilos, Bosi nos orienta para pensarmos as entrelinhas da poesia, fazer parte do que o autor escreve e não apenas usar a literatura como ferramenta de interpretação e sim, a utilizar como parte do texto histórico.

Assim, Bosi (2013, p. 18) nos revela: “A poesia não se limita a refazer por dentro a percepção do outro. Também nomeia o mundo de objetos que nos rodeiam e constituem nosso espaço de vida, balizas do itinerário cotidiano”. Desse modo, as barreiras textuais são quebradas pela constituição de tudo que envolve a poesia e a história, trata-se de um roteiro com interfaces que vão se transformando.

Alfredo Bosi (2013, p.10) destaca também a importância da poesia ao mundo atual, visto que: “A poesia seria hoje particularmente bem-vinda porque o mundo onde ela precisa subsistir tornou-se atravancado de objetos, atulhado de imagens, aturdido de informações, submerso em palavras, sinais e ruídos de toda sorte “*Much ado about nothing*”. Conforme o autor, pensamos tudo que a poesia gera para a história, para os fatos, para as épocas e para quem as lê. Observar o lado e o contexto histórico sob o olhar de um poeta é se permitir entrar nas interfaces entre ficção e realidade, aquilo que como já falamos é involuntário e atua nas sensibilidades.

Com esse intuito, nos questionamos de que forma os poemas kolodyanos representam a história de vida da autora e em como podemos pensar os seus poemas como um artefato histórico e de valor sensível para uma a sociedade. Questões estas que serão pensadas ao longo dos capítulos que seguem, mas que nos vale já ressaltar tudo que envolve e se torna importante abordar.

Segundo Helena Kolody (1997, p. 37), ao falar sobre ser poetisa e seus poemas, destaca a influência que gera em seus leitores como também, aquilo que segundo Bosi está submerso em palavras:

A poetisa nasceu em mim antes da professora. No alvorecer da adolescência, que é como um novo nascer, senti a necessidade de fazer versos, mesmo sem saber fazê-los. Nunca os mostrei a ninguém. Mais tarde, destruí-os, o que hoje lamento. Nos primeiros livros, os poemas eram mais espontâneos, mais descritivos, com vivas tonalidades emocionais. Até hoje, é a poesia dessa fase que mais agrada o leitor, que com ela facilmente se identifica.

A partir das palavras da poetisa e do seu sentimento em torno da sua escrita, voltemos para Alfredo Bosi, que explora o móvel existencial em uma junção de memória, imagem e som e que nos convida a pensar, em torno do poeta e do poema, as potencialidades de expressões do ser humano e do seu entorno. Ratificamos aqui, que a narrativa histórica e a narrativa poética se diferem em sua construção e estética, mas recordemos que a verossimilhança presente na história e literatura se aplica também à poesia. Buscamos compreender nessa relação os detalhes, as arestas que redirecionam para possibilidades e descobertas, que mesmo nos detalhes se impõem e se destacam. Demonstrando coesão entre o real e a ficção, entre o fato e a percepção de visão do autor. Como podemos perceber no que sugere Hegel (1964, p. 77-78):

[...]a poesia deve então descobrir o sentido mais íntimo de um acontecimento, concentrar a sua atenção sobre o que deixa transparecer melhor a substância íntima da coisa, a fim de dar a esta, na sua forma exterior, uma expressão tal que os simples elementos racionais em si se possam revelar e manifestar por uma adequada exteriorização real. Isto permite à poesia delimitar de maneira vigorosa o conteúdo de uma obra, fazer dele um centro mais ou menos fixo que, por um lado, assegure a coesão das partes (a verossimilhança e a necessidade aristotélicas) e, por outro, sem afetar no que quer que seja a unidade do todo, deixe a cada pormenor o direito e a possibilidade de se exprimir e de se impor.

No que compreende a verossimilhança a poesia se aproxima do texto e da narrativa histórica, não pretendemos julgar, analisar e desenvolver um comparativo entre ambas nesta pesquisa, mas sim nos orientar através das duas nas referências entre o fato histórico e as percepções presentes nos poemas kolodyanos, de modo a entendermos a escrita que se conduz entre o real e o imaginário. Na citação anterior de Hegel, percebemos que o que ele chama de “correção histórica”, atrelando sentidos íntimos da história, vai de encontro com a nossa compreensão e representação dos detalhes. Em sua análise sobre as constatações de Hegel, Márcia Valéria Zamboni Gobbi (2004, p. 43), salienta que:

Este sentido da “correção da história” que encontramos em Hegel parece exercitar-se, ainda que de forma irônica, nos romances contemporâneos. Neles, o “sentido íntimo” da história (colocando-se aí, entre parênteses, a possibilidade de seu alcance, justificável, entretanto, para o idealismo hegeliano) - ou do fato histórico ficcionado - parece mesmo advir desse poder da poesia (da criação) de “tornar a verdade externa conforme a verdade interna” da obra.

Reforçamos aqui que, as verdades apontadas pela autora e sustentada pela percepção de Hegel, nos situa a levar em conta os dois lados do poema para a análise histórica, aquilo expresso de forma superficial nas palavras e aquilo que buscamos sustentar como aproximação, os detalhes e as subjetividades.

Entre temas diversos e representações possíveis, o poema nos sustenta naquilo que compreendemos como um ato de aproximação entre as narrativas e que vão além das fronteiras do texto. A construção poética de Kolody revela detalhes de sua vida que evidenciam sensibilidades entre o cotidiano e o tempo. Seus escritos imprimem um estilo próprio que exalta vários aspectos e temáticas.

Assim encontramos em sua poesia um fio condutor de história sensível que retrata diferentes mundos e personagens, mostrando que a análise do poema é uma fonte enriquecedora aos olhos do historiador. A partir desta contação, vejamos o poema “Fim de Jornada”, original da obra *Vida Breve*, de 1964, em que percebemos a sensibilidade através do cotidiano:

Caminhar ao encontro da noite.
Como o camponês regressa do lar.
Após um longo dia de verão.

Sem pressa ou cuidado.
Na tarde ouro e cinza.
Sozinho entre os campos lavrados.
E as colinas distantes.

Caminhar ao encontro da noite.
Sem pressa ou cuidado.
A noite é somente uma pausa de sombra.
Entre um dia e outro dia.
(KOLODY, 2001, p. 143)

O cotidiano de um camponês representado no poema supracitado, nos possibilita pensar que a construção sensível nos textos de Kolody são acontecimentos rotineiros, mas também detalhes que carregam sentidos e diferentes interpretações. No poema, o regresso do camponês depois de um dia de trabalho em um dia de verão “sem pressa” e “sem cuidado”, representa a sensibilidade e a visão da autora com a cena; o cansaço é retratado de maneira poética, da mesma forma que as paisagens, por fim, a noite é o momento de descanso, momento esse esperado como se fosse uma vitória pessoal do camponês, após as tarefas no campo.

Acompanhando a análise, voltemos para o ano de 1951 na obra *A sombra do Rio*, em que o poema de mesmo nome nos leva a perceber a construção poética de Kolody e a relação com seu cotidiano:

Noto a passagem do tempo,
Porque minh' alma imutável
Projeta na correnteza
Fugaz dos dias da vida
A quieta sombra do eterno.

Passo e permaneço.

Passo nessas águas
Tão atormentadas
Pelas asperezas,
Tão escravizadas
Dentro do limite,
Que não sabem nada
De sua trajetória.

Passo...e permaneço!

Fico nessa sombra
De contorno exato,
Quase perturbado
Pela correnteza.
Sombra do “eu” imóvel
Que conhece o rumo
Para além dos dias.
(KOLODY, 2001, p. 161)

Segundo Cruz (2010, p. 129), a poesia de Kolody é uma “experiência elaborada”, o poema “A sombra no rio” constitui uma narração dessa elaboração da poetisa, uma vivência cercada pela natureza, pela simbologia do rio e por tudo aquilo que representam na sua vida. A juventude de Kolody se passa na cidade de Rio Negro, a cidade é cortada por um rio de mesmo nome, sendo a fronteira territorial com a cidade de Mafra no Estado de Santa Catarina, a correnteza e o rumo do rio são para Kolody, o rumo de sua vida, pois a autora observa e vê que o tempo a levará para outros lugares, como assim se sucedeu. Vejamos pelas palavras da autora sobre o rio: “Eu amava o largo rio de águas mansas que separa Rio Negro de Mafra. Esse rio aparece em numerosos símbolos e imagens em meus versos”. (KOLODY, 1997, p. 28).

Na primeira estrofe do poema a autora observa a passagem do rio, como observa o tempo, pensando e deixando fluir suas ideias, um cotidiano que reflete sua juventude. A projeção da sua imagem na correnteza, é a projeção de sua carreira e de que a sua estadia na cidade interiorana é apenas passageira, assim como o tempo da juventude. Na continuidade do poema, nos chama a atenção as palavras “Sombra do eu imóvel”, é como se Kolody estivesse

pensativa ao observar o leito do rio e sua correnteza, percebendo que sua vida seria transformada e levada para outros lugares, assim como as águas do rio.

Outro poema que aborda o rio é do ano de 1941, da sua obra inicial *Paisagem Interior*, que leva o nome de “Rio de Planície”, nele podemos perceber a maneira particular que Kolody se dirige ao rio, da mesma forma que se autorretrata:

Minha vida é um largo rio de águas mansas
 - Vida sem ilusões nem esperanças –
 De curso sempre igual.
 Rio sem a imponência das cachoeiras,
 Sem o encanto verde das ilhas,
 Nem o ímpeto rumoroso das corredeiras.
 - Sem grandes alegrias nem profundas mágoas –
 Rio de planície ignorada; rio, cujas águas
 Passarão sem deixar memória.
 De sua silenciosa trajetória.
 (KOLODY, 2001, p. 213)

O poema pode ser lido como uma representação da vida de Kolody, no início de carreira e na fase da juventude, se comparando ao rio que naquele momento não tinha um grande destaque, um rio que não deixaria memória e não tinha a mesma beleza se comparado aos outros. Havia um símbolo de tristeza e incertezas na vida da autora, que nesta época produzia e pagava com seu próprio dinheiro as publicações e edições de sua obra e de certa maneira imaginava sua trajetória com dificuldades no meio literário e na vida pessoal.

O estudo da literatura dentro de uma perspectiva historiográfica, engloba significações e imaginários. Para Sandra Jatahy Pesavento, “a história, tal como a literatura, constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário” (PESAVENTO, 1998, p. 12-13). Desta forma, percebemos uma ampla liberdade no texto literário e uma busca de subjetividades criadas pelo autor em experiência a algo vivido; já na história, precisamos reiterar de fato as significações por meio de comprovações documentais. Sendo assim, o texto poético cumpre esse papel de intermediário entre a fonte e os imaginários.

Outro aspecto a ser abordado diz respeito ao fato de que o texto literário poético e a história interagem de formas distintas, pois implicam o entendimento e a recepção dos leitores, as múltiplas interpretações e as visões que podem ocorrer. Neste sentido, o texto ficcional e histórico representa uma interposição receptiva que segundo Gabriela de Lima Grecco (2015, p. 120): “criam uma dependência relativa à recepção e às interpretações dos seus leitores, embora seja claro que a leitura do texto histórico tem certo fechamento às livres interpretações, diferentemente do texto literário”.

A poesia como fonte interpretativa na história requer o uso de diferentes metodologias de análise. Sem dúvida, como chama a atenção Hayden White, devemos levar em consideração a relação do poeta com sua escrita, analisando várias interfaces que a cercam. White aponta uma disparidade entre o discurso ou seu modo de enunciação de um lado, o significado de outro. Ou seja, ele nos fala de uma união do significado e do significante no próprio símbolo, numa busca de adequação à mensagem que queremos transmitir por meio de uma linguagem. Nessa lógica, sugere que a análise da poesia exige o exercício da interpretação histórica. Conforme White (2001, p. 99):

O historiador trabalha indutivamente, coletando seus fatos e tentando evitar quaisquer padrões de formação, exceto aqueles que ele vê, ou tem a honesta convicção de ver, nos próprios fatos. Ele não trabalha “a partir de uma forma unificadora”, como faz o poeta, mas “com vistas” a ela segue-se, portanto, que o historiador, como qualquer um que escreva prosa discursiva deve ser julgado “pela verdade do que diz, ou pela adequação da sua reprodução verbal de seu modelo exterior”, quer esse modelo se componha das ações dos homens no passado, quer do próprio pensamento do historiador acerca de tais ações.

Por meio desta assertiva percebe-se que o autor representa o historiador como alguém que coleta os dados e os julga, diferente do poeta que escreve um discurso voltado para a sensibilidade. Os dois usam formas de discursos, mas se utilizam delas de maneiras diferenciadas. Mas, o historiador é capaz de analisar e transformar versos em fontes de pesquisa, no caso um poema, um soneto ou uma simples frase poética. A partir da percepção de narrativas similares e que adentrem ao mundo da sensibilidade e dos detalhes, o historiador constrói uma representação do passado, sendo que sua narrativa não possui apenas semelhanças em relação ao campo da ficção, da literatura, mas também diferenças. E são mediante tais diferenças e aproximações que o texto poético recria cenários interpretativos, e ainda constroem histórias dentro de histórias.

Segundo Alfredo Bosi: “Uma obra de arte não é igual a outra, por mais que guardem ambas características comuns de forma ou significado” (BOSI, 2005, p. 322-323). Logo, entendemos que as significações do poema permitem ao historiador decifrar um campo repleto de vestígios históricos.

A História e a poesia também se aproximam pelas representações imagéticas, não no sentido ilustrativo ou pictórico, mas sim, no âmbito da imaginação e da recepção do leitor. Em sua criação, a experiência de vida do autor assim como o momento em que viveu, impactam diretamente na criação tanto poética quanto historiográfica. Em outras palavras, pode-se afirmar que em uma linha discursiva, história e poesia estão ligadas pela imagem construída por meio do texto.

Sem dúvida, as interpretações recriam elementos presentes no texto, mas a poesia diferente de outras fontes, produz não só diferentes imaginários e cenários, como é capaz de traduzir as representações e experiências dos autores. Porém caberá ao próprio leitor receptor do texto redistribuir as palavras nos cenários, recapitular os textos em contextos históricos e épocas, alinhando elementos às percepções do tempo, da imagem, da narrativa e da memória. Segundo White (1994, p. 78):

Quanto ao elemento interpretativo que poderia figurar num relato histórico do passado, eles estão inclinados a nele ver o empenho do historiador em preencher por especulação as lacunas dos registros, em inferir motivos dos agentes históricos e avaliar o impacto, a influência ou a significação de fatos estabelecidos empiricamente com relação a outros segmentos do registro histórico.

Corroborando com as constatações de Hayden White e analisando o texto poético como narrativa e fonte histórica, considera-se que a poesia não se resume apenas a um elemento estético ou artístico. Sob a ótica do historiador, a poesia é capaz de revelar acontecimentos históricos em diferentes segmentos e com distintas significações.

No caso do historiador, ele detecta nas poesias kolodyanas espaços e temporalidades que permitem articular o enredo dos poemas com elementos e personagens que interferem diretamente na construção artística de Helena Kolody. Aliás, como bem o lembra Paul Veyne, “os historiadores narram fatos reais que têm o homem como ator; a história é um romance real” (VEYNE, 1982, p. 7-8). Sendo assim, tanto o texto histórico quanto o texto poético são criações e caminham em direções próximas, completando espaços e abrindo possibilidades interpretativas.

Ao se analisar as referências do texto poético com o texto histórico, constrói-se uma ampla área de possibilidades para se trabalhar com as poesias e suas significações. Segundo Vieira (2005, p. 13):

Lúdica, a poesia desobriga-se de explicações e entendimentos, brinca com forma e conteúdo, transgride a ordem que a linguagem estereotipada instaura, trabalha com a ambiguidade e a desconstrução, é mais aberta aos impossíveis, ao passo que a história deve construir um discurso sobre o humano verossímil e possível, porque sua função básica é compreender e tornar compreensível o curso de nossa existência. À força de explicar e se fazer valer, a história relaciona acontecimentos, demonstra, conceitualiza, estabelece conexões, dialoga com a ciência, a filosofia, a literatura – mas sempre obrigada às restrições da possibilidade de comunicação social, dentro da esfera do plausível e da compreensão. De modo diverso funciona a poesia, que tangencia o impensável, pende-se sobre o silêncio e o inefável, namora o impossível, segue sorrateiramente o desconhecido nas sendas escuras do medo, dilata o horizonte, enfrenta o temor do vazio, chama o infinito.

O que a professora Beatriz Vieira nos fala e que já reiteramos, enquanto a poesia pende para o imaginário, se utiliza do artístico e daquilo que é uma criação do autor, a narrativa histórica contempla as semelhanças, as verdades e as versões dos fatos. Ao nos questionarmos sobre quais as possibilidades que o texto poético nos revela, levamos em conta aquilo que não é dito e que não aparece no texto, repensamos as imagens poéticas e associamos com a vida e cotidiano dos poetas. Assim como pensamos as possibilidades em Kolody, de certo modo temos vestígios e pistas da sua vida, carreira e influências e mergulhamos no horizonte dilatado, como cita Vieira, ou ainda nos desdobramos em caminhos que permitem explorar as palavras e a visão daquilo que é compreensível. Para Otavio Paz (1984, p. 120) “O poema não diz o que é e sim o que poderia ser”.

Cumpramos destacar que o trato de conceitos e definições prévias podem enredar em armadilhas limitadoras na compreensão dos sentidos da poesia, especialmente quando esta é tratada como fonte histórica, por essa razão, optou-se nesta pesquisa por não circunscrever às regras estéticas, mas por examinar sua relação com três postos-chaves: a vida do autor, a época da escrita e as influências culturais do poeta.

Vejamos o poema “Passado Presente”, originalmente publicado na obra *Sempre Palavra* de 1985:

Ilusórios regressar,
pelos caminhos de agora,
aos dias que se apagaram.

O rosto de ontem mudou.
Lugar que foi, não é mais.
O viver é diferente.

Somente em nós, tudo existe
e não se extingue jamais.

Tempo guardado em lembranças,
A saudade nos devolve
todo o presente de outrora.
(KOLODY, 2001, p .60-61)

Passado e presente, tempos distintos que na história se completam e que na poesia se encontram. O poema supracitado é uma contemplação de Kolody as memórias, a saudade e ao tempo que marcou sua vida, expressões e marcas na memória e no corpo, a vida transformada pela ação do tempo, de um passado que vem à tona e que é simplesmente o presente a bater na porta. Le Goff (1990) afirma que a ideia de memória nos remete, em primeiro lugar, a um fenômeno individual e psicológico, que possibilitaria ao homem a atualização de impressões ou informações passadas. Desta maneira a memória produz seus efeitos na poesia kolodyana,

direcionando uma determinada historicidade para os sentidos e para os sujeitos, em informações que a autora recebeu e teve suas impressões.

A dialética passado presente é um tema recorrente nas poesias de Helena Kolody, a autora costuma em certos momentos se referenciar ao passado usando acontecimentos do presente, imagens e memórias. O desejo de regressar aos anos que se passaram, a sua juventude, nos leva a perceber uma poetisa que apegada as suas marcas e lembranças, aos fatos que sua memória recorda e estão presentes no seu cotidiano, o uso da memória como uma ferramenta de aproximação entre o ontem e o agora.

“A criação poética é fruto da memória, uma vez que ela “aparece como faculdade de base” (BOSI, 1977, p. 204). O texto poético permite a realização da memória, uma (re)laboração do passado de modo que venha de encontro com o presente, naquilo que foi vivido pelo poeta ou apenas imaginado.

1.3 A POESIA E SUAS RETOMADAS/EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS PELA SENSIBILIDADE

Outra Dimensão

Quem pintará
a voz e a canção?

Quem prenderá
no cárcere do verso
a miragem e o sonho
o vôo e pensamento?
(KOLODY, 1997, p. 61)

O poema citado, publicado originalmente na obra *Sempre Palavra* de 1985, nos envolve em uma trama de questionamentos e adentra aquilo que discutiremos nesse momento, as retomadas históricas, as possibilidades daquilo que está apenas escrito, mas que de certa maneira, faz parte de todo um processo histórico e cultural. Helena Kolody, questiona sobre a miragem, o sonho, o voo e o pensamento, que segundo ela estão presos ao verso do poema, sendo a outra dimensão.

Reparamos que na primeira estrofe a palavra voz nos leva a questionar sobre narrativas, onde esse questionamento da poetisa acaba por revelar o poder das palavras, das sensações e emoções que acompanham toda poesia, assim retomamos as possibilidades que seus poemas nos proporcionam. Segundo a própria Kolody (1997, p. 62):

Aprendi a conhecer o poder extraordinário de que a palavra tem e adquiri consciência da responsabilidade que a palavra gera. Ela tem um valor presente e um alcance futuro incalculável. O que dizemos deixa marcas indeléveis na inteligência e na sensibilidade dos outros.

Aparentemente, as inquietações de Kolody sobre as palavras e o que elas proporcionam seriam realmente repensadas e analisadas nesta pesquisa. Mas, claro que isso é apenas uma observação que de certa forma nos permite uma reconstrução e retomada de seus poemas. Para analisarmos as sensibilidades em seus versos e buscarmos as possibilidades de interpretações históricas, utilizaremos o que a História emotiva e torna sensível e o que seus mais variados temas nos oferecem. Dito isso, caberia indagar: O que nos revela cada palavra em um poema? De que maneira a História está presente em fatos na poesia? Segundo Ival de Assis Cripta (2007, p. 14):

O estudo da literatura, ou da poesia, concebido como um objeto de análise para os historiadores, questionou a crença na existência de um passado fixo e determinado e implicou na possibilidade de refletir sobre a representação histórica e os imaginários

sociais, conferindo, de novo, uma importância maior à imaginação poética na produção do conhecimento histórico.

Essa importância da imaginação poética referida por Cripa, é o que nos insere nas entrelinhas dos poemas, pois, não cabe ao historiador escrever apenas aquilo que está exposto nas fontes, a história nos permite hoje ir além, entrar naquilo que não foi dito, imaginar como e comparar com fatos históricos de cada fase em que o autor escreveu seus poemas. Buscamos aqui demonstrar como a obra de Kolody, apesar da sua amplitude e diversidade, expressa questões históricas e outras que são levadas de encontro com diferentes temáticas. Paul Ricoeur assinala que é preciso considerar que existe sempre uma ligação indireta entre a história e a narrativa, pois a história possui um “enfoque poético” e realiza sempre um processo de “reconstituição imaginária e provável” do curso dos acontecimentos. Nessa linha interpretativa, estamos pensando em uma história que é retomada pela leitura e releitura de acontecimentos e não seria essa uma maneira de questionarmos as retomadas históricas nos poemas kolodyanos?

Para isso, conforme as leituras dos poemas encontramos histórias e retomadas de memória da autora e de um coletivo, como por exemplo o cotidiano dos imigrantes no Brasil ou ainda as histórias contadas por seus pais sobre a trajetória dos mesmos, partindo do leste europeu até a chegada em território brasileiro e posteriormente a permanência dos imigrantes nas cidades do Paraná. Neste caso, a memória é utilizada como uma maneira de legitimar os acontecimentos destacados em alguns poemas da poetisa, primeiro na escrita, segundo na criação e depois na leitura e releitura dos poemas. Nestes poemas e passagens sobre a imigração veremos com mais consistência na unidade 2, deixando claro a relação da poetisa e com os imigrantes ucranianos.

Neste sentido, a História e a poesia se completam, mesmo que sejam diferentes, mas existe uma junção de complementos que nos revelam em seu âmbito não genérico uma vasta amplitude de imaginários históricos. Assim Kolody (1997, p. 52) nos diz que: “O poeta é uma alma sensível, captando seus próprios sentimentos, bem como os acontecimentos do mundo que lhe forem a sensibilidade”. E com essa sensibilidade e buscando acontecimentos, seus poemas nos permitem ir além das imaginações e sensibilidades, permitem entrarmos em “mundos” que foram particulares de Kolody. Retomadas do tempo, da memória, das viagens e dos destinos poéticos kolodyanos, que se apresentam como figuras e imagens e se revelam além dos sentimentos, mas também histórias, personagens e tramas. Deste modo, retomamos as palavras de Cripa (2007, p.31) quando este nos revela: “A imagem poética “permanece ativa e mais além do tempo e da sociedade na qual surgiu. Evidentemente, a crítica da história pelo poema se estende como busca de um compromisso com a vida.” As imagens poéticas vão além e

desenvolvem de acordo com o que o poema nos oferece histórias nas mais variadas temáticas e superfícies, um compromisso com o que está e não explícito nas palavras.

Mas afinal como a História sensível nos indica as aproximações entre História e poesia? As sensibilidades são frutos das experiências de quem conta a História, das experiências de vida que vão além das memórias coletivas e individuais da qual trataremos no segundo capítulo deste trabalho. Recapitulando Pesavento, é através das sensibilidades que o historiador captura a vida no tempo e suas experiências. Assim, tomamos os poemas kolodyanos como uma retomada sensível da História, do modo de vida e da experiência de Helena Kolody.

Deste modo e fazendo uma ligação junto ao pensamento de Jaques Le Goff (1980, p. 12): “O imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito, mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra”. Entre o imaginário e as sensibilidades retratamos aqui o sentido poético aplicado a História, sentidos que os poemas tomam de modo que circunscrevem a vida e as experiências da autora.

Segundo Alfredo Bosi (2005, p. 6), o historiador da literatura encontra uma problemática na construção da obra e nos seus diferentes sentidos atribuídos:

A matéria-prima do historiador literário é tudo o que se escreveu e que pode ser considerado representativo de uma certa cultura? Responder afirmativamente significa tomar a palavra ‘literatura’ no seu amplo sentido de material escrito sobre uma grande variedade de temas. Ou a sua matéria é o texto literário em sentido estrito, o que vem a dar prioridade à poesia, à narrativa ficcional, à tragédia, à comédia, ao drama, em suma, aos gêneros textuais em que predomina a imaginação ou o sentimento, sem relação obrigatória com a verdade atestável dos atos representados? Note-se que este dilema já estava formulado na oposição que Croce fazia entre poesia e não-poesia, englobando nesta última todos os elementos didáticos, políticos, científicos, religiosos etc., que formariam a estrutura cultural de uma obra, mas não lhe dariam a identidade poética e artística, constituída da síntese de imagem e sentimento, intuição e afetividade.

Bosi em sua análise se utiliza do que seria poesia ou não poesia com influências crociana, aqui nós utilizamos sua análise para pensarmos a poesia e aquilo que ela nos oferece para representação histórica como também o nosso envolvimento sensível com o poema. Vejamos o poema kolodyano “Cartas antigas”, da obra *Infinito Presente* de 1985, nele encontramos nas palavras da poetisa uma sintetização do que a construção poética nos revela:

Falam as cartas antigas
ressuscitam o esquecido.

Volta o passado nas datas,
extintas vozes acordam
marulha um mar perecido.
(KOLODY, 2001, p.77)

Os amplos sentidos que Bosi nos convida a observar entre poesia e história é perceptível nos poemas kolodyanos, de modo que a variedade temática acaba que por muitas vezes entregando e voltando para as sensibilidades da autora, das palavras e dos fatos. Narrativas que ampliam sentidos e percorrem diferentes constatações. As inquietações presentes no poema nos mostram dimensões de espaço e tempo, cartas antigas que remetem a um passado de datas e vozes, que pertenceram a personagens. A ascendência ucraniana de Kolody e seu sentimento pelo tema, nos remetem a muitos poemas que serão analisados, mas “Cartas antigas” já nos convida a pensar o tema e desencadear imaginários sensíveis e emotivos que envolvem a construção poética voltada para a história. Pensamos que a literatura é um discurso privilegiado em encontro com o imaginário em épocas, fatos e personagens, já o texto literário é o que poderia ter acontecido ficando a história como a narrativa dos fatos verídicos.

Segundo Paul Ricoeur (1983), os fatos narrados na trama literária existiram de fato para a voz narrativa. Nesse sentido, encontramos aqui não só retomadas históricas nos poemas kolodyanos, mas experiências e sentidos atribuídos pela narradora Helena Kolody. Vejamos o poema “Saga”, publicado em 1980, na obra de mesmo nome, no qual encontramos uma narrativa que adentra os sentidos tanto da autora, quanto do imaginário sensível da história dos imigrantes ucranianos:

No fluir secreto da vida,
atravessei os milênios.
Vim dos vikings navegantes,
cujas naus aventureiras
traçaram rotas nos mapas.
Ousados conquistadores
fundaram Kiev antiga,
plantando um marco na história
de meus ancestrais.

Vim da Ucrânia valorosa,
que foi Russ e foi Rutênia²³.
Povo indomável, não cala
a sua voz sem algemas.

Vim das levas de imigrantes
que trouxeram na equipagem
a coragem e a esperança.

Em sua luta sofrida,

²³ Russ e Rutenia são referências históricas sobre os domínios da Rússia e do Império Austro-hungáro frente à Ucrânia, segundo Guérrios (2012, p. 178): Em algum momento entre a chegada dos rutenos no Brasil e o ano de 1924, os “rutenos” passaram assim a chamar a si próprios de “ucranianos”. O que significa, contudo, essa mudança de nome? Rutenos, foi o nome atribuído pelas autoridades do Império Austro - Hungaro aos camponeses da Província da Galícia que falavam uma língua própria e pertenciam em sua grande maioria à religião uniasta Greco-Católica. Constituíam assim o que em geral se chama um grupo “étnico”, um grupo que partilha traços culturais diversos, mas não tem um Estado independente e não se constitui a partir de um projeto “nacional”.

correu no rosto cansado,
com o suor do trabalho,
o quieto pranto saudoso.

lar singelo à beira d'água, no sertão paranaense.

Milhares de passarinhos
me acordavam nas primeiras
madrugadas da existência.

Feliz menina descalça,
vim das cantigas de roda,
dos jogos de amarelinha,

do tempo do “era uma vez...”

Por fim ancorei para sempre
em teu coração planaltino,
Curitiba, meu amor!
(KOLODY, 2001, p.86-87)

A partir da leitura atenta desse poema notamos, como salienta Alfredo Bosi, que as imagens vividas figuradas no ato da escrita traçam uma realidade evocada. Do ponto de vista do autor: “A reminiscência, quando penetrada pela imaginação, traz a sua própria verdade, que cabe ao historiador reelaborar, segundo a sua concepção de historicidade” (BOSI, 2013, p. 87). Em outras palavras, entendemos que os traços da memória pertencente a um indivíduo ou a uma sociedade (as memórias coletivas), podem ser alvo de interesse tanto do literato quanto do historiador, pois ambos procuram decifrar os indícios de acontecimentos e/ou fatos.

No seu exercício poético, Kolody tematiza aspectos que contemplam a forma de vida dos imigrantes no interior do Paraná e na área urbana. Partindo de uma história de afirmação do povo eslavo nas regiões do estado onde foram inseridos, se evidencia de um lado a luta, a glória dos imigrantes, as conquistas diárias, e de outro, o destaque ao pranto, à saudade e à luta sofrida dos imigrantes, afirmando apenas um lado da narrativa e não as situações contrárias, ou outros povos nessas regiões.

Em uma retomada histórica do poema e partindo da sondagem do imaginário e da sensibilidade da autora podemos analisar da seguinte maneira: nas duas primeiras estrofes do poema a autora narra a origem milenar do povo ucraniano, suas conquistas e glórias ancestrais. Representa-os como “ousados” conquistadores “em um apelo histórico emocional” para ilustrar com fervor e orgulho a sua descendência. Enfatiza, ainda, a origem viking deles, mostrando-os como um dos primeiros povos. Na terceira estrofe, Kolody exalta a origem do povo ucraniano, primeiro pertencentes à Rutênia, estado criado no ano de 1658, tripartido no tratado de Hadziacz, que propunha a união em República polaca- lituana- rutena. Também enfatiza a índole do povo como indomável e que não se cala com as algemas.

Nessa direção, cabe-nos indagar, de que forma as imagens da poética kolodyana nos levam a identificar a cultura ucraniana? Como os relatos de memória individual e coletiva de Kolody, recriam cenas da saga imigrante? Questões essas redirecionadas a se pensar e analisar as formas concisas presentes nas entrelinhas de seus escritos. Segundo Pesavento (1995, p. 17): “Tentar reconstituir o real é reimaginar o imaginado, e caberia indagar os historiadores, no seu resgate do passado, podem chegar a algo que seja uma representação”. Percebemos isso nas quarta e quinta estrofes do poema, onde a autora destaca os imigrantes ucranianos, seu sofrimento por gerações dominadas. Retrata o perfil dessa população, sua condição humana, suas lutas nos mais diversos sentidos, entre eles a de abandonarem a pátria de origem. As palavras “coragem” e “esperança” evidenciam a ênfase no sofrimento, no trabalho árduo, em muitas situações de forma “escrava”. O “pranto saudoso” da sua pátria, da família, da casa, da vida deixada no passado também é mencionado.

Em outros termos, podemos detectar que a poetisa enfatiza a dor e a coragem que o desenraizamento gera e as compensações geradas pela esperança em uma vida melhor, depositando no trabalho as expectativas de superação da condição de miséria.

No término de seu poema, a autora se remete ao deslocamento da Ucrânia para o Brasil, contanto agora sua vida, seu cotidiano que começa no interior e termina na capital do Paraná (Curitiba), e ainda, retrata os sentimentos de um descendente de ucraniano por meio de sua própria experiência de vida. Ao mencionar o “sertão paranaense”, a autora refere-se a sua infância no interior do estado, com certo saudosismo pelas coisas simples da vida como, por exemplo, o cantar dos passarinhos, as brincadeiras de criança, a inocência de uma vida tranquila de criança do interior. Helena Kolody finaliza seu poema e faz referência a Curitiba, cidade que morou até a sua morte.

Notamos um extremo sentimento de emoção em cada junção de palavras. Emoção de quem saiu do interior ainda em processo de reocupação e que chegou à capital. Parece que a descendente de imigrantes, após relatar a saga ucraniana, encontra a paz e a alegria em terras paranaenses, revelando amor à Curitiba. O registro do passado, sem dúvida, pode ser interpretado de várias maneiras. No poema “Saga”, Kolody apresenta a trajetória do povo ucraniano terminando na referência a sua própria história de vida. Nesse sentido, a poetisa apresenta a identidade do povo imigrante por meio de registros e experiências de vida que também são suas. A memória que se desvenda é construída tanto pela experiência de quem imigrou e de seus descendentes, como também é moldada por questões do presente.

Trata-se de uma retomada de sentimentos pela experiência de vida sensível e de um imaginário que foi fruto dos relatos de seus antepassados. Kolody emprega sentimento e história

na sua construção poética, representa não só as emoções, mas tudo que gira em torno de um acervo pessoal de sua memória. Na perspectiva dos estudos culturais favorece um estudo pelas perspectivas/experiências, como também pela memória, o que veremos mais especificamente no segundo capítulo. O poema kolodyano pode ser inserido como uma fonte histórica e também uma fonte de práticas culturais filtradas pelos olhos da poetisa.

A escrita da história permanece sob controle das práticas das quais são resultantes, uma delas, cabe ao leitor ser intérprete e ao historiador ser um narrador do próprio discurso, que em si já o revela. A poesia permite esse cruzamento de concepções entre vestígios, experiências e práticas. Concede vida e movimento para visões e fatos, assim como percebemos no poema “Saga” que o caminho dos imigrantes ucranianos e a experiência de vida de Kolody foram intercruzados e referenciados na mesma criação poética.

As referências e as retomadas históricas encurtam caminhos que antes eram apenas arte que de forma metafórica ficavam calados no texto. Sendo assim, o discurso poético na criação do texto é libertador e as ideias de quem escreve ganham sentidos históricos. Nós como historiadores reiteramos que a poesia vai muito além de uma fonte primária, é uma fonte com múltiplas faces e múltiplas interpretações, sejam sensíveis ou não. Entre imagens poéticas e possibilidades, já falamos da diversidade temática de Kolody, a pluralidade de temas não nos limita, muito pelo contrário, torna o discurso poético de Kolody uma referência poética, Vieira nos diz que a linguagem poética liberta um “poder de referência”, esse poder nas poesias de Helena Kolody se aplica na diversidade temática e na maneira de narrar os acontecimentos relacionados ao cotidiano dos imigrantes ucranianos.

As aberturas para muitos podem levar a obstáculos e o tema se perder, mas esse emaranhado de vestígios, nos suprem e aumentam a cada poema lido as possibilidades de interpretações e descobertas. Segundo revela a própria Helena Kolody (1997, p. 45):

Em todos os meus livros, ainda que diversos no conteúdo e na realização, certos temas são constantes, como Deus, a morte, a transitoriedade da vida, a solidão e o valor sagrado da vida.

Esses temas que a poeta se refere, podem ser trabalhados e explorados de maneira constante no cotidiano dos imigrantes, a solidão faz parte da nova vida, pois muitos chegaram e deixaram suas famílias, seria esse um obstáculo, logo a solidão conduz ao apego com a religião e Deus, o valor sagrado da vida que Kolody se refere, os valores cristãos que servem de consolo. A transitoriedade da vida, vem das influências das leituras místicas da poetisa, como de Tagore, da cultura oriental, que a autora se diz influenciada.

Kolody segundo Antonio Donizete da Cruz (2006, p. 269): “Procura constantemente no cotidiano a matéria de sua lírica, a realidade entrelaçada à maneira de compor as relações entre poesia e vida”. Mas de que maneira essa relação poesia e vida vai de encontro com as possibilidades históricas? Questionamento esse que embasamos na reflexão de Beatriz Vieira (2005, p. 18):

Do leque de possibilidades que a linguagem abre, nascem as imagens e sentidos da história e da poesia. Buscam ambas contar sobre os tempos, os diversos níveis de experiência humana – mas enquanto o discurso histórico elabora uma pluralidade de possíveis, o discurso poético tece uma infinidade deles. Contrapondo-se às descontinuidades provocadas pelo esquecimento, a história constrói imagens de continuidade temporal entre passado-presente-futuro, em busca do fio de sentido que sustenha a autocompreensão individual e coletiva, a própria noção de humano. Fiel à sua condição de conhecimento, a história é uma linguagem e uma memória específica, pois, por mais que procure dar voz a esquecimentos e silêncios, sua construção é comprometida com os tempos do mundo. Infiel ao que quer que seja, exceto a si própria, a poesia talvez vá além: entrega-se ao ilimitado.

Ilimitado, termo este que também atribuímos à poesia de Kolody, seus temas e a forma que a autora explora a vida e o cotidiano, por de meio de uma linha tênue entre o que viveu e as possibilidades, que por muitas vezes, foram só histórias contadas, mas que serviram para seu embasamento construtivo. Os versos de Helena Kolody, revelam não só as possibilidades, mas uma abertura para a vida como poeta, desfrutando e despontando detalhes que poderiam ser esquecidos, mas que para nós soam como imagens poéticas expondo histórias.

Entre essas possibilidades Helena Kolody estava sempre atenta aos acontecimentos e inquieta com o que acontecia no mundo. Não apenas no ato de narrar a trajetória dos imigrantes ucranianos por meio dos relatos de seus pais e familiares a poesia kolodyana se funda, observamos dois temas que são citados em obras pela autora, tais como a II Guerra Mundial e a corrida espacial.

Temas que partem daquilo que trabalhamos com a poesia, a época em que o autor vive e o que representa os fatos. Destacamos aqui o poema “Sinos da Paz”, da obra *Sempre Palavra* de 1945, uma referência à Segunda Guerra mundial:

Quando os sinos da paz ressoarem festivos
Hás de rir, na alegria de estar entre os vivos.
E as mães que embalam berços poderão cantar

Um cântico feliz, de vibrações tão belas,
Que não de ouvi-lo, decerto, as longínquas estrelas.

No delírio da ventura universal,
Submergirá o pranto silencioso
Da humildade mãe do herói,
Imolado nas aras da paz.

Filho de seu amor,
 Árvore nova, abatida
 Quando ia frutificar.

Quando os sinos da paz ressoarem festivos...
 (KOLODY, 1997, p. 55)

Atenta aos acontecimentos do mundo, a autora que ininterruptamente escreveu sobre a vida e sobre a morte, clama nas estrofes do poema citado pela paz, por possibilidades de retorno dos “heróis” ao encontro de suas famílias. As orações das famílias para os soldados, em território estrangeiro, assim como no final do poema a o destaque para: “Árvore nova, abatida/Quando ia frutificar”, em referência aos jovens que morreram em plena juventude, antes mesmo de constituir uma família. A percepção da poetisa com o tema e a época partem daquilo que chamamos de visão do mundo, a intelectual não se prende a temas por comodidade e influências e sim se doa como artista ao que acontece. Vejamos nas palavras da autora (KOLODY, 1997, p. 54): “Música submersa”, de 1945, traz poemas referentes à desumanidade da II Grande Guerra”.

Segundo Kamita (2000):²⁴

Música submersa, de 1945, traz poemas referentes à desumanidade da II Grande Guerra. Ocorre novamente a identificação da poetisa com a dor alheia, captando a ela e a sua mesma numa simbiose. E como ela mesma afirma, quando se é jovem sente-se com mais intensidade as emoções.

O poema “Visão apocalíptica” é o segundo poema da obra de 1945 que faz alusão à guerra que acontecia:

Olhando esse trigal – tão viçoso e tão louro!
 Pensas na juvenil cabeleira – cor de ouro
 Que a morte arrebentou, para sempre, ao teu lar...

Na inédita visão de um sonho singular,
 Pareces entrever, dentro da própria terra,
 Os corpos dos heróis que tombaram na guerra.
 E por sobre esse solo empapado e viscoso
 É que ondula o trigal – tão louro e tão viçoso!

Certamente, amanhã colherás esse grão,
 Que há de ser farinha e há de ser teu pão.

Talvez, comas, com o pão, a carne de teu filho...
 (KOLODY, 2001, p. 201)

²⁴ Citação presente em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/rkamita.html>

Neste poema somos envolvidos em contextualizações já a partir do seu título, em um período de guerra e com as bombas atômicas sendo utilizadas, a “Visão apocalíptica” também nos chama atenção e causa impacto; a sensibilidade da autora neste poema reitera as palavras sobre a morte e a vida. Se a guerra tira a vida de jovens soldados, o trigo significa o renascimento e a esperança de dias melhores, a colheita que trará o pão para quem continua. Mesmo com incertezas, a vida segundo a poetisa no poema, tende a continuar, mesmo com as ameaças, neste caso o trigo e vida humana são as sementes, os corpos ceifados pela guerra serão envoltos e permanecerão na terra, da mesma forma que as sementes de trigo.

Emoções e sensibilidade que lidamos na história e que fazem parte das vivências de Helena Kolody, é a partir da experiência histórica pessoal que se evidenciam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada entre homens e mulheres de uma determinada época. Nós aprendemos a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos. Segundo Pesavento (2007, p. 15):

As sensibilidades são sutis, difíceis de capturar, pois se inscrevem sob o signo da alteridade, traduzindo emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos. Mais do que outras questões a serem buscadas no passado, elas evidenciam que o trabalho da história envolve sempre uma diferença no tempo, uma estranheza com relação ao que se passou por fora da experiência do vivido.

O que vemos em “Pesavento” é que as sensibilidades na história vão para além do científico, pois partem da percepção humana do mundo e dos fatos, assim como percebemos nos poemas kolodyanos, em especial, ao que destacamos em relação à Segunda Guerra Mundial. Do mesmo modo, em 1966, Helena Kolody escreve a obra *Era Espacial*, onde demonstra estar inquieta com o tema e observadora daquilo que acontecia no mundo novamente. Vale lembrar como já fora dito que não estamos trabalhando com recortes temporais e sim temáticos, o que nos dá a liberdade de ir e vir pelos anos e temas.

Analisemos o poema “Lua Profanada”:

Não é mais a nativa Jaci, mãe dos frutos,
nem Selene viajora das planuras siderais.

Ela é, agora, um astro morto,
Um satélite explorado
pelas naves espaciais.
(KOLODY, 1997, p. 55)

Kolody faz uma comparação e uma analogia à morte da lua, antes com nome indígena e cheio de vida, agora explorada pelas naves espaciais, a chegada do homem à lua continuou inquietando a poetisa, segue o poema “Astronave”:

Soberbo monumento da astronáutica
num pedestal de cifras.
Bezerro de ouro,
cosmonave!
Milhares de famintos
baixaram ao vale da morte,
para que pudesses subir.
(KOLODY, 1997, p. 56)

Um poema repleto de mensagens de uma obra da qual a autora (KOLODY, 1997, p. 55) reitera: “Era Espacial, de 1966, nasceu do impacto causado pela conquista da Lua e da fascinação pela grandiosidade do Cosmos. Ao mesmo tempo, ressalta a angústia da condição humana na era da tecnologia e da eletrônica. Muita gente não gosta desse livro”. Reiteramos que os acontecimentos sempre chamaram a atenção de Kolody, em suas fases mais distintas e em épocas desafiadoras, tendo sua influência dos “Haikais” e do oriente, percebemos que o “cosmos” causa uma admiração na autora e que a leva a se aprofundar no tema.

Gilson Leandro Queluz destaca em um artigo sobre a temática da chegada do homem à Lua, intitulado “A era espacial de Helena Kolody: uma crítica romântica da tecnologia” representações da poetisa em torno do assunto. Segundo Queluz (2014, p. 87):

Não obstante, podemos perceber que, de maneira geral, no livro *Era Espacial*, as representações de tecnologia tendem a mostrá-la como elemento de desencantamento do mundo, potencialmente padronizadora e conformadora dos seres humanos, tanto física como mentalmente. Helena Kolody parece tomada por uma visão romântica de mundo, aquela que mobiliza o imaginário social como forma de resistência aos aspectos destruidores da vida comum e dos valores sociais trazidos pelo capitalismo industrial, inimigo nunca enunciado diretamente em seus versos.

A partir da constatação de Queluz, percebemos que as inquietações de Kolody sobre o tema foram mais do que apenas palavras dedicadas ao tema da corrida espacial ou da chegada do homem à lua. Suas estrofes demonstram certo saudosismo e uma efetiva crítica à modernização tecnológica. A autora chegou a dedicar uma obra inteira em 1966, chamada *Era Espacial*, apesar de como ela mesma disse, muitos não gostaram desse livro, no entanto para nós historiadores, encontramos um seletivo campo para análises.

Cruz (2006) enfatiza que para o poeta inventar é uma maneira de instaurar um diálogo do eu com o mundo. E vemos de uma maneira aplicada esse eu kolodyano nos poemas, uma busca do mundo, um encontro com o presente lembrando o passado e com visões do futuro.

A poetisa instaura sua capacidade de assimilação do tempo e espaço como um rastro na história, uma busca para encontrar e satisfazer suas inquietações.

Segundo Paulo Venturelli (2013),²⁵ ao citar uma crítica de Miguel Sanches sobre Kolody, é perceptível encontrar as várias facetas de Kolody na escrita e na vida, seu eu lírico não se desprende da personagem dos poemas, uma imaginação sensível e imagética para a história:

O crítico Miguel Sanches afirma que ela é “o elo entre uma tradição simbolista e a estética da concisão.” As duas faces, passado e modernidade, se conjugam em Kolody de modo peculiar. Ela soube beber da tradição lírica a modulação sensível do mundo e, ao mesmo tempo, burila tal aporte com carpintaria que evita o derramamento, sempre danoso à poesia: “Travo um combate sem tréguas/ com palavras indomáveis.” Ou “Falam as cartas antigas, / ressuscitam o esquecido. // Volta o passado nas datas, / extintas vozes acordam, / marulha um mar parecido.”

As representações que encontramos nos poemas de Helena Kolody fazem parte do que almejamos problematizar, pois a poetisa como intelectual do seu tempo representa uma quebra de padrões estéticos na literatura, por outro lado oferece um vasto campo de saber e interpretações históricas. Kolody é tornada a “voz” dos imigrantes ucranianos, a “padroeira” da literatura paranaense, a precursora dos “haicais” no Paraná e também uma fonte de representações históricas como nós afirmamos aqui.

Representações essas que os poemas permitem, mesmo deixando de lado muitos temas historiográficos. Não cabe a nós nesse momento instaurar uma crítica do que Kolody deixou ou não de registrar em seus livros, visto que o artista também deve se permitir escrever aquilo que lhe é essencial, mesmo que para isso deixe de lado outra parte da história. “As representações não somente refletem a estrutura social, mas também são constituintes da mesma, tendo o poder de modificar a realidade que parece refletir” (BURKE, 2005, p. 84).

Do moderno ao simbólico, dos “haicais” aos versos notamos preocupações estéticas da autora que retrata um mundo particular e com histórias cabíveis de análises, elementos e situações que nos levam de encontro com perspectivas, vestígios e representações. Representações essas que vão além da imagem poética, vão além das palavras ditas e escritas. Seguindo Chartier, colocamos o mundo poético dos escritos de Kolody em evidência: a visão histórica que se pode representar, principalmente a partir das singularidades das poesias da autora, tanto em relação à imigração ucraniana, como em relação ao tempo, à memória, às mulheres imigrantes e também como seus poemas são considerados patrimônio imaterial da cultura ucraniana no Paraná. Desta maneira, procuramos colocar em prática aquilo que ressalta

²⁵ Citação disponível no site: <http://pauloventurelli.com.br/?p=1144>

Chartier (1988, p. 16 -17), “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Daremos ênfase ao nosso embasamento teórico com a continuação do texto, sendo que no próximo capítulo, trabalharemos com a análise de poemas escolhidos sobre o tempo e a memória, relacionando com o a vida da autora, o cotidiano imigrante ucraniano e as lembranças culturais que fortalecem o vínculo de Helena Kolody com a comunidade ucraniana no Paraná.

2 TEMPO E MEMÓRIA: OS IMIGRANTES UCRANIANOS NA VIDA DE KOLODY

2.1 O SENTIMENTO E A MEMÓRIA UCRANIANA DE KOLODY

Perspectiva

Olha pela janela azul do meu olhar
Seren e transparente, onde se esconde calma
A misteriosa esfinge eslava que é minh'alma.
Mergulha os olhos teus no mundo em perspectiva
Que se adivinha atrás de uma pupila esquiva.

Verás, por certo, desdobrar-se alma adentro,
Na paisagem agreste, a estepe soberana.

E para que não pise a estepe imaculada
O duro sapatão de algum mujique²⁶ alvar,
Eu ando sempre alerta e trago bem guardada
A paisagem de neve oculta em meu olhar.
(KOLODY, 2001, p. 218)

Os poemas de Helena Kolody na temática da imigração ucraniana são aqueles que mais se aproximam do sentimento da autora com seus pais e antepassados, a memória aflorada e a inquietação pelo tema, revelam a poetisa que vislumbra a Ucrânia em seus versos. Nas palavras de Cruz (2010, p. 130) inferimos que: “É poesia de quem sente não apenas a evanescência do sentir. Mais do que isso, faz do sentir pessoal o reflexo de um sentimento socialmente refletido”. A transformação e efemeridade do sentimento da autora se destacam assim como a perspectiva de seus anseios e figurações do mundo, Kolody torna-se a “porta voz” dos imigrantes ucranianos no Paraná e representa a vida desses imigrantes em poemas. Seja no cotidiano, na cultura, nas orações e principalmente nos detalhes que são tão particulares e singulares, quanto a escrita da poetisa.

No poema, publicado na obra *Paisagem Interior* de 1941, observamos como a autora expressa seu sentimento inserindo-se como protagonista dele ao referir-se como “esfinge eslava”. E desse modo como personagem de seus escritos, a singularidade dos detalhes desenrola uma história plural e que compreende um grupo de pessoas pertencentes a uma cultura eslava, que imigraram em busca de ideais e novas perspectivas de vida. Nota-se que no poema a autora expressa além do sentimento, as referências históricas do povo ucraniano, como

²⁶ Segundo Anderson Prado (2017, p. 33): Mujique era a denominação dada ao camponês russo, normalmente antes do país adotar o regime socialista (1917). Ela indica certo grau de pobreza, uma vez que a maioria dos mujiques eram servos (chamados de *almas* na Rússia) antes das reformas agrícolas de 1861. Depois deste ano, os servos receberam determinadas áreas para trabalhar a terra e se tornaram camponeses teoricamente livres, mas que em muitos casos ainda trabalhavam em regime de servidão, muito parecido com que aconteceu no Brasil logo após a abolição da escravatura. Estes camponeses livres foram conhecidos até 1917 como mujiques.

dos mujiques que eram servos em busca de terras, visto que a Ucrânia fora dominada por Russos e pelo Império Austro-húngaro.

Os ucranianos que chegaram ao Brasil, receberam do governo terras para o cultivo e plantio, o sentimento de medo mesmo em outro território predominou, como se alguém chegasse e lhes tomasse a terra, que é símbolo de liberdade e de uma perspectiva de vida nova dos imigrantes. Fato esse que percebemos na última estrofe do poema. Mesmo nascendo em terras brasileiras Kolody escreve como se tivesse nascido e imigrado do leste europeu, tal sentimento eslavo ganhou força com os relatos de seus familiares e principalmente de seus pais, Miguel e Victoria. Segundo Kolody (1997, p. 11):

Meus pais eram ucranianos, que se conheceram e casaram no Paraná. Eu sou a primogênita e a 1^o brasileira da minha família. Miguel Kolody, meu pai, nasceu na parte da Ucrânia chamada Galícia Oriental, em 1881. Tendo perdido o pai na grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia em 1893, Miguel, no ano seguinte, emigrou para o Brasil com a mãe e os irmãos. Mamãe, cujo nome de solteira era Victoria Szandrowska, também nasceu na Galícia Oriental, em 1812. Veio para o Brasil em 1911. Vovô radicou-se em Cruz Machado, onde papai trabalhava. “Seu” Miguel conheceu a jovem Victoria e apaixonou-se por ela. Casaram-se em janeiro de 1912. Estava escrito o primeiro capítulo da minha história.

A forte ligação da autora com a pátria mãe de sua família se destaca como um forte elo de identidade entre o sentimento e a vida, uma condensação histórica que se pauta em reescrever com emoção a história de vida de seus ancestrais, mais do que um sentimento, uma afirmação de pertencimento à etnia ucraniana. O sentido do pertencimento se deve pela representação discursiva em torno do imigrante ucraniano nas poesias, atribuindo um conjunto de significados e imaginários que retratam além da visão da autora, sendo uma integração entre poema, autor e memória.

A partir dessa constatação volvemos para o significado da memória e sua posição na história, para assim estabelecermos um elo do sentimento de Kolody em relação aos ucranianos. Segundo Pierre Nora (1993, p. 9):

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.

Dessa forma, seguindo o pensamento de Nora, nossa pesquisa neste momento adentra nos detalhes da memória da autora, reproduzindo cenas, espaços e personagens dos quais, remetem e simbolizam a cultura e imigração ucraniana, vivida e sentida pelos seus pais e

representada em seus poemas ao longo de sua bibliografia, em épocas distintas. Um repositório que pertenceu à Kolody, mas que fora compartilhada com seus leitores, instituindo assim, mais que um elo entre os ucranianos e os poemas, criando uma representatividade histórica. Na tratativa que a história desvia muitas vezes de detalhes, o que a memória manifesta de forma constante. Como destaca Nora (1993), a necessidade de memória é uma necessidade da história.

Para situar a imigração ucraniana no Paraná e fazer a ligação com as poesias kolodyanas, precisamos destacar e citar pontos intrínsecos dentro da história dos imigrantes ucranianos. O ato de imigrar para outro território se deve por diferentes fatores, sejam eles sociais, pessoais, econômicos ou por motivos de guerra, a imigração ucraniana mais especificamente para a América do Sul e América do Norte²⁷, acontece em três etapas distintas. Os primeiros registros de imigrantes ucranianos são datados e fixados no ano de 1895, antes disso não há registros que comprovem, somente dados não oficiais, devido à falta de documentação desses imigrantes e que não foram registrados nos portos de entrada.

Ainda sobre a questão de identificação dos imigrantes eslavos, observamos que muitas das denominações se davam pelo passaporte que usavam. A Ucrânia estava sob domínio do império Austríaco e recebia denominação de russos, ou poloneses. Os imigrantes ucranianos ao desembarcarem no Brasil aportavam sem ao menos serem identificados pela sua real nacionalidade. Segundo Paulo Renato Guérios (2007, p. 168):

A população da Galícia, seja polonesa ou rutena, era considerada “austríaca” devido a seus passaportes do Império Austro-Húngaro; os que eram considerados “russos” poderiam ser os poloneses de passaporte russo ou os rutenos que, ao definir-se como tal para os funcionários da migração, tinham sua nacionalidade assimilada a “russos”; os “poloneses”, enfim poderiam também ser poloneses ou rutenos, visto que os funcionários consideravam ambos indistintamente como “polacos”.

A partir de 1895 estima-se que foram mais de 20 mil imigrantes que formaram comunidades principalmente nos municípios de Curitiba, Mallet, Prudentópolis, União da Vitória, Roncador, Cruz Machado e Pato Branco. Os ucranianos começaram a chegar quando deixaram a Província da Galícia, no extremo Leste do então império austro-húngaro e foram seduzidos pelos agentes das companhias de navegação que faziam rotas para as Américas (Brasil e Canadá eram os principais destinos). Sobre a primeira etapa a professora Oksana Boruszenko (1967, p. 47) descreve que:

²⁷ O maior contingente ucraniano fora de suas fronteiras etnográficas, vive nos países da URSS e soma aproximadamente 8 milhões de pessoas. A emigração para os países do mundo ocidental, devido às possibilidades de vida melhor, apesar de não ser numericamente considerável, é de grande importância. Ucranianos são encontrados em quase todos os países do mundo ocidental, não só na Europa, como na América e Austrália. BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. **Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, 1967, Porto Alegre. São Paulo: [FFCL]-USP, p. 423-439, 1969.

A primeira, data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos, sobretudo lavradores da Galícia e Bukovina que, desde o Congresso de Viena, estavam sob o domínio da Áustria, em consequência da superpopulação agrária e débil industrialização, e ainda as más condições sócio-econômicas, abandonaram as terras negras e transferiram-se para outros países, entre os quais o Brasil e, particularmente, o Estado do Paraná.

Tomar uma decisão de mudança implica numa série de fatores e decisões, nos poemas de Helena Kolody percebemos destaque para as palavras mudança, transição e viagem, seria o uso dessas palavras nos poemas uma referência com as decisões dos imigrantes? Nesta primeira etapa da imigração e ano que seu pai Miguel Kolody veio para o Brasil, percebemos que além da propaganda feita o cenário não era favorável no leste europeu. Reforçamos esse pensamento e a análise com o que aponta Rodrigo dos Santos (2020, p. 19), mencionando essa tomada de decisão junto aos fatores sociais e culturais dos imigrantes: “O sujeito ao imigrar em última instância decide o seu futuro, leva em consideração uma gama de fatores, e, ao exercer seu desejo de ir para uma nova Pátria, alguns aspectos como os culturais são relevantes para a decisão”.

O poema “Algemas”, original da obra *Paisagem Interior* de 1941, redige a história de angústia e decisões dos imigrantes ucranianos:

Ergo para as estrelas minhas mãos fortes,
Sedentas de realizações.

Nalgum recanto escuro e subterrâneo,
Há mãos algemadas, pés que arrastam grilhões.

Uma angústia funda e estranha
Espia, como fera inquieta,
Pelas grades de ignoradas
Portas de prisões.
(KOLODY, 2001, p.213)

A angústia retratada por Kolody envolve as tomadas decisões dos imigrantes, o ato de imigrar e a sensação do desconhecido, o futuro e a mudança que podem se tornar liberdade ou uma continuidade da prisão, devido as questões e problemas que enfrentavam na Galícia, dominada pelo Império Austro-húngaro.

A segunda onda imigratória ocorreu logo após o final da Primeira Guerra Mundial entre os anos de 1917 e 1918, nesta etapa a motivação foi de cunho político e novamente de dominação de território, visto que Rússia e Polônia tinham o domínio dos territórios ucranianos, como cita a professora Maria Inês Antônio Skavronski (2015, p. 31):

O que impulsionou a imigração para outros países, nesse período, foi a dominação do território ucraniano pela Rússia e pela Polônia. Em meio aos movimentos liberais do

século XIX, a Ucrânia, através de grupos nacionalistas tentou restabelecer sua independência em 1919, fato não consolidado, pois em pouco tempo, os ucranianos acabaram perdendo a soberania sobre o próprio território. Essa nova situação, fez com que muitos ucranianos buscassem emigrar. Os imigrantes que vieram para o Paraná, nesse período, majoritariamente, foram encaminhados para os núcleos coloniais já estabelecidos em várias regiões do Estado.

A terceira etapa foi também o período de maior êxodo dos ucranianos, imigraram aproximadamente mais de 200 mil pessoas, logo após a Segunda Guerra Mundial, em que os ucranianos estavam novamente ocupados pelos soviéticos, remetendo assim uma proximidade com a primeira etapa de ocupação de território, nessa leva de imigrantes vieram: “operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos, soldados da primeira divisão ucraniana e de outras formações militares, que lutaram ao lado dos alemães contra os russos.”(BORUSZENKO, 1967, p. 428).

A partir destes três momentos, os imigrantes ucranianos continuaram vindo para o Brasil, mais especificamente para o Paraná, não só em cidades do interior do Estado, como também para a capital Curitiba. Vejamos o poema “Coragem”, original de 1941, da obra *Paisagem Interior*, a partir deste poema juntamos os fatos com os momentos imigratórios dos ucranianos para o Paraná, formando um retrato poético nas palavras de Kolody:

Que a vida viesse a mim como uma tempestade
E me ofuscasse o raio, e me açoitasse o vento;
Que o mar rugisse em torno seu rude lamento
E soçobrasse a nau dessa tranquilidade.

Viessem, também, o frio e a falta de alimento,
Fantasmas da aflição e da necessidade;
Que me ferisse o agudo espinho da maldade
E me afogasse o vagalhão do sofrimento.

Na austera provação, não pediria morte:
Eu amaria a vida e bendiria a sorte,
Faria até do inferno um claro e lindo céu.
E para que eu tivesse a bravura exigida,

Bastava que no embate imenso dessa lida
Eu fosse toda tua e fosses todo meu.
(KOLODY, 2001, p. 226-227)

As recordações da poetisa elucidam a vida e a trajetória dos imigrantes e ascendentes ucranianos no Brasil mais especificamente no Paraná, em todas as cidades que a autora viveu, foram lugares formados a partir da imigração europeia e de imigrantes eslavos. Memórias e histórias formadas, muito além de detalhes Kolody escreve pensando na história de vida de seus antepassados, por constatações e detalhes que foram somados a partir dos relatos e de sua imaginação. Na poesia imaginar é criar possibilidades, já para a história é preciso referenciar

por fatos e passagens, segundo Luísa Cristina dos Santos Fontes (2008, p. 163): “Alguns versos da escritora Helena Kolody tratam, originalmente, da questão do imigrante. A voz do imigrante está sempre entre outras vozes”. Nesse caso é a partir das constatações e recordações que Kolody escreve sobre o tema, sendo que o imigrante e sua representação aparecem diretamente ou indiretamente, assim como afirma Fontes (2008), entre vozes.

A necessidade de aproximação com seus antepassados representa uma ponte entre história e memória, uma percepção que se passa entre palavras, recordações e heranças culturais. Vejamos no poema “A voz das raízes”, da obra *A Sombra do Rio* de 1951, em que podemos notar toda essa percepção em relação ao imigrante e a memória:

Vozes de estranho som se alteiam em meu canto.
Vibram-me dentro d’alma almas que não são minhas.
Atrás de mim, vozeia e tumultua,
Anseia e chora, e ri, arqueja e estua
A imensa multidão dos ancestrais,
Que me bate e rebate, inexorável,
Como o oceano em ressaca açoita o cais
(KOLODY, 2001, p.176)

As “vozes” no poema de Helena Kolody são o retrato dos imigrantes que chegaram ao Brasil, o som das angústias, das aflições, das incertezas e da tomada de decisão em deixar a Ucrânia, rumo a uma terra desconhecida a ser explorada em busca de uma nova vida. Constata Andreazza (1996, p. 14): “Ninguém migra a longa distância sem que exista um impulso, muito subjetivo, da esfera da esperança, chamado por alguns de ilusão migratória.”

Esse impulso que fez os imigrantes deixarem sua terra natal, transcende no poema toda a dor dos imigrantes em imagens que integram um acervo de lembranças escritas pela autora. O que segundo Fontes (2003, p. 167): “O passado torna-se a morada intermitente que a memória converte em arquivo a ser agora resgatado”. Resgatado no sentido de reviver a partir da memória, pois analisamos e consideramos a poesia como uma fonte histórica capaz de desvendar o passado pela escrita e imaginação da poetisa.

Ao analisarmos o poema e voltarmos para a história dos imigrantes ucranianos que chegaram ao Paraná, percebemos que há um destaque para o “oceano”, visto que os imigrantes fizeram a viagem através dos vapores que partiam de portos europeus, principalmente Hamburgo na Alemanha e Genova na Itália. O mar era visto como o primeiro desafio dos imigrantes, as longas travessias e as péssimas condições a bordo, não eram favoráveis e muitos acabavam morrendo ou adoecendo durante a viagem.²⁸

²⁸ No que tange às dificuldades que passavam os imigrantes na viagem de navio da Ucrânia para o Brasil, diversos são os relatos de imigrantes e seus descendentes que revelam a perda de familiares nas viagens de navio. Na época,

Deste modo percebemos no poema que Kolody se baseia em relatos e na dor dos imigrantes, dando ênfase para o sofrimento como uma forma de destaque a partir das memórias, sendo seletiva com sua escrita e expressão poética para contar a história dos imigrantes. A memória, por sua vez, representa na história algo particular de cada pessoa, uma construção de várias vias que se torna singular, como percebemos na narrativa kolodyana. Segundo Arlette Farge (2011, p. 78): “A memória, bem o sabemos, é um teatro pessoal e se fabrica através de reconstituições íntimas ou míticas que podem embaraçar o historiador”. Nesse sentido as memórias presentes nos poemas são múltiplos sentidos, experiências, percepções e imaginações da autora que são íntimas e nos revelam possibilidades para uma abordagem histórica sensível.

O poema “Tempo de recordar”, da obra *Trilha Sonora* de 1966, envolve de forma sutil e reveladora o sentimento da autora em relação a seu pertencimento e às memórias. Recordações essas que se envolvem com a história de vida e a jornada dos imigrantes ucranianos, principalmente familiares e amigos da poetisa. Observamos essa constatação no poema que segue:

Brilham palavras antigas
no ingênuo rio da memória.
A lágrima prisioneira
orvalha a flor da lembrança.
(KOLODY, 2001, p. 119)

Paul Ricoeur (2012, p. 105) destaca a complexidade da memória, “o que significa a prova da memória na presença viva de uma imagem das coisas passadas”. Seus momentos como o da recordação e do reconhecimento, além de sempre valorizar sua relação com a experiência. Observamos nos poemas de Kolody a relação com a experiência, seja ela direta ou indireta em relação aos imigrantes, momentos particulares que são expostos em versos e desvendam a história de vida em determinado espaço, tempo e lugar.

A relação da autora com a memória dos imigrantes é intrínseca, em muitos poemas circunstancial e veemente. Ao pensarmos a relação memória e história, Santiago (2013, p.10) enfatiza que: “História e memória guardam semelhanças. Ninguém se lembra de tudo a todo instante. A cada momento, recupera-se do passado aquilo que é necessário para solucionar um problema ou resolver um aspecto do dia a dia”. Por tal constatação, sugerimos que Kolody em

as condições de viagem eram precárias e, de fato, muitos acabavam morrendo antes de chegar ao destino. As viagens demoravam meses, conforme alguns relatos. Durante a viagem, às vezes, faltava água e comida, não havia estrutura para atendimento médico, no caso de alguma precisão. Os imigrantes sofreram frio, tomavam chuva e as condições de higiene não eram boas. Outro dado significativo é que algumas famílias se desintegraram nas viagens e quando chegaram ao Brasil não puderam mais manter contato. (JACUMASSO, T.D. E DAMKE, C. 2009, p. 09)

seus poemas atribui à memória aquilo que ela acha necessário, nos momentos e circunstâncias cotidianas que vem a sua escolha e trazem as suas lembranças seletivas.

O poema “Atavismo”²⁹ presente na obra *Paisagem Interior* de 1941, revela lembranças dos imigrantes nas histórias ocultas nos versos e sentimentos que a autora expõe do sofrimento e do medo pertencente na vida de seus ancestrais:

Quando estou triste e só, e pensativa assim,
É a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim.
A angústia secular de uma raça oprimida
Sobe da profundidade de minha vida.

Certo, guardo latente e difusa em meu ser,
A remota lembrança dos dias amargos
Que eles viveram sem a ansiada liberdade.
Eu que amo tanto, tanto, os horizontes largos,
Lamento não ser a águia ou condor, para voar
Até onde a força da asa alcance a me levar.
Ante a extensão agreste e verde da campina,
Não sei dizer por que, muitas vezes, senti
Saudade singular da estepe que não vi.

Pois, até o marulhar misterioso e sombrio
Da água escura a correr seu destino de rio,
Lembra, sem o querer, numa impressão falaz,
O soturno Dnipro, cantado por Tarás...

Por isso é que eu surpreendo, em alta intensidade,
Acordada em meu sangue, a tara da saudade.
(KOLODY, 2001, p. 216)

Segundo Stuart Hall (2011): “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história”. A identidade ucraniana é idealizada por Kolody, que aponta marcas de um povo trabalhador, sofrido, que busca no Paraná a terra prometida, frente aos desafios de um novo lar. O poema “Atavismo” simboliza o sentimento dos imigrantes pelos versos da poetisa. Nele notamos na primeira estrofe um forte apelo da autora se colocando como se fizesse parte da história do poema, dando voz ao seu eu lírico, se tornando personagem e porta voz do sentimento de seus antepassados.

O poema nos apresenta também a voz de Kolody em primeira pessoa, como se ela tivesse vivido e presenciado o que aconteceu com seus antepassados, uma forte ligação sobre as memórias coletivas, por exemplo na frase “Saudade singular da estepe que não vi”, a poetisa escreve sobre a saudade de um momento que não viveu, incorporando e pensando como seus

²⁹ Culturalmente, usa-se o termo para fazer referência à recuperação de atitudes ou tradições ancestrais que teriam permanecido latentes durante longo período.

ancestrais. Logo em seguida, ao referenciar o “Soturno Dinipró, cantado por Tarás...” Kolody faz referência ao principal rio da Ucrânia, que passa pela Rússia e Bielorrússia, grande na extensão e um elemento geográfico importante para o povo ucraniano, rio esse cantado e presente nos poemas de Tarás Schewtchenko, poeta ucraniano e influência de Kolody.

A chama literária de Kolody se acende e passa por Tarás Schewtchenko, pois desde criança cresceu ouvindo seus poemas, que eram lidos pelos seus pais, uma memória seletiva e presente na vida da autora, assim na entrevista ao programa Memórias Paranaenses³⁰, (KOLODY, Entrevista, 2017): a autora responde à pergunta sobre o seu interesse literário do qual cita a referência do poeta ucraniano:

Eu me lembro ainda menina, em Três Barras, onde meu pai foi comerciante – à noite, o lampião no meio da mesa, mamãe de um lado e papai do outro a lerem. Lembro que ela lia em ucraniano, tanto que eu sei de cor algumas coisas do Tarás Schewtchenko, considerado até hoje o maior poeta ucraniano. E, como tinha sede de leitura também, aprendi com ela.

O registro da memória nos poemas kolodyanos e a referência a seus pais, nos fazem perceber que as lembranças sempre ficaram evidentes em suas composições, uma busca por um encontro de um mundo que ela não viveu diretamente, mas recriou por meio da memória que absorveu na infância e na juventude. Não aparece nas fontes outras leituras de escritores ucranianos que Kolody leu, sendo que Tarás Schewtchenko, é o único citado. Referindo-se ao poeta ucraniano Antonio Donizeti da Cruz nos traz uma citação da própria autora (KOLODY, 1962, p. 02 *apud* CRUZ, 2010, p. 30) fazendo seguinte menção:

Seu livro – Kobsar – passa de pais a filhos, como herança sagrada; a tradição oral transmite seus poemas de geração em geração, como se fossem orações. Repassados de acendrado amor, seus versos mantém vivo no coração ucraniano o sentimento da pátria, o anseio de liberdade, a lembrança do passado heróico. Poder-se-ia dizer que seus poemas fazem ecoar na alma dos ucranianos, dispersos por todos os quadrantes do mundo, as palavras do Hino Nacional: 'A Ucrânia ainda não morreu.

A história nos faz percorrer esse caminho da memória, nos faz pensar aquilo que não vivemos, mas descobrimos por outros interlocutores, sejam familiares, amigos ou pessoas do nosso convívio, assim moldamos e estruturamos sentidos históricos através das lembranças. Nessa concepção seguimos com o que Barros (2009, p. 39), escreve sobre a memória:

Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado. Considera-se ainda – e sempre é bom

³⁰ O portal Memórias Paranaense, é escrito e editado pelo jornalista José Wille, que conta histórias e fatos referentes ao Estado do Paraná e de personagens históricos, dentre eles Helena Kolody. Para conferir acessar: <https://memoriaparanaense.com.br/>

frisar que logo estaremos submetendo estas significações de Memória a uma crítica e a uma problematização – que de um ponto de vista biológico a memória humana, seja a “memória recente” ou a chamada “memória permanente” que se localiza no hipocampo, corresponderia a um processo que não permite precisão, uma vez que envolve esquecimentos, distorções, reconstruções, omissões, parcialidades, hesitações. Há ainda uma significação vulgar que remete à Memória a uma categoria estática relacionada à imagem de depósito de dados. A Memória surge então como mera atualização mecânica de vestígios.

O que Barros nos mostra é que a memória pode ser trabalhada e definida por diferentes concepções, o fato de lembrar de algo vai muito além do que é, torna-se para um indivíduo uma representação de fatos, de passagens e de momentos históricos, dos quais analisamos em micro e macro história. Quando esses detalhes das lembranças se tornam representações encontramos lacunas para trabalhar a história o que ela representa pela memória, como nos fala Barros estamos submetendo as significações da memória, a partir das constatações e dos indícios que selecionamos. Ou ainda uma atualização de vestígios, que revelam inúmeras possibilidades de interpretações e encontros entre fatos históricos.

Dessa maneira os poemas kolodyanos que se referem a memória da autora em relação aos imigrantes ucranianos, são mais que simples depósitos de dados, são representações históricas de fatos selecionados e que marcaram a vida da poetisa e que nos servem de fragmentos em relação à imigração e vida dos imigrantes. A memória relacionada à história é de fato uma relação, que nos faz desvendar diferentes vestígios, desta maneira aceitamos aquilo que é passado por quem relata, mas também pensamos e recorremos a dados e fontes para contextualizar as possibilidades que envolvem um fato ou acontecimento. Na memória da autora repassada para os poemas, notamos uma história que relata apenas um lado, o lado do sofrimento imigrante, as glórias e fatos relevantes em relação aos imigrantes ucranianos, notamos a falta de histórias de outras etnias que se cruzam e fizeram parte do processo migratório entre Brasil e Europa, principalmente no Paraná.

Dessa forma, qualquer espécie de vestígio deixado pelo ser humano pode nos revelar como viveram o seu tempo. A poesia nos mostra como as transformações da linguagem e da escrita ocorridas durante determinada época, bem como traços deixados por representantes de uma cultura específica, interagem com a memória e a lembrança dos fatos. Encontramos isso nas poesias de Kolody, que elabora a sua visão sobre a cultura ucraniana, através dos seus objetivos, relacionados a contemplar e exaltar seus ancestrais eslavos em diferentes espaços, aspectos e figuras.

É pertinente para nós refletirmos que a poetisa desde sua infância encontrou na sua ascendência eslava o desejo de falar sobre a pátria de seus pais e antepassados, e é através dos

sentimentos de Kolody e do seu saudosismo que encontramos brechas e detalhes para analisarmos as representações do imigrante ucraniano, detalhes que podem passar despercebidos, mas que se pensados em relação ao sentimento que está direcionado com a memória da autora, nos revela fortes indícios históricos.

Essa percepção é representada no poema “Imigrantes Eslavos”, publicado originalmente na obra *A sombra do Rio*, de 1951:

Cabeça branca do neto
Cabeça branca do avô.
Luar noturno e geada,
Que é orvalho da madrugada.

Vão conversando...E se entendem
Numa linguagem difusa:
O mesmo vago sorriso,
A mesma fala confusa.
(KOLODY, 2001, p. 176)

Neste poema percebemos a língua ucraniana, marca da cultura eslava, presente nas regiões ocupadas no Paraná e a continuidade linguística, passando para a geração que nascia no Brasil.

Outro elemento aqui pontuado no poema é a geada, referente ao tipo de clima presente no Estado, fator esse que era colocado nas propagandas pela Europa, elemento climático que traria uma melhor adaptação dos imigrantes eslavos europeus. Ao analisarmos as palavras de Kolody no poema – Vão conversando... E se entendem/Numa linguagem difusa – se atenta ao idioma ucraniano, as palavras difusas e confusas que Helena relata no poema nos remete a pensar a infância da poeta, ouvindo seus pais e familiares que se comunicavam usando o idioma eslavo.

De fato, a memória imigrante que Kolody representa em seus poemas leva a ideia de que os ucranianos eram o grupo presente em sua vida de forma mais ampla, por meio de fatos que estão presentes em seus poemas e que foram passados por seus pais. O que segundo Tamanini (2011, p. 38), essa constatação é presente e reveladora, sendo assim: “Mesmo que por trás das palavras da poetisa de descendência ucraniana se escondesse o explícito, tanto o fascínio do poeta quanto o prodígio de análise do historiador, arrancaram das entranhas do mistério um enunciado passível de ser compreendido e interpretado”.

Assim, as memórias kolodyanas vão de encontro com as subjetividades nos poemas sendo lapidadas em relação às construções de fatos que envolvem seu enredo particular, mas que foram construídas a partir de elementos coletivos. Neste viés percebemos que as memórias de Kolody são formadas a partir de experiências passadas e partem do seu contexto social e

grupo, ou seja, os imigrantes ucranianos. Tais memórias se tornam representações em seus poemas, encontramos indícios históricos e figuras de representação que nos levam a entender o cotidiano imigrante a partir das lembranças da autora. Maurice Halbwachs, em seu livro *A Memória Coletiva*, chama a atenção para uma dimensão da memória que ultrapassa o indivíduo no singular, considerando que as memórias de uma pessoa nunca são só suas e que nenhuma lembrança pode existir separada da sociedade. Segundo Halbwachs (2006, p. 46), “as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada”.

Helena Kolody representa seu grupo social na poesia, a qual transmite inspirações e motivações que reafirmam o apreço pela história e o sentimento em relação aos ucranianos. Desta maneira, toda memória imigrante que a autora insere em seus poemas, amplia as possibilidades sobre o grupo e as diferentes representações.

Vejamos o poema “Infância”, da mesma obra e ano do poema anterior, nele percebemos que a autora não apenas relata a sua fase no interior da cidade de Três Barras³¹, Santa Catarina, mas também representa por detalhes memórias e aspectos da imigração e do cotidiano dos descendentes eslavos:

Aquelas tardes de Três Barras
 Plenas de sol e de cigarras!
 Quando eu ficava horas perdidas
 Olhando a faina das formigas
 Que iam e vinham pelos carreiros,
 No áspero tronco dos pessegueiros.

A chuva-de-ouro
 Era um tesouro,
 Quando floria.
 De áureas abelhas
 Toda zumbia.
 Alfombra flava
 O chão cobria...
 O cão travesso, de nome eslavo,
 era um amigo, quase um escravo.
 Merenda agreste:
 Leite crioulo,
 Pão feito em casa,
 Com mel dourado,
 Cheirando a favo.
 Ao lusco-fusco, quanta alegria!
 A meninada toda acorria
 Para cantar, no imenso terreiro: “
 Mais bom dia, Vossa Senhora”
 “Bom barqueiro! Bom barqueiro”
 Soava a canção pelo povoado inteiro
 E a própria lua cirandava e ria.

³¹ A autora viveu dos três aos oito anos de idade na cidade catarinense e em seguida, com a família se mudou para Rio Negro - PR, onde começou a escrever seus primeiros poemas.

Se a tarde de domingo era tranqüila,
 Saía-se a flamar, em pleno sol,
 No campo, recendente a camomila.
 Alegria de correr até cair,
 Rolar na relva como potro novo
 E quase sufocar, de tanto rir!
 No riacho claro, às segundas-feiras,
 Batiam roupas as lavadeiras
 Também a gente lavava trapos
 Nas pedras lisas, nas corredeiras;
 Catava limo, topava sapos
 (Ai, ai, que susto! Virgem Maria!)
 Do tempo, só se sabia
 Que no ano sempre existia
 O bom tempo das laranjas
 E o doce tempo dos figos...
 Longínqua infância...
 Três Barras Plena de sol e cigarras
 (KOLODY, 2001, p. 179-180)

Os detalhes presentes nesse poema representam a experiência de vida da autora, ela faz uma leitura de sua memória e recria situações de uma região sentida e vivida, uma experiência da qual fez parte e lembra com saudosismo e nostalgia. Um cotidiano que fez parte da sua infância, desde as brincadeiras, as comidas, os cheiros, o tempo e os detalhes. Até o cão citado pela autora recebe um nome eslavo, mesmo não sendo citado seu nome, reforça a questão das minúcias em torno da imigração. Se até mesmo o nome do cachorro era eslavo, é porque a forte presença do idioma era recorrente na vida da autora e dos descendentes eslavos. É o sentimento e a memória sentida, vivida e praticada. É a identidade de um determinado povo que expressa e dissemina sua cultura através de símbolos e passagens, sendo a memória não só as lembranças, mas também os sentidos de tempo e narrativas em torno dela.

Nesta consonância, a memória é representada também de pessoas e personagens que buscam preservar um sentimento de pertença em relação ao grupo, um sentimento que pode ser representado, por exemplo, como uma narrativa que reforça uma percepção de unidade e de continuidade na constituição de identidade de determinados grupos, em nosso caso a relação da autora com sua experiência de vida e memória em relação ao grupo dos imigrantes ucranianos.

O sentimento kolodyano em relação a sua infância e aos símbolos que remetem suas memórias destacam a lembrança viva de um tempo em que a autora expressa seu sentimento e desejo de retornar, mesmo sendo perceptível os detalhes em relação ao grupo, percebemos singularidades e particularidades do cotidiano de Kolody em relação a sua infância. O que notamos é que sua trajetória faz parte de seus poemas e estes são a sua história. Do mesmo modo que as lembranças coletivas são a representação de parte da história dos imigrantes e

descendentes eslavos, seja nas cidades do Paraná ou de Santa Catarina, que fizeram parte da vida da autora.

Quando notamos que a memória se transporta através de símbolos, traços, ritos e práticas e fazeres culturais, nutrimos a ideia de que a memória é também transformada à medida que os grupos dialogam e se misturam. Assim, Ecléa Bosi (1979, p. 33), completa que a memória é passada pelos tempos:

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas.

A memória e o sentimento ucraniano em Kolody é uma marca que transporta representações de situações e fatos comuns, mas que ganham notoriedade quando alinhados à representação da cultura ucraniana. A poesia da autora são ilhas que revivem detalhes da imigração ucraniana e de sua cultura.

Neste sentido, a ligação entre poesia e história faz manter viva essa memória de outros tempos, as palavras, os versos remetem um passado que se encontra com o presente, revivendo passagens e fatos através dos poemas. Assim, toda a vivência em grupo e as memórias podem ser reconstruídas e rememoradas, “Infância” marca a passagem de Kolody por uma época de vida no meio rural, o que transcende em seus escritos os detalhes do interior e da vida, do cotidiano simples cercado por relações com a cultura ucraniana de seus pais.

É instigante pensar que a partir de uma fase da vida da autora, um poema revela diferentes histórias, fatos, símbolos e paisagens, imagens poéticas que surgem e alimentam imaginários e situações. Kolody em relação ao seu sentimento ucraniano, elabora sempre situações que inspiram a pensar sobre sua relação com o grupo e sua forma de expressão. Como podemos perceber nas palavras de Antonio Donizeti da Cruz (2010, p. 118):

A poesia de Helena Kolody reside na capacidade de ver o mundo com uma visão peculiar. O evocar e recordar são formas de contemplar o mundo, a vida, as coisas. A poeta parte da experiência cotidiana e a projeta num fluxo de imagens, emoções e pensamentos, num universo lírico sob forma de poesia. O retorno às origens, a (re)visitação da infância pelo sujeito lírico, a referência à imigração ucraniana, a nostalgia e a saudade são temas constantes da poesia kolodyana.

Esta experiência cotidiana e o retorno às origens está presente no poema de 1970 e da obra *Tempo*, “Origem” da qual existem um subtítulo no poema que leva o nome “aquarela eslavo-brasileira”, uma menção às duas nacionalidades que fazem parte da sua vida e também uma relação entre brasileiros e ucranianos, a adaptação dos imigrantes, o convívio social, a

mistura de etnias, culturas e tradições, das quais moldaram a identidade do imigrante eslavo no Paraná:

Na memória do sangue,
há bosques de bétulas³²,
estepes de urzes floridas,
canções eslavas.
Arde o trópico nos nervos
Crepita a alegria da pátria jovem.
A alma se aquece das cores.

Dança o coração em ritmo sincopado.
(KOLODY, 2001, p. 103)

Ao analisarmos esse poema notamos um laço afetivo de Kolody com a pátria de seus pais, ao iniciar o poema com uma referência à “memória de sangue”, em que pensamos sobre todo sentimento e identificação com a Ucrânia, com seus antepassados e com a nação. Em seguida os “bosques de bétulas”, a poetisa faz uma alusão a uma árvore típica da Europa e presente em território ucraniano, uma paisagem típica eslava e não brasileira, pois a mesma espécie de árvore é inexistente da flora do Brasil. As “urzes floridas”, representam as cores e as flores, a alegria e a vida ao se referenciar aos eslavos, assim como as canções que inspiram a autora em seus poemas.

O poema instiga a pensarmos de que maneira Kolody e os imigrantes se encontravam pertencentes as duas pátrias, uma ligação que para eles se misturava devido a ação do tempo e aos costumes das duas pátrias jovens. Esse poema vai além de uma simples menção a união das duas culturas, é o sentimento expresso da autora, é a vivência e as origens que caminham juntas. Notamos um forte teor identitário, além de todo sentimento no poema. Kolody recria a visão dos imigrantes, os valores que lhe foram passados desde a infância, passando pela adaptação e as experiências culturais deles.

Todo sentimento e a ligação com a pátria de seus pais e antepassados, representam uma Helena Kolody que escreveu sobre os imigrantes, utilizando-se de sua memória e de toda experiência junto ao grupo. A memória como ferramenta da história imprime um teor interpretativo e investigativo dos fatos, porém muitos são apenas possibilidades e imaginários, visto que a memória é seletiva, cabendo ao autor e há quem fala selecionar os fatos.

Vejamos o poema “Levam o amanhecer”, Kolody faz menção a memória e a época da sua juventude, uma expressão de sentimentos e perguntas ocultas, revelando um sentimento de esperança ao futuro:

³² Bétula é uma árvore típica do hemisfério Norte e presente em toda Europa, inexistente no Brasil, é um símbolo do leste europeu e da Rússia.

Partem.
E levam consigo a memória
de nosso amanhecer.

A quem dirigir
a pergunta mágica:
Lembra-se?

Quem, entre os jovens,
Acreditará
que fomos jovens também?
(KOLODY, 2001, p. 45)

Podemos de certa forma, relacionar o poema supracitado, publicado em 1986 na obra *Poesia Mínima*, com a memória e partida dos imigrantes ucranianos, o anseio por um novo amanhecer, por algo que era inesperado ainda, uma nova visão de mundo, algo desconhecido. Muitos jovens que partiram e aqui findaram suas vidas. A lembrança que acompanhou os imigrantes e que fez da poesia de Kolody algo sempre presente, a nostalgia e os detalhes da memória.

2.2 O TEMPO NA POESIA KOLODYANA: COTIDIANO E LUGARES DE MEMÓRIA

Itinerário

Entre a escura pergunta
que antecede o amanhecer
e a penumbra de mistério
velando a face da noite
caminhamos num vislumbre de sol
pela urgência do tempo.
(KOLODY, 2001, p.100)

O tempo na história é o que nos instiga a diversas discussões e abordagens, cada época, cada povo, usufrui e usa o tempo de uma forma determinada. Encontramos na obra de Helena Kolody a recorrência da palavra “tempo” em diferentes situações, as quais iremos abordar e contextualizar junto com o cotidiano da autora em referência aos grupos imigrantes, sejam em cenas rurais ou cenas urbanas.

Da mesma forma como no poema, Kolody menciona da urgência do tempo, de suas visões, do mistério, um itinerário que se desdobra em linhas e versos no seu texto. Como destaque a poetisa publica em 1970 o livro *Tempo I e II*, do qual faz parte o poema “Itinerário”. em que se utiliza do mesmo como sua fonte primária na construção poética. Entre poemas que expressam o apego ao passado, a nostalgia e melancolia, lembranças de juventude e diferentes práticas cotidianas dos imigrantes. Porém não só utilizaremos poemas de tal obra, usaremos também outros poemas que abordam a temática.

Os poemas de Kolody pensados por nós como um objeto cultural e de análise interpretativa, trabalham no sentido de ligação e cruzamento entre a memória e a história. Seus relatos passam por diferentes fases da vida e que vão de encontro com o modo de vida imigrante, as relações sociais e mudanças de vida. Fontes (2008, p. 164-165) nos afirma que os relatos da poetisa funcionam como referências:

Através de seus relatos, sobretudo de suas memórias de infância, é possível perceber que o sentimento de exílio sempre a acompanhara: a sensação de estar fora do seu espaço. Ou, ainda, de que não há o seu espaço. Esse sentimento pode ser localizado na cisão de referências que envolve o eu-lírico: de um lado, sua terra natal, o Paraná dos rios e araucárias; do outro, as tradições e a memória da família eslava.

O sentimento de estar fora do seu espaço citado por Fontes, nos abre possibilidades históricas e o que podemos chamar de memória identitária, aquilo do qual levamos em conta e selecionamos o que nos marca e causa pertencimento, como os símbolos e elementos culturais.

Desta forma, Kolody se apropria desses lugares de memória dos imigrantes eslavos e representa seu mundo e suas faces, abrindo um leque de informações históricas em seus textos.

Abordar a temática temporal e o cotidiano desenvolve além das fases da autora, uma oportunidade de identificação da memória dos imigrantes, vivenciada pela poetisa. Os lugares de memória servem de aproximação do que foi dito e se apresenta nas narrativas como os poemas, o sentimento e a história sensível que entrecruza com os imaginários e desse modo exploramos o mundo particular da memória kolodyana.

Para representar o que foi dito, observamos os poemas “Correnteza” e “Retorno”, publicados originalmente na obra *Tempo II*, em que a autora se insere como protagonista, recorrendo não só as lembranças, mas as figuras e imagens de si:

Correnteza

Reflexo n'água corrente
já não sou mais quem fui ontem.
Logo serei diferente
Cada momento acrescenta
e subtrai o existente.
(KOLODY, 2001, p. 107)

Ao analisarmos esse poema, percebemos representações sobre a água e seu movimento, uma relação que nos instiga a recorrentes mudanças da autora, seja de espaço como de sua escrita. Uma nostalgia presente, mas que é desfocada pela percepção da autora em relação ao momento presente, que cada dia torna o tempo mais curto, se tornando um passado particular, daquilo que a autora viveu. O reflexo na água corrente é a velocidade do tempo, a idade que se renova e como a correnteza de um rio, tem suas fases e velocidades.

Paul Ricoeur em: *A memória, a história, o esquecimento*, pensa o tempo como a restituição do presente que deixou pegadas e vestígios na memória. Ele pergunta: De que há recordação? Não é a memória essencialmente reflexiva? É lembrar-se de algo, lembrar-se imediatamente de si? Assim ligamos as recordações de Kolody ao seu tempo e a sua memória individual, mas que tem raízes coletivas, relacionadas ao grupo dos imigrantes.

Segue o segundo poema:

Retorno

Voltando em busca de mim
encontrei-me diferente
quase desconhecida.

(Porém a luz recolhida,
era a minha alma de sempre.)
(KOLODY, 2001, p. 107)

Relacionamos esse poema em duas possibilidades. Em um primeiro momento, a poetisa se expressa de forma a querer retornar para si, porém com o tempo que se passa e as fases da vida, começam a aparecer as diferenças e as marcas, em se ver e não se reconhecer. Dessa maneira o eu lírico da autora toma conta do poema e da memória de maneira singular e individual, buscando aquilo que é somente seu. Em uma segunda perspectiva, relacionamos com o cotidiano imigrante, da chegada a um novo território e muitas vezes o desejo de retorno a pátria de origem, uma memória coletiva que se intercala e é representada na vida da autora.

São duas fronteiras e duas formas de se entender o tempo e a memória, lugares que se distinguem e que se personificam em diferentes modos, essas fronteiras segundo Fontes (2008, p. 168) são:

Estabelecer fronteiras é impor limites, distinguir o aceitável do inaceitável, definir em que ponto a tolerância vira intolerância. Se a nação se apresenta enquanto comunidade, o estabelecimento das fronteiras se dá, primordialmente, no seu interior, entre os corpos que a constituem. A imigração delinea-se em faces socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais que a transformam em uma realidade somente compreensível na movência de um constante reconfigurar-se. As imagens elaboradas pelo imigrante participam, paradoxalmente, da construção de identidades, num entre-espaço cultural extremamente rico se assumido como sabido (particípio de *saber*) de si e do outro.

Essa reconfiguração de vida dos imigrantes passa também pela vida de Kolody, da infância na zona rural, à juventude entre Ponta Grossa e Curitiba, cenários diferentes e que proporcionaram distintas experiências envolvendo desse modo um emaranhado de contrastes entre tempo e memória. Dessa maneira, a adaptação da população imigrante em novos cotidianos é um fator a se considerar quando se busca compreender a mentalidade deles e sua percepção sobre a nova realidade a qual estavam inseridos. Por isso diferentes imaginários e vestígios sobre a memória do grupo e da autora.

Em entrevista ao Jornal Nicolau para Telma Serur em 1988, Helena Kolody responde a uma questão referente a sua escrita e personalidade: “Eu acho que a literatura, para o verdadeiro autor, é uma expressão de personalidade e vivência”. Com as palavras da autora percebemos que sua vivência representa sua personalidade nos poemas, desta maneira como os dois poemas supracitados, existe uma experiência de vida a partir das memórias, que se reproduz através de histórias na poética kolodyana. O tempo para Kolody é uma menção às fases, aos momentos da sua vida e aquilo que ela personifica. Uma história envolvida em primeira pessoa, mas que revela dimensões ampliadas da vida de quem nutriu sua memória.

A relação entre história e memória, muitas vezes segue um caminho tenso e inevitável, pois diversas vezes temos narrativas que se envolvem com o passado. Helena Kolody representa

por meio da sua memória e faz menção, dotada de ritmos próprios, que conferem visibilidade às temporalidades históricas em seus poemas, como os imigrantes ucranianos e o cotidiano. A memória evocada é organizada através da narrativa que produz um sentido, desde um simples fato citadino, ou mesmo a chegadas dos seus antepassados e a viagem de travessia do oceano. Esse feito e a chegadas dos imigrantes no Brasil, sempre foi abordado pela autora em sua maneira e com olhar voltado para a memória dos ancestrais.

Quando as pessoas se deparam pensando em momentos os quais, por um motivo ou outro, tornaram-se marcantes, identificamos aí o papel da memória, principalmente quando esta pode ser acessada a partir de algum elemento externo, tal como uma poesia. A memória em si, enquanto um elemento das condições biológica e psicológica do ser humano, retém, quase sempre o que mais chamou a atenção, o que de mais interessante aconteceu na vida cotidiana, do mesmo modo se sugere alguns poemas kolodyanos.

O tempo apresentado em diversas situações e imaginários nos poemas, remete a situações e relatos que a autora incorporou em seus escritos; as narrativas contadas por seus pais e pessoas próximas serviram para que Helena Kolody criasse pequenos relatos dos imigrantes em seus poemas, tomando a ela a voz de seus ancestrais, vejamos o poema “Inalienável”, da obra *Tempo II*, onde as palavras da autora surgem como uma narrativa de alguém que busca um novo refúgio e imagina novas cenas para a sua vida, assim como os imigrantes que imaginavam a nova vida durante a viagem até o Brasil. A ansiedade dos imigrantes é o desejo de percorrer um novo caminho e se estabelecer em um novo espaço, mesmo incerto:

Incansável ansiedade
me impulsiona a procurar
refúgio nalgum lugar
(é sempre onde não estou)

o fardo inquieto a alijar,
levo comigo aonde vou.
(KOLODY, 2001, p. 108)

A ansiedade retratada pela poetisa nos leva a perceber a relação com o imaginário imigrante durante a viagem, impulsionados por propagandas de uma vida melhor e fugindo de situações já citadas, como a guerra, a busca de um tempo estável era quase que um sonho de vida.

Vejamos que o poema, como fonte histórica, contextualizada com o conteúdo histórico e permite uma construção de interpretações sobre o passado, uma exposição cultural na qual as pessoas se alimentam de relatos e experiências de vida.

Segundo Michael Pollak (1992, p. 200):

[...]a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

A memória nestes princípios é uma memória viva, podendo ser de uma única pessoa ou de um grupo. Ela, no entanto, não encadeia cronologicamente os pensamentos. Eles vêm à mente fragmentados, selecionados e, não raro, confusos, pela impossibilidade de se pensar euclidianamente. Relacionando à memória com o sentimento de identidade, percebemos que a construção das poesias de Helena Kolody, caminha de encontro com a visão de pertencimento da autora com a Ucrânia, se identificando e se inserindo como parte do grupo.

Lembramos como Kolody usa o tempo em seus versos, sem ordem cronológica, elaborando seus escritos por temáticas, se utilizando das memórias que se apresentam em sua mente. Daí percebemos que seus poemas não apenas representam seu sentimento em relação ao tempo, mas também, sua visão e mundo, a visão de um grupo e aquilo que a faz se sentir intérprete da memória dos imigrantes, mesmo em situações que não vivenciou diretamente. Sendo assim, as pessoas podem manipulá-la ou, simplesmente, considerá-la além do vivido como imaginário.

Usando como exemplo o poema “Bonança”, originalmente publicado na obra *Paisagem Interior* do ano de 1941, em que Kolody expressa nas palavras todo sentimento de dor e melancolia envolvendo o tempo e seus antepassados:

Agora, o mar é tranquilo.

Quando veio a procela, igual à maldição,
e sacudiu o oceano até as entranhas,
Houve apitos
Longos e aflitos,
Gemidos
E preces,

E gritos,
Desespero e inquietação.

Agora o mar é tranquilo...

Mas, há cadáveres estranhos nas praias,
E soçobradas naus nas águas insondáveis.
Bocas, que nunca mais gritarão de pavor.
Sirenas, que jamais uivarão, longo e aflito,
O sinal de perigo.

Agora o mar é tranquilo.

Mas que saudade! Que saudade
Da agitação febril da tempestade!
(KOLODY, 2001, p. 231)

O mar novamente vem como centro do poema, uma memória vivida pelos imigrantes, seus antepassados e que possivelmente as histórias que Kolody ouviu ficaram marcadas e guardadas em sua vida, sendo assim, seu imaginário recriou em forma de poema. Assim, a poetisa manipulou, imaginou e representou a história que exala. O tempo dos seus antepassados, a dor e a melancolia da viagem, o mar como palco de histórias em um percurso que muitas vezes se transformou.

Ao analisarmos o poema “Bonança”, e suas referências ao mar fazemos uma constatação histórica da travessia nas palavras de Valdomiro Burko (1963, p.51):

Durante a viagem a sua imaginação ansiava por antever coisas maravilhosas, por vislumbrar no horizonte, que ficava além das águas do Oceano, um mundo resplendente... onde tudo era novo, radiante, fácil... Fugia ele das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da guerra, da dominação de estrangeiros, da miséria e, algumas vezes, da própria fome. E, navegando, entusiasmava-se de poder, dentro em breve, estar longe de tudo isso.

Tal representação do povo imigrante é algo que nos leva a perceber a história de forma subjetiva e emotiva; a travessia do mar é coletiva assim como a memória, mas também ambígua, pois existe a necessidade de partir, deixando a pátria em busca de uma nova vida em um lugar diferente. Relacionando o poema supracitado com a fala de Burko, percebemos uma fuga do real, os imigrantes buscando um refúgio independente do lugar, ansiavam por dias melhores e por uma vida que pudessem reconstruir. Notamos porém, o lado saudoso do discurso, deixando de lado as situações de conflito durante a viagem, conflitos esses que também pouco aparecem nos poemas de Kolody, utilizando apenas a memória seletiva em retratar seus ancestrais.

Nas palavras de Jacques Le Goff (2003, p. 477): “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Nessa perspectiva que Le Goff nos apresenta o sentido do tempo e da memória nos poemas, é algo que intercala representações do passado e nos serve tanto no presente quanto indica possibilidades no futuro.

Volvemos com a sensibilidade na história e que segundo Pesavento (2005, p.37) “Falamos, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado”. Ao indagarmos a história nos poemas, partimos do olhar do autor e do olhar do leitor, da narrativa sensível da memória incorporada por cada um. O tempo na poesia kolodyana é uma representação de fases da autora correlacionadas às memórias, às imagens poéticas das

quais expressam sentidos e simbolizam fatos do cotidiano; dessa forma, a história sensível e o tempo ganham ênfase no poema e representam o que a autora viveu e assimilou. O poeta é um inventor de formas e sentidos, uma figura de transformação entre a memória e o fato.

No poema “Agora” de 1966, da obra *Trilha Sonora*, nele notamos a sensibilidade em relação ao tempo e sua consonância com o presente criando um ritmo que marca a “voz” da poetisa em se expressar sobre o momento:

Se tens um elogio a proferir
é tempo agora.

Não aguardes que o vento da morte
desvaneça da areia da vida
o nome que o merece.

Se há um agravo pungente a perdoar,
é tempo, é hora.

O mais fundo rancor não resiste
a um apelo de braços abertos.
(KOLODY, 2001, p. 123)

Tanto a poesia, quanto a história são processos de criação e transmissão de experiências, uma reprodução de cenários e imaginários. Neste poema percebemos que Kolody usa o tempo como um artefato que não pode ser deixado, usa o tempo no presente para se tomar certas atitudes, como falar e perdoar. Dizendo-nos que o tempo é algo passageiro e que a areia da vida está descendo pela ampulheta, indicando que esse tempo chegará ao final com a morte.

O tempo nos poemas kolodyanos e a memória identificam particularidades da autora que remetem a histórias e diferentes condições temporais e sociais. O leitor participa ativamente da narrativa poética, muitas vezes se identifica e reconhece lugares representados no texto, sejam esses lugares imaginados, ou não. A proximidade compreensiva de história e poesia podem ser representadas nas abordagens do autor a partir do contexto social e individual. As expressões existenciais de Kolody ao longo de seus versos nos levam a interpretar as imagens poéticas, referências que nem sempre têm um ponto exato de partida.

O tempo na poesia kolodyana é perceptível nas memórias entre as lembranças do meio rural e o meio urbano. Se as memórias da juventude e da infância trazem nostalgia e apego à Kolody, as imagens e memórias presentes no espaço urbano causam inquietação, pois procuram algo que possa ser consolador. Percebemos também toda a nostalgia e apreço ao meio rural no poema intitulado “Bucólica”, da mesma obra que o anterior, no qual Kolody representa paisagens, espaços e sentimentos em imagens poéticas:

Vida sem pressa nas casas enormes.
Ilhas de sombra nos grandes quintais.

Liberto das horas, o rio te convida.
Preparas a linha; no anzol uma isca
que um peixe guloso, imprudente belisca...
Um claro sorriso de astúcia te aflora
à boca, manchada de sumo de amora.

Nem árvore, tens o teu forte invencível
e noutra, comandas navio de pirata...

No cavalo em pelo, passas cavalgando,
revolto o cabelo, nus os calcanhares.
Pássaros se assustam com o estrepitoso
ritmo das sonoras patas do cavalo...

Vida sem pressa
liberta das horas.
(KOLODY, 2001, p. 120)

Neste poema detectamos o apego de Helena Kolody às lembranças evidenciadas em cada minúcia, seja nos sentimentos transfigurados em palavras ou como na criação imagética representada na história. A poesia desperta sensações e recordações, noção de espaço, lugar e tempo, além de sujeitos, paisagens e memórias. O tempo do qual a autora recorda nos remete à existência sem pressa, com tons de liberdade, gostos e cheiros, sensações que o poema desperta ao leitor e permite ao historiador representar.

O início do poema remete às casas enormes do meio rural, de famílias grandes e de quintais com sombras produzidas pelas árvores; a memória desse lugar é a memória da autora e de sua infância no meio rural em Três Barras. O rio remete à calma, à linha, ao anzol e à pesca, momento esse de diversão para as crianças, como também de interação da família. A memória também atinge as sensações da autora, a lembrança do gosto do sumo de amora, o que poderia ser despercebido, mas que é guardado e destacado pela poetisa, uma memória que marcou e mereceu destaque no poema.

O mesmo poema revela lugares de paisagens e cenas imaginárias. O navio pirata representa o imaginário da infância, das brincadeiras em meio à natureza. Sem pressa e com o barulho dos animais, uma cena bucólica, assim como o nome do poema, uma cena que revela o encanto e rememoração do cotidiano rural, pela poetisa.

A identidade que observamos nos poemas de Kolody demonstra que a autora transmuta sua origem, como também os lugares de memória, a cada poema, cada verso e a cada obra escrita, a poetisa não se abstém de demonstrar aquilo que marcou sua vida e está fervorando em sua memória. Ali estão os sentidos históricos, as sensibilidades e atos que marcam os textos, rastros históricos do tempo e da vida da autora.

Neste sentido nossa análise da ligação entre identidade e memória vai de encontro com o que afirma Hall (2001, p. 38):

Assim a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Helena Kolody escreve suas poesias e se identifica com o grupo de imigrantes ucranianos, como salienta Hall sobre a identidade como um processo em andamento, aquilo que a autora toma como identificação com o grupo se deve a sua ligação com a cultura ucraniana, a tomada de lado e sua escrita de reverência aos imigrantes, é de fato um elo de identidade de sua ucraniedade. Foi através da memória e das lembranças na vida no campo que percebemos essa “ucraniedade” a florada em Kolody, destacando elementos singulares da cultura ucraniana por meio de poesias.

A memória que encontramos nos poemas kolodyanos e que está associada tanto ao grupo que a autora pertenceu, como a sua memória particular, redefine aquilo que Pierre Nora chama de revitalização da própria história, adaptações e necessidade de trazer o passado à tona. Segundo Nora (1993, p. 17): “A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização da própria história. O dever da memória faz cada um historiador de si”

Nessa afirmativa de valorizar a memória de si e a em última instância a própria história é que entendemos que poemas kolodyanos desempenham uma dimensão cultural fortemente marcada por lembranças particulares e relatos da autora, que por meio da vivência cotidiana e da ressignificação, sobrevivem na memória dos seus leitores e dos ascendentes ucranianos e expressam a sensibilidade que permeia diferentes fatos cotidianos nos poemas. Através dessa constatação os poemas como fontes históricas e artefato de memória são relevantes, pois o ato de rememorar permite a descoberta de detalhes e fragmentos de um tempo passado, que sobrevive na memória coletiva do grupo.

Dessa forma o “não dito” dos poemas cabe ao historiador, que deve se atentar naquilo que não está visível, mas é suscetível de interpretação. Como os sentimentos, de tristeza, saudade e alegria, ou ainda manifestos de testemunhos da escrita poética, sendo reveladora e eloquente. Sendo assim, a memória e a história garantem a retenção do tempo, impedindo o

esquecimento. Por exemplo, vemos esta mesma assertiva nos poemas, que como narrativas e dotados de memória e história determinam a transmissão de fatores identitários e culturais.

Vejamos o poema de 1970 da obra *Tempo*, “Benedicite”, uma representação e identificação de traços de memória da autora e dos imigrantes eslavos:

Pelos sonhos da alvorada
e as nuvens do entardecer,
pela barreira de espinhos,
pelo esplendor das colheitas,
bendita a graça de ser.

Bendita pelo trabalho
que balizou a escalada
de almeçadas culminâncias,
embora não atingidas.
Pelo agulhão do sofrer
que ensinou a olhar em torno
e despojou do supérfluo
o denso núcleo essencial.

Pelas ilhas interiores,
onde o pensar se estirava
à sombra de horas desertas.

O escuro timbre de ausência
de austeros dias de luto.

Os momentos tilitantes
Clara guirlanda de risos
Do convívio mais amigo.

Por tudo aquilo que foi
e o que podia ter sido,
bendita a graça de ser.
(KOLODY, 2001, p. 111)

A palavra que intitula o poema “Benedicite” significa: invocação, ritual, oração, normalmente realizada antes das refeições em forma de agradecimento, muito comum entre os imigrantes ucranianos de origem católica. A religiosidade entre os imigrantes é uma marca identitária e cultural, mas também nesse caso está relacionada ao tempo e à memória. Skravonski (2015, p. 43), descreve a religiosidade como demarcadora e uma maneira de afirmação dos imigrantes ucranianos recém-chegados no Brasil, mais especificamente em Prudentópolis, vejamos:

A religiosidade baseada no rito bizantino serviu como demarcadora de diferenças entre os ucranianos, brasileiros e demais estrangeiros. Como essas diferenças culturais persistentes contribuíram para alicerçar uma nova realidade a ser construída e solidificada, os imigrantes vinculados e também identificados por traços e crenças em comum, uniram-se frente as adversidades enfrentadas para conquistar e garantir um espaço social e religioso na nova terra.

Desta maneira percebemos que os poemas que apresentam a religiosidade dos imigrantes como fator identitário, refletem e vão de encontro com a história do grupo, o pertencimento e a ligação com a cultura. Skravonski (2015) ressalta que esses imigrantes reafirmam o sentimento de pertença a sua relação com a igreja e a religiosidade. Pertencimento e idealização do grupo ucraniano foi o que levou Kolody a escrever versos e representar as marcas identitárias nos poemas.

Kolody se preocupou em registrar as diversas faces da vida do imigrante, participando da construção da identidade no espaço cultural praticado, no caso dos fatos descritos no poema, uma reunião familiar antes da hora do almoço ou do jantar.

Um simbolismo que leva ao imaginário em cada estrofe do poema, chamando atenção ao tempo e suas fases; na primeira estrofe o agradecimento da colheita, feita depois das barreiras, que podem ser naturais, físicas ou temporais. O agradecimento através das orações, também é uma maneira de se estreitar os laços entre a família e os imigrantes. Seguindo o poema na segunda e terceira estrofe o trabalho e suas dificuldades são colocados em pauta, pois normalmente todo o trabalho era realizado em família ou em comunidades, o que estreita a memória singular e coletiva. Na quarta estrofe as horas ganham destaque, porém de maneira lúdica e metafórica ao se tratar que não estão relacionadas com o relógio, mas sim as horas do dia de trabalho conforme o desenvolvimento e conclusão do mesmo. Por fim, as últimas estrofes do poema revelam o agradecimento pelo convívio com as pessoas, sejam amigos ou família, em que a são enfatizados os momentos de felicidade após o trabalho.

Helena Kolody se mudou para a capital Curitiba com 14 anos, e em dado momento de sua carreira, as poesias em relação ao espaço e cotidiano urbano foram de encontro com seu sentimento e estilo de vida. A nostalgia e o apego ao mundo rural aparecem em diferentes poemas da autora, que não deixa de descrever as situações urbanas e que transformaram a identidade imigrante. Desse modo o poema supracitado, demonstra a relação de Kolody com o tempo e o espaço de memória, evidências e minúcias que fizeram parte da sua vida e retratadas como agradecimento em poema.

O trabalho no campo alterou de certo modo a vida dos imigrantes que chegaram ao Paraná, muitos desses imigrantes eram camponeses em seu lugar de origem. No Brasil pelas circunstâncias trabalhar com a lavoura e agricultura, era uma forma de sobrevivência, e uma maneira de produzirem em prol das comunidades que se formavam. Segundo Oksana Boruszenko (1967, p. 430):

À lavoura dedicaram-se nada menos de 80% dos imigrantes ucranianos em cerca de 5.000 km² de terra. Já no ano de 1922, o total de fazendas pertencentes aos imigrantes ucranianos era de 7.500, abrangendo cerca de 350.000 hectares de terra.

Outro poema que representa o cotidiano e a identidade dos imigrantes nas regiões paranaenses é “Carroça de Tolda”, de 1964, da obra *Vida Breve*. Destaca-se um dos temas mais recorrentes em Kolody, o culto à natureza e à terra. Esse poema retoma e ressignifica a rotina simples do imigrante, os encantos e sorrisos de um dia de trabalho, bem como o sofrimento e as lágrimas de saudade e nostalgia da pátria deixada no leste europeu, sendo que o tempo e a memória percorrem pela rotina que a poetisa apresenta em seu texto:

Cedo, a carroça
 Já vai na estrada.
 Vai a parelha
 Bem ajazada
 Franja de guizos
 Pela testada...
 Cantam os guizos
 Na madrugada

Nesta
 Parece, a tolda
 Lenço de lona.
 De lenço branco
 Vai a colona.
 Pelo arvoredos,
 Há uma neblina,
 Que é um alvo lenço
 De musselina

Rosto curtido.
 Mão calejada
 Guia a colona
 Lenta e calada
 Geme a carroça
 Tão carregada!
 Cantam os guizos
 Na madrugada...
 (KOLODY, 2001, p. 155)

Este poema, além de representar a rotina dos imigrantes, exhibe um conjunto de símbolos, que nos levam a perceber a identidade e a construção social do povo ucraniano. Toda uma simbologia pautada na identificação da rotina e do ser imigrante; a carroça como meio de transporte e ferramenta de trabalho; a estrada e a madrugada, a representação simbólica da natureza, da terra que é o meio de sustento dos imigrantes; o lenço de musselina, usado nas cabeças das mulheres imigrantes para proteger os cabelos do sol; o canto dos guizos e o gemido da carroça, a marca deixada ao passarem os colonos imigrantes pela estrada.

O tempo e a rotina imigrante destacada nos poemas de Kolody, nos levam a perceber todo o encanto pelos antepassados que a poetisa expressou em versos, seja nas minúcias do dia ou nos acontecimentos da jornada de trabalho dos imigrantes. O que percebemos é que a memória kolodyana retrata e rememora aquilo que fez parte da história de vida da autora, uma experiência histórica e datada por singularidades. No próximo tópico, iremos abordar de que maneira esse sentimento da autora em relação à vida imigrante no campo teve voz ativa em poemas que representam o sentimento de pertencimento e nostalgia do mundo rural.

2.3 SENTIMENTOS CRUZADOS: A RELIGIOSIDADE E O TEMPO

Exílio

Somos tão estrangeiros nesta vida!

Vivemos doloridos e insatisfeitos.

Há sempre uma farpa

Cravada num nervo sensível.

Em tudo, sempre uma ausência.

Um travo de imperfeição.

(KOLODY, 2001, p. 145)

Nos versos da poesia, publicada em *Vida Breve* de 1964, percebemos a insatisfação e o sentimento de não pertencimento da autora com a vida e o cenário que está inserida, a ausência de outro lugar faz com que o tempo seja imperfeito sendo um exílio para autora. A insatisfação toma conta da poética muitas vezes relacionada com momentos e memórias, como o fato de ser estrangeira nessa vida, o que é para Kolody estar de passagem; e a espera de uma vida eterna, assim como os preceitos do cristianismo, como vimos anteriormente. Adentrar no tema da religiosidade é perceber um cruzamento de acontecimentos, de sentimentos e de experiências de vida. A memória e o tempo interagem de forma transcendente nesse contexto, explorando cada sensação melancólica da autora.

Uma das principais características culturais expressas nos poemas de Kolody é a religiosidade, manifestado pelos imigrantes de etnia eslava, como marca de seu grupo. Dentre os temas escritos pela autora, a religião está presente em sua obra, abordada de diferentes maneiras e aspectos, assim como: vivência religiosa da autora, o seu pertencimento à religião católica e as memórias afetivas que remetem aos seus antepassados quando se trata da religião. Não abordaremos de forma direta aqui a questão da fé ou da história das religiões, mas sim como a religião está presente na poética de Kolody e sua relação com o tempo e com a cultura dos imigrantes ucranianos.

Para compreendermos alguns dos aspectos simbólicos e religiosos presentes entre os imigrantes eslavos e que influenciaram a poetisa, é essencial nos voltarmos também para as levás imigracionistas que chegaram ao Brasil a partir de finais do século XIX e início do século XX, compreendendo como esses imigrantes trouxeram consigo todo um conjunto de práticas ritualísticas e culturais, como é apresentado por Maria Inêz Skavronski (2015, p. 16):

O rito, entendido como uma forma de expressar a religiosidade desse grupo étnico através da linguagem, de símbolos, de crenças e de bênçãos particularizadas apresenta uma dimensão religiosa por assumir um caráter simbólico e transcendental e também

por reafirmar a identidade étnica de seus participantes por ser uma ação, um momento comunicativo e constitutivo de uma visão de mundo.

O simbolismo do rito e a religião serviram como ferramenta de adaptação dos imigrantes em terras brasileiras, incentivados pela propaganda dos agentes de imigração, de uma terra próspera e rica, desenvolveu-se um imaginário de “paraíso” no Brasil para os imigrantes. Porém, encontraram dificuldades e logo essa visão positiva se tornou negativa, sendo a religiosidade e a manutenção da cultura um alento e esperança para os imigrantes, Skavronski (2015, p. 48) reforça que:

Assim, a religiosidade contribuiu para a resignação dos primeiros imigrantes frente ao sofrimento vivenciado nas regiões de colonização, quando se depararam com uma realidade totalmente adversa: florestas fechadas, animais ferozes, doenças, fome e desilusão. Pensavam estar vindo para uma terra próspera onde poderiam construir uma nova vida longe de perseguições e guerras, mas a realidade do “novo mundo” não era exatamente o que os imigrantes imaginaram ou sonharam. Entretanto, apesar de todas as adversidades enfrentadas, foi possível uma nova vida marcada pelo trabalho, numa pátria adotada, distante da terra natal.

Ao ponderarmos as palavras de Skavronski nos faz questionar se: poderia a religiosidade deste grupo contribuir para a construção e manutenção de sua identidade? Desta maneira a resposta pode ser encontrada e relacionada com a dependência religiosa dos imigrantes e suas representações no cotidiano, como escreve Kolody em seus poemas, usando ritos e práticas religiosas para representar seus antepassados, em um cotidiano que experimentou, por influência de sua família.

Sobre a questão do conceito de identidade, a religiosidade dos imigrantes está associada ao simbolismo e pertencimento, uma marca para se diferenciar de outras etnias e de outros grupos, por exemplo os poloneses e os brasileiros, Kathryn Woodward (2000, p. 40) que relaciona a construção da identidade não somente a um grupo que possua um componente cultural semelhante de signos e significados, mas principalmente a construção da identidade frente ao outro:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

O historiador Darlan Damasceno utilizando de relatos em cartas de imigrantes ucranianos na comunidade de Rio Claro³³, nos leva a contextualizar a relação de identidade de Woodward pela marcação das diferenças, os ucranianos no Brasil e nas colônias no interior do

³³ Atual município de Mallet na região centro-sul do Paraná.

Paraná, se afirmavam através não somente do rito religioso, mas também de construções de igrejas e capelas, em outras palavras, uma maneira de dizer que “meu grupo está a frente do seu”. Neste caso não percebemos nos poemas kolodyanos referências religiosas de outros grupos, centrando seus poemas de maneira a cultivar novamente o grupo de imigrantes ucranianos. Vejamos o relato de Teodoro Pototskei, que é citado no trabalho de Damasceno (2016, p. 14):

Os poloneses da Colônia de Rio Claro, que ali se encontram já há sete anos, ainda não possuem a sua Igreja, apenas uma capelinha. Nós, os ucranianos já estamos prontos para construir mais uma Igreja em uma colônia próxima. Porém, nem todos os ucranianos permanecem unidos conosco. Existem aqueles que durante seis dias são poloneses e um dia ucranianos. Alguns não frequentam nem a Igreja e nem a escola.

A sensibilidade religiosa e é de fato uma marca essencial dos imigrantes ucranianos e é em torno dela que se organiza os poemas de Helena Kolody sobre o tema, retratando cenas do cotidiano e da vivência religiosa dos imigrantes. Um dos poemas que nos ajuda a entender esse sentimento e aspecto cultural é “Lição”, publicado em 1991, na obra *Ontem Agora* e já analisado por mim na dissertação de mestrado, mas que se apresenta sempre como um instrumento para análise histórica referente à autora, desta vez, relacionado à memória afetiva da poetisa com suas raízes. Este poema foi escrito pela autora em homenagem a sua avó, que a ensinava rezar e uma forma de passar as tradições de geração em geração:

Lição

A luz da lamparina dançava
frente ao ícone da Santíssima Trindade.
Paciente, a avó ensinava
a prostrar-se em reverência,
persignar-se com três dedos
e rezar em língua eslava.
De mãos postas, a menina
fielmente repetia
palavras que ela ignorava,
mas Deus entendia.
(KOLODY, 2001, p. 36)

Nas palavras de Kolody (1997, p. 30) temos sua explicação sobre a escrita do poema supracitado, a autora remete a sua nostalgia e lembrança sobre o tema, sua relação familiar e a iniciação religiosa em sua vida:

Lição, foi escrito em memória de minha avó Nastia, em ucraniano, e, depois, em português. É uma cena puramente ucraniana, mas envolvendo uma criança que não tinha consciência disso porque, na verdade, eu não sabia o que significavam aquelas palavras. É bem aquilo da gente ser e não ser ao mesmo tempo.

Ao nos depararmos com a fala da autora sobre o poema, nos deparamos com algumas cenas e lugares de memória da autora e que também podem ser relacionados com as famílias imigrantes. Uma homenagem familiar que expressa retratos e sentimentos entre gerações de ascendentes ucranianos. A religiosidade abrange campos e espaços diferentes, passa pela memória, pelos acontecimentos e também pelas representações simbólicas e culturais.

De acordo com Émile Durkheim (1996, p. 16), em *As Formas elementares da vida religiosa*, encontramos uma reflexão que nos leva de encontro com nossa abordagem sobre o poema e toda a representação e relação com a cultura imigrante:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos.

Desta maneira, a memória que está incubada no poema “Lição”, faz parte e vem de toda uma representação coletiva do grupo familiar e imigrante em torno de Kolody. A representação do poema nos leva por cenas entre ritos religiosos e culturais ucranianos. Destacamos primeiramente o “ícone da Santíssima Trindade”, os ucranianos utilizam quadros, ao invés de imagens das figuras sacras da religião católica, até mesmo nas igrejas do rito bizantino, os ícones recebem destaque. Também é comum nas casas de imigrantes ucranianos existir um altar com ícones³⁴ para se realizar as orações. Em segundo lugar temos a avó ensinando a oração em língua eslava, uma forma de se manter a identidade e representar a cultura ucraniana na vida de Kolody.

O poema “Lição”, é um cruzamento de sentidos entre a memória e o tempo, entre gerações que se encontram e revelam o sentimento em torno da cultura ucraniana, instantes que transmitem cenas e sentidos, tanto afetivos como históricos. São experiências que a autora decifra em seus escritos, rodeados por símbolos culturais da etnia eslava. Versos munidos de sentimentos e imagens poéticas da experiência de vida da autora.

A temática da religião nos poemas de Kolody, revela uma interconexão entre duas faces da cultura humana, sendo uma unidade de sentido histórico. A poesia transparece sentidos e cenas vividas, assim como no poema analisado, revelador e histórico de modo intermitente nas palavras expressas e escritas.

³⁴Para maiores informações sobre o tema consultar: TAMANINI, Paulo Augusto. O lugar e os ícones na cultura religiosa dos imigrantes ucranianos em Curitiba. *Domínios da Imagem*, v. 12, p. 11-28, 2016.

Paulo Augusto Tamanini (2015, p. 207) ressalta que: “Helena Kolody afirmava-se tanto poeta quanto teóloga, pois usava da capacidade de criar versos para despertar em seus leitores uma vontade de conhecer e se relacionar com o divino”.

Através da afirmação de Tamanini, percebemos o quanto a religião é dotada de sentidos para a autora e que de maneira proposital seus poemas são carregados de referências religiosas e sacras, sejam para expressar e representar a fé e devoção dos imigrantes ucranianos, como também uma maneira de aproximação da autora com o sagrado em sua vida.

Ao analisarmos o poema “Canto Místico” publicado originalmente na obra de 1941, *Paisagem Interior*, observamos que neste texto, a poetisa reafirma sua religiosidade nos versos, despertando a imaginação de quem lê sobre o lugar, o tempo e o misticismo que envolve o poema:

Aqui estou, Senhor, no meio desta nave
Para cantar em teu louvor.
Minha voz é prisioneira da garganta:
Conhece a gama dos sons e não pode cantar.

Há vibrações sonoras em meus nervos.
Mas a voz ausentou-se de meu ser.

Teu mundo é uma ciclópica poesia
Que brilha no céu e brota no chão
E ruge e ri, canta e chora.
Não encontro, porém, as palavras exatas
Dessa canção.

Se eu pudesse, ao menos,
Cantar a plenitude singela
De um momento feliz.

Dizer na inocência de uns olhos de criança,
Olhando serenos nos olhos da mãe...

A música das esferas
Sinto fremir, ouço vibrar
E não posso cantar.

Aqui estou, prisioneira de minha mudez,
Aflita e em pranto, no silêncio grave
Da iluminada imensidão de tua nave.
(KOLODY, 2001, p. 221)

O aspecto do lado espiritual e do imaginário religioso, remetem ao discurso de exaltação da cultura ucraniana, a autora se utiliza do seu eu lírico como forma de súplica, por uma libertação, em que firma que sua voz é de prisioneira.

Ao pensar a religiosidade dos imigrantes eslavos, este poema é uma percepção da dependência religiosa na vida deles, ou então a dependência da autora em relação à religião.

Cruz e Zanini (2010, p.102) reafirmam sobre o sentimento da autora em relação à temática religiosa e como a poesia opera nessa relação:

Através das palavras, a poeta projeta no plano verbal um universo poético capaz de nomear o mundo. Ao se apoiar nos aspectos rítmicos e imaginários da linguagem, ela concretiza a operação poética: manifestação dos sentimentos humanos e diálogo operante do eu em relação ao outro, às coisas e ao mundo circundante.

As manifestações dos sentimentos humanos citados pelos autores, tornam-se marcas da poesia kolodyana, sentimentos e sensibilidades que encontramos nas representações religiosas, entre símbolos e ritos, orações e canções, ou então novamente em minúcias pelos poemas. A experiência sensível do mundo e das cenas poéticas partilhadas ou não, exprimem uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, manifestações dentro do imaginário da autora.

Ainda sobre o poema anterior, a palavra nave é citada duas vezes, tanto no início como no final do poema, representa o lugar físico da igreja, em que os fiéis se posicionam para entoar cânticos e orações durante as celebrações religiosas, as naves se situam nas igrejas de rito bizantino embaixo das cúpulas, assim as orações e os cânticos ganham uma ampliação acústica. Normalmente, as pessoas que se posicionam nessa posição nas igrejas, são pessoas participativas junto às celebrações e à comunidade.

A exaltação religiosa e sua relação com o tempo nos poemas, se deve muito pela autora sempre ter participação ativa entre a comunidade ucraniana e as celebrações de cunho católico. Referências às festas religiosas e da figura religiosa de Maria são pertinentes em sua escrita.

Observamos no poema “Novena”, publicado na obra *Viagem no Espelho* de 2001, que inclui vinte e um poemas inéditos, entre eles o poema que segue, em que a poetisa destaca o tempo e o rito, bem como toda a religiosidade que era pertencente a ela:

Voltava-se da novena
com a alma cheirando a incenso,
sonora ladainhas.

E havia um revoar de anjos
dentro da noite nascente.
(KOLODY, 2001, p. 11)

Analisando o poema, percebemos figuras imagéticas e sensibilidades religiosas que dão o tom dos versos, uma escrita curta, porém reveladora e pertinente com nosso enredo. Toda a cena que envolve a celebração da novena, remete à participação de Kolody na cena, logo uma experiência vivida e que também era praticada pela mesma. As novenas são celebrações religiosas da igreja católica em homenagem a figuras sacras, como santos e a Maria, realizadas

em nove dias sequenciais. O poema revela a participação da poetisa como também a seu sentimento sobre detalhes como o cheiro do incenso e o som das ladainhas marcam a simbologia da novena, já na parte final quando é citado a “noite nascente”, volvemos ao tempo e à hora da celebração da novena no início da noite.

Como parte do rito dos imigrantes ao demonstrar sua religiosidade, as participações em práticas religiosas, como uma novena, vão de encontro com a afirmação da identidade e apego as tradições, mas de certo modo, é uma maneira dos imigrantes se colocarem como destaque frente a outros grupos, vejamos nas palavras de Skavronski (2015, p.52):

Fundamentado em um calendário litúrgico que destaca as “Doze Grandes Festas Cristãs”, - nas quais ocorrem alguns dos rituais de bênçãos relacionados com práticas rurais vinculadas à natureza, - o rito bizantino torna-se um elemento de identificação e de reafirmação identitária entre os ucranianos e seus descendentes.

Tamanini (2015, p. 208-209) relata sobre a devoção e participação de Kolody nas festas religiosas, detalhando a experiência que envolveu a vida da autora e que nos serve como fonte para a análise e interpretação dos poemas que aqui analisamos:

O costume da poeta acompanhar as celebrações desde pequena extrapolava então a uma simples prática de piedade religiosa e instituía-se um fremente desejo de transmissão de tradições. Parecia que a presença de Helena nas mesmas festas, a cada ano, era vista como uma estratégia para assentar um costume, aprendido aos poucos. Nessas celebrações religiosas estavam previstos momentos de orações comunitárias ou particulares que se espalhavam pelo transcurso do dia. Assim, para Helena Kolody que participava das festas paroquiais, das procissões e dos ritos litúrgicos em louvor à Mãe de Deus, a devoção à Virgem Maria não era nenhum peso, mas a inspiração para a escrita de versos marcados pela experiência de quem tinha certa proximidade e cumplicidade com o Sagrado. Acreditando que o culto ao sagrado gera crenças e símbolos, a participação reiterada de Helena às festas religiosas marianas parecia lhe fazer ressuscitar a cada ciclo litúrgico uma fé premente e o acordar de um manancial que jorrava inspirações criadoras inexauríveis.

Percebemos nas palavras do autor, que Kolody se inspirava nas celebrações religiosas para escrever seus poemas com a temática, a autora vivia e recriava cenas, se utilizava dos ritos e dos símbolos para a composição poética. Reforçando o que Tamanini enfatiza, destacamos que as construções das poesias representam aquilo que a autora viveu e sentiu e que de certa maneira buscou repassar para seus leitores, onde muitos associavam os poemas a orações.

O poema “Ensinarmento” da obra *Tempo*, publicada originalmente em 1970, tem algumas semelhanças com a passagem bíblica³⁵ em que Pedro pergunta para Jesus Cristo se

³⁵ A passagem bíblica é a seguinte: “Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: “Senhor, quantas vezes deveei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?” Jesus respondeu: “Eu digo a você: Não até sete, mas até setenta vezes sete”. (BÍBLIA. N. T, Mateus 18:21-22).

deveria perdoar sete vezes e Jesus responde que setenta vezes sete, vejamos o poema e a similaridade com a o versículo bíblico:

Sete vezes te agrediram,
sete vezes caluniaram,
sete vezes te iludiram,
sete vezes atraíçoaram.

Não somente sete vezes,
mas setenta vezes sete
manda o Amor perdoar.
(KOLODY, 2001, p. 102)

As marcas deixadas no tempo nos poemas, fazem parte da sensibilidade da autora, para nós historiadores uma relação entre a história e o que o poema expressa, sejam em ações ou sentimentos. Acreditamos que os poemas que desvendam sentidos ocultos para a história são pequenas buscas que revelam partes deixadas pela poetisa, mas que somadas a fatos e constatações históricas indicam caminhos com inúmeros rastros de evidências.

Diante dessas premissas e tendo consciência que Helena Kolody foi uma mulher e poetisa do seu tempo, percebe-se que a religião como uma forma da autora se comunicar com seus leitores e expressar os ritos e celebrações dos imigrantes ucranianos.

A linguagem religiosa de Kolody nos poemas compreende as representações humanas, que vão de encontro com as necessidades humanas e também com sua espiritualidade, uma reconstrução de memória por meio de sua vivência, reitera Tamanini (2015, p. 216):

Compreende-se então, que a linguagem é uma representação, uma construção nascida da necessidade humana de interação e relação; é por meio da linguagem que o ser humano se representa para o outro. A linguagem usada nas poesias de Helena, por exemplo, tenta refletir uma cultura religiosa, ao mesmo tempo em que define a historicidade da autora e revela detalhes de sua ordinaryidade.

Representar para o outro e pensar na necessidade humana, como ressalta Tamanini, Kolody em sua linguagem representa a cultura religiosa, exprime sua historicidade e aquilo que não está explícito no texto, os detalhes ocultos nas palavras, no imaginário e na percepção da composição. No contexto histórico, os versos da autora não somente são explorados pela literatura, mas de certa forma como uma representatividade da cultura expressa na religião dos imigrantes ucranianos, na visão identitária que abre lacunas e diferentes elos entre o poema, a religião e o tempo.

A experiência de rememorar na poética kolodyana é o desejo da autora, sua nostalgia aflorada, alicerçada em recuperar o tempo. Dessa maneira, nas leituras e compreensões poéticas, encontramos um favorecimento para a interpretação humana, os gestos, as mudanças de espaço e lugar e as emoções em cada verso expresso.

A memória religiosa de Kolody aplicada em seus poemas é dotada de ritmos próprios, ritmos estes que conferem visibilidade às temporalidades históricas. Vejamos o poema “Predestinação”, publicado na obra *A Sombra do Rio*, de 1951, em que encontramos temporalidades e ritmos distintos:

Na juventude, cada qual, secretamente,
 Sonha encontrar um novo rumo para o oriente.
 E muita vez descobre um mundo em pleno mar.
 Se amanhã apartares, Maria,
 A uma terra pujante e bravia
 Que nos traços do mapa não está.
 Não lamentes a sina mudada.
 Ama e sofre, trabalha e confia
 Nesse chão que te elege, Maria.
 (KOLODY, 2001, p.173)

Através deste poema, a poetisa cria uma personagem de nome Maria, comum tanto para brasileiros como para os ucranianos, tendo em vista a forte ligação com a religião em relação à figura da Virgem Maria. A personagem do poema parte do sonho para a realidade. A partida da terra natal é um sonho, no qual na juventude tudo é um dilema de planos e sonhos. Ao chegar ao destino uma nova realidade de luta, suor e trabalho árduo. Observamos no poema o conformismo com a realidade encontrada. Esse foi para muitos imigrantes o sonho e se tornou a realidade. Também o conformismo da mulher imigrante em relação às situações. Um mundo novo que se traçava sem volta e que agora precisaria fazer desse local sua casa, implantando sua cultura à nova terra. Maria é a imagem de muitas jovens imigrantes que chegaram ao Brasil vindas da Ucrânia.

A devoção mariana da autora está presente no poema “Predestinação”, ao usar o nome Maria, a autora não apenas representa a figura de uma mulher imigrante e camponesa, mas também evidencia sua cultura religiosa e o simbolismo. Segundo Tamanini (2015, p. 213):

A linguagem simbólica permite transpor barreiras de tempo uma vez que sobrevive independentemente de qualquer explicitação ou correspondência de direta inteligibilidade. Por isso, o gênero literário de Helena faz alusão à realidade dogmática acerca da Mãe de Deus através da reinterpretação das palavras, versos e sentenças, no decurso de um tempo.

Segundo Bosi (1994, p. 55): “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado”. Kolody se preocupava em registrar as diversas faces da vida do imigrante, participando da construção da identidade no espaço cultural praticado, no caso dos fatos descritos nos poemas. A poesia é a sensibilidade diante de cada signo poético escrito pelo poeta, uma simbologia que envolve o leitor e a história.

A partir desta premissa abordamos também o sentido da espera do tempo na poética kolodyana, o tempo é observado e sentido pela autora como algo transitório e inquieto, de forma que em muitas poesias percebemos que o tempo se finda como algo passageiro na vida e que Kolody espera a passagem da vida terrena para a vida após a morte, em um sentido religioso de espera e encontro com Deus.

O poema “A Espera” é indício dessa constatação, existe um clamor da autora em relação à espera e à passagem, logo pensamos que esse poema pode ter sido escrito na fase idosa da autora, porém fora publicado em seu segundo livro no ano de 1945, quando a poetisa tinha trinta e três anos de idade:

Minhas mãos esperam ser chamadas,
Confiam no milagre da revelação.

Em pleno tumultuar da existência,
vivo, às vezes, a pausa vibrante da espera,
A palavra iniciação
Humildemente aguardo.

No palpitar do silêncio noturno,
Inquietos, velam meus ouvidos.

Meus pés caminham e sem rumo
Por que tarda o milagre da revelação.
(KOLODY, 2001, p.189)

A época da escrita do poema coincide com o final da Segunda Guerra Mundial e toda transição do pós-guerra para o mundo, o que afeta também a escrita e o sentimento da autora, percebemos isso na segunda estrofe do poema, quando Helena Kolody nos fala sobre o tumultuar da existência e a e a pausa da espera. O temor de Kolody e de sua família com a guerra era que seu irmão fosse convocado, segundo Fontes (2012, p. 122), isso não aconteceu, mas Kolody retrata que outros temores se passaram na época em Curitiba, como a falta de alimentos:

Naqueles anos, começaram as filas para compra de alimentos. “A primeira, em Curitiba, foi a fila do pão, lembra Helena. Faltava tudo na cidade e os produtos que

havia eram muito caros. Lembro-me que o (mercado) Abage comprara um navio de trigo e eram enormes as filas para adquirir seu pão”.

O temor e angústia que toma conta da sua escrita é reflexo do seu sentimento referente ao período. Já para Zanini (2011, p.34) ao analisar o mesmo poema, entende que Kolody espera por um chamado vocacional e que o mesmo não acontece:

A poeta aguarda (“Minhas mãos esperam ser chamadas”) por um sinal vocacional (“A palavra de iniciação”) que na forma de um milagre lhe revelasse que Deus possui planos para ela. Sem o “sinal da revelação” ela não acredita que exista uma caminhada sacerdotal predestinada a ela.

O sentido religioso dos poemas soa como clamores, como se existisse uma conversa íntima da autora com suas referências religiosas. E pelas palavras de Zanini percebemos esse clamor e particularidade da autora.

Outro ponto que nos chama atenção em seus escritos de representações religiosas, são as tomadas de expressões populares ditas entre os cristãos, por exemplo a expressão “cada um carrega sua cruz”, uma espécie de referência à cruz carregada por Cristo, como uma forma de dizer que cada um tem as dificuldades da vida que merece ou que Deus envia.

O poema “O dom da alegria” publicado na mesma obra e ano do anterior representa e indica sobre tais expressões populares-religiosas, novamente o tempo aparece na composição, indicando que algo possa acontecer:

Talvez, a cruz dos outros pese mais que a tua...

Torna mais leve o lenho da existência
No dolorido ombro alheio,
Embora o teu sangue e doa.
(KOLODY, 1997, p. 64)

Novamente a Cruz é representada, no pensamento de Hall (1997), nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e desta maneira Kolody representa o universo dos imigrantes e descendentes ucranianos através do apego a religião e sustentação dos ritos, práticas e símbolos como um plano identitário que transpõem os anos. Sua experiência também está ligada ao tempo nos poemas, de maneira cíclica, inspirada em cantos e orações, a autora deixa claro esse tempo cíclico no poema “Elegia”, publicado na obra música submersa de 1945:

Quando a elegia dos sinos chorar por mim...

Estarei na vibração da luz,
Transpondo espaços siderais.
A paz distenderá

Meu ser tetanizado de angústia.

Quando a elegia dos sinos rezar por mim...

Verei a mão misericordiosa da morte
Arriar o fardo monstruoso
Dos ombros esmagados dos vencidos,
Como quem levanta uma pedra
De sobre uma planta sensível.

Verei a mão serena da morte
Apaziguar os rostos atormentados
Pelo arguilhão constante
Do desespero e da dúvida.
Frontes que só repousaram em seu regaço imóvel.

Quando a elegia dos sinos cantar por mim...
(KOLODY, 2001, p. 190 – 191)

Os significados da palavra “elegia” remetem a algo triste, no poema e na literatura o conteúdo lírico melancólico e de lamento. Os poemas dessa natureza tornaram-se repetidos nas obras de Kolody, a elegia dos sinos é o próprio lamento melancólico da autora, uma aceitação da própria morte em um futuro, uma aceitação de caráter religioso de vida após a morte, de se ter na terra uma preparação para o paraíso prometido nos ensinamentos cristãos e que também fora ensinado pelos seus antepassados. Os sons dos sinos no poema marcam o tempo cíclico, no primeiro existe o pranto, no segundo, a oração e a prece e no último momento o canto melodioso. Marcam a passagem da vida e da morte em diferentes perspectivas, mas iguais na maneira triste da concepção do poema.

Para finalizarmos essa unidade citamos mais dois poemas da autora, do livro *A sombra do rio* de 1945. Neste livro novamente encontramos composições que remetem à religiosidade e ao tempo, mas diferente dos poemas supracitados anteriormente, encontramos nos versos de “Ação de graças”, palavras de agradecimentos com tons religiosos, deixando de lado a melancolia e o enfoque na morte:

Pela graça da beleza que me cerca,
Pela graça da beleza, meu louvor.

Turíbulo de incenso
É o coração
Que pulsa diante de Ti.

Pela graça da bondade, meu Senhor,
Que me vem das almas, como vem a chuva
Em rechã queimada, ergo meu louvor.

Alta chama reverente
De gratidão
Faço arder em Teu altar.
(KOLODY, 2001, p. 162)

Encontramos nessa composição poética de Kolody, quase que uma oração, nas palavras da autora percebemos que ela agradece e louva. O poema é cercado pela simbologia do turíbulo de incenso, presente nas celebrações católicas, em que o fogo, a fumaça e o cheiro servem para elevar os pedidos aos céus. Também é perceptível na escrita das palavras “Ti” e “Teu”, em maiúsculo, dando a entender a referência a Deus, como um código dentro da poesia. Segundo Zanini (2011, p. 36), ao referir –se ao poema:

São versos de puro agradecimento pela vida e o mundo que a cerca. O próprio coração do eu lírico se converte no incensório que emana gratidão. O texto dá a dimensão da fé e o comprometimento pessoal por parte da poeta para com suas crenças religiosas.

A dimensão da fé e o engajamento de Kolody com a religião envolve sua poética e reforça a identidade imigrante no Paraná; o tempo e a religiosidade provêm uma dimensão cultural e reforça que as imagens poéticas são parte da história da autora e do povo imigrante de origem eslava. Percebemos que os detalhes nos poemas revelam símbolos e ritos, que são parte importante da cultura de um povo quando se trabalha com a crença e a fé. Culturalmente a religiosidade é um conjunto de elementos que envolvem um determinado grupo, sendo parte operante dos laços identitários e que também envolvem os desdobramentos da memória coletiva.

Entendemos que parte da memória que se desvenda é construída tanto pela experiência de quem imigrou e de seus ascendentes, como também é moldada por quem escreve, vemos isso em Kolody, solidificando por meio do discurso do poema, a cultura imigrante e tudo aquilo que remete às suas origens. Adaptado em uma linguagem poética, Kolody, além de todo o anseio particular em retratar suas tradições, compila diversos fatos, situações e sentimentos históricos que singularizam esta etnia no confronto com o cotidiano. A sensibilidade de Kolody em representar a sua cultura eslava floresce do encantamento que manifesta e que revela em seus poemas.

Todos os fatos históricos analisados e interpretados nos poemas kolodyanos até aqui, partem da ideia de volver a memória individual da autora e a coletiva que serviu como base para toda a escrita e experiência de Kolody, seja em falar dos antepassados, da chegada dos imigrantes, do cotidiano, ou da religião. Unindo a sua vivência e sua nostalgia e sentimento pela história de seus descendentes, a autora em muitos poemas é a protagonista. Para Beatriz Vieira (2007, p. 42): “Em suma, pesquisar a experiência histórica que se encontra testemunhada na poesia implica observar nos textos os diversos tipos de tempo e experiência”

E é a partir da experiência histórica que entramos na terceira unidade desta pesquisa, onde serão analisados poemas diretamente ligados à vida de Kolody no espaço urbano, a

transformação da identidade imigrante e a influência do cotidiano moderno³⁶ na vida e escrita de seus poemas.

³⁶ O cotidiano moderno, nos poemas de Helena Kolody, se refere às transformações da cidade e tudo que envolve a modernização da urbe: a energia elétrica, a água encanada, os automóveis, os bondes elétricos, as máquinas nas fábricas e indústrias, os aparelhos eletrônicos. Estes elementos fascinaram Kolody, que observou a maneira que o mundo a sua volta se transformava, indicando essas transformações nas linhas de seus poemas. Já o moderno, trabalhamos no sentido da época, em referência ao sentido de inovação, demonstrando que Helena Kolody, se utilizou da inovação em seus poemas e no sentido aplicado a eles.

Para maiores informações sobre os conceitos, consultar: COMPAGNON, Antoine. Os Cinco Paradoxos da Modernidade. Belo Horizonte, UFMG, 1996.

3. A TRANSFORMAÇÃO DA IDENTIDADE IMIGRANTE NO ESPAÇO URBANO

3.1 A CIDADE E AS MEMÓRIAS DE KOLODY

QUANDO?

Vai o barco à deriva
e se afasta do cais.

Quando se soltaram as amarras
para nunca mais?
(KOLODY, 2001, p. 38)

Iniciamos com um poema em questionamento “Quando?”. Publicado no ano de 1991, na obra *Ontem Agora*, ele nos remete aos sentimentos da autora em relação à mudança do espaço rural para o espaço urbano, ou seja, nos remete ao período em que a poetisa se mudou para Curitiba, no ano de 1927, quando tinha 14 anos. Esse dado histórico da vida de Kolody é apresentado por Santos (2012, p. 110) da seguinte maneira:

Em julho de 1927, Helena Kolody mudou-se com a família toda para Curitiba. Moraram na Rua Itupava, na época, fora do quadro urbano. Ou seja, rua barrenta, com riozinho ao lado, sem luz elétrica e água encanada. Periferia... A sensação de periferia, também “dita” por Helena, é adequada à “posição” limiar de “primeira brasileira de uma família de ucranianos”. Uma face do Brasil periférico.

Kolody nunca escondeu sua paixão que seu lugar era a zona rural, mesmo morando em Curitiba, seus poemas são nostálgicos e questionadores quanto a sua rotina na capital do Estado. O início na zona periférica da cidade incentiva a autora a escrever seus poemas em tons melancólicos e nostálgicos, retratando as calamidades e desalentos do espaço urbano. Desta maneira, analisando o poema podemos comparar o barco à deriva que se afasta do cais com a poetisa longe de suas raízes se afastando tanto fisicamente quanto espiritualmente do local, em que gostaria de estar. A autora finaliza o poema com a pergunta: “Quando se soltaram as amarras para nunca mais?” De fato, a liberdade de Kolody em Curitiba é limitada. A partir de então, sua escrita adquiri novos tons, poemas reveladores e críticos ao cotidiano urbano e ao espaço da cidade.

Ao mesmo tempo que a urbe desperta esse sentimento de nostalgia na poetisa, ela também se encanta com a modernidade que a cerca, relatando em diversos poemas sua curiosidade e obstinação pelo tema, destacando, por exemplo, aspectos da modernização urbana como: a energia elétrica, os bondes elétricos, os carros e as luzes dos edifícios. Observamos o poema “Transfiguração”, publicado originalmente na obra *Trilha Sonora* de 1966. Nas palavras

da autora percebemos a mudança e os detalhes da sua visão com relação ao espaço urbano e à modernidade:

Numa luz verde, velada,
 contra o céu de opala e nácar,
 os arranha-céus,
 ao anoitecer,
 são estalagmites
 em gruta de bruma,
 onde gotejam estrelas.
 (KOLODY, 2001, p. 121)

A cidade se torna seu novo cenário e as mudanças constantes, quase que diárias, criam um mosaico de temas para Kolody. Notamos no poema supracitado, a comparação das luzes dos arranha-céus com o brilho das estrelas, o encantamento com o moderno e a nostalgia de quando as únicas luzes que observava eram das estrelas, a mudança e a mistura transfiguram na sua escrita.

Em uma breve contextualização histórica, precisamos discutir sobre o Paraná e Curitiba³⁷, assim lembramos que a formação estado e da sua capital se deu a partir do deslocamento de imigrantes europeus. Eles, em maioria, construíram a cidade, juntamente com outros povos, como os negros, os índios e os orientais, povos esses não citados nos poemas de Kolody. A poetisa seleciona quem aparece no enredo de seus poemas.

A imigração no Paraná não foi homogênea, dessa forma os imigrantes ucranianos dividiram ao longo dos anos, não só o território, mas também a cultura e aspectos do cotidiano com outros povos. O desenvolvimento econômico³⁸ e o crescimento populacional de Curitiba tomam força ao longo do século XIX, basicamente em função da intensificação da produção e industrialização da erva mate. Este ciclo econômico colocou o Paraná no mapa econômico nacional, ainda que de forma um pouco tardia (NADALIN, 2001). O desenvolvimento da cidade pacata, para capital do Estado, atraiu imigrantes nacionais e estrangeiros, assim como imigrantes europeus, que viviam na área rural do Estado, como por exemplo, a família de Helena Kolody. Em entrevista (KOLODY, 2017) para José Wille a autora cita de exemplo seu pai e destaca que:

Na rua Itupava esquina com a Sete de Abril ele abriu uma casa de comércio, que durou alguns anos. Ele vendia fiado, principalmente para os amigos. E acabou precisando

³⁷ Para maiores informações sobre a formação demográfica de Curitiba, consultar: WACHOWICZ, R. C. *Abranches: Um estudo de História Demográfica*. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina. 1976. Cap I e IV.

³⁸ Para maiores informações consultar: NADALIN, S. O. *Paraná: Ocupação do território, População e Migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

fechar o negócio, porque, quando eles recebiam, iam comprar em outra parte; quando não tinham, compravam fiado lá em casa.

Na mesma entrevista a autora é questionada como era a região de Curitiba que ela morava com os pais na década de 1920. Kolody responde destacando que era tudo precário e estabelece um paralelo dessa parte da cidade com as áreas rurais. Nas palavras da poetisa:

O quadro urbano acabava na rua Ubaldino do Amaral. Não havia luz elétrica, nem água encanada, nem calçamento. A Itupava era uma rua barrenta e passava do lado de um riozinho fundo, onde uma vez escorreguei e caí dentro. A gente estudava à luz de lampião e, quando saíamos à noite, vínhamos em uma escuridão total, porque na rua não tinha luz elétrica.

Kolody apresenta uma visão da cidade na sua adolescência, a transição do rural para o urbano se moldando aos poucos. Da mesma maneira que a cidade se transforma, a poetisa modifica a sua escrita. Nesse cenário de passagem, os imigrantes utilizam da memória afetiva e daquilo que lhes determina o local, segundo Tamanini (2013, p. 167):

Enquanto o moderno e o atualizado esculpiam a urbanidade em Curitiba e procuravam amortecer o impacto do pretérito no presente, as reminiscências agiam ao contrário. Lembrar e esquecer auxiliava na forma de os ucranianos se conhecerem em suas contínuas recomposições e rupturas, como na maneira de se anunciar, apresentar se e se identificar.

As memórias dos cenários bucólicos da zona rural, da chegada e inserção dos imigrantes nas terras curitibanas criaram fortes lembranças na memória de Kolody. Vale destacar que a poetisa nunca deixou de escrever sobre o mundo rural, praticamente todas suas obras incluem poemas destinados ao tema com citações indiretas, por isso não delimitamos uma ordem cronológica dos poemas.

Assim nos questionamos: de que maneira e proporção a temática da escrita de Kolody se modificou e em como a identidade do imigrante e da autora se transformaram em Curitiba? Como a modernidade influenciou sua escrita e as representações culturais em seus poemas?

Observamos o que a própria autora escreve sobre sua vida na cidade no poema “Olhos de Antes”, a transição e mutação do cenário e das pessoas:

Em vão, percorro a cidade
Com meus claros olhos de antes.
As ruas não são as mesmas...
E são outros os passantes.
(KOLODY, 1997, p. 93)

O poema originalmente publicado em 1986, na obra *Poesia Mínima*, representa a percepção da autora sobre o espaço urbano, a mudança de cenários, pessoas que são somente

“passantes”, diferente da rotina e cotidiano do interior, em que a autora descrevia nos mínimos detalhes a natureza e todo o apego humano com seus familiares, amigos e alunas. O espaço urbano permite o encontro de diferentes culturas, etnias e modos de vida, assim a autora ganha um novo espaço, novos cenários e personagens, mas de um modo em que ela não faz mais parte do processo. Ela se torna espectadora daquilo que acontece em frente de seus olhos. Sua identidade vai sendo reconstruída conforme os anos passam, não só as pessoas e os espaços mudam, mas a própria visão de mundo da poetisa se altera.

Sobre o poema e a percepção de Kolody referente à cidade, Paulo Venturelli (2012, p. 23) afirma que:

Os olhos claros percebem a mutação das pessoas. Feito um Heráclito moderno, a poeta contempla as ruas, vê as pessoas passarem e elas são outras. A turbulência da cidade grande onde todos somos estranhos a todos. A multidão que se espalha em todas as direções e dentro delas um eu vão, dotado dos olhos de antes. Se as ruas têm sua geografia mutável, as pessoas também mudam a cada lance de olhos. Do encantamento à decepção, vamos indo e vemos o silêncio da incomunicabilidade. Somos multidão desumanizada, emparedada por estruturas alienantes que nos tiram de nós mesmos e dos outros.

A identidade que fora construída pelas suas raízes familiares e eslavas, se transforma à medida que a autora descobre novas culturas e se relaciona com diferentes pessoas, não que a poetisa tenha deixado suas raízes eslavas de lado, pelo contrário, as manteve sempre presentes na escrita e na sua rotina de vida, porém de alguma maneira a autora sente a transição e a mudança de espaço e de lugar.

Para Hall (2006, p. 87), “as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença, assim, é improvável que elas sejam ‘puras’”, neste sentido, o pertencimento de Kolody ao mundo rural e as raízes eslavas tornaram-se pelos seus poemas seu destino. Com a mudança para a Curitiba e o surgimento de uma nova visão de mundo e das pessoas, ocorre o desprendimento da poetisa, a mutação de sua identidade. Ela parece traçar um novo destino, mesmo que esse não seja o idealizado.

Considerando que as cidades e seus espaços constituem paisagens simbólicas que evocam narrativas, de modo que cada pessoa passa a interpretar suas experiências no lugar, surgem distintos significados e representações históricas. Em torno dessas representações são constituídas as memórias e é a partir dessas memórias que surgem diferentes visões sobre o mesmos espaços e lugares.

Segundo Tamanini (2013, p. 123):

O espaço, então, mais que mero cenário de cada acontecer histórico, edificado no desdobrar do tempo, foi e é parte essencial de um enredo que se deixa invadir pelos olhos do pesquisador que, em cada canto, esquina, procura seus protagonistas.

Notamos nas palavras de Tamanini, que a cidade é propícia para a criação e proliferação de memórias das mais diversas culturas e identidades. O local, nesse caso, o espaço urbano apresenta diferentes vias para que se possa pensar e recriar os acontecimentos do passado.

O espaço da cidade e suas representações na poesia kolodyana, envolvem subjetividades da autora e aquilo que ela absorve em seu cotidiano. Essas memórias subjetivas vão de encontro com o que ressalta Sandra Pelegrini (2007, p. 91):

Assim, podemos inferir que não somente os objetos ou as coisas, mas suas representações imagéticas e simbólicas circulam nas entranhas das memórias dos sujeitos sociais, em meio a sentimentos e vivências que resistem ao ocaso e se mantêm devotadas a sustentar vínculos com os seus lugares de pertencimento, historicamente construídos.

Desse ponto de vista, pensamos nos lugares de pertencimento de Kolody, pois suas recordações do mundo rural a fazem escrever sobre a cidade de forma diferente, citando o cotidiano e seus desdobramentos, como a solidão, o tédio, as multidões e a vida de espectadora da urbe. Tais aspectos tornam-se um desafio, uma forma de sobrevivência em um ambiente que não é o seu. As cidades, aglomerações humanas por excelência, mais do que o conjunto de ruas, prédios, praças e monumentos, se definem como espaços de relações sociais e pessoais, e são estas que constroem sua imagem e sua identidade, através da história sensível dos seus personagens, adentrando nas subjetividades e vínculos.

O poema “Interferência” de forma sucinta, apresenta interfaces do que foi dito pelos autores supracitados. Notamos todo o sentimento e o vínculo da poetisa com o cenário urbano, apresentado em imagens que reforçam o sentimento da autora em relação ao espaço:

Entre os cactos de cimento,
o vento livre insinua
seu aceno de amplidão.
Um mar abstrato circula
Sua alegoria de algas,
Seus claros peixes oníricos,
no rígido aglomerado
de cortiços verticais.
(KOLODY, 2001, p. 89)

Ao analisarmos o poema percebemos algumas relações entre o sentimento da poetisa e o espaço, bem como toda a transformação de sua escrita, a começar na primeira linha, os “cactos de cimento” que se referem às construções que figuram na paisagem urbana. Se antes Kolody escrevia sobre a natureza viva, presente em sua infância e juventude, agora ela escreve aquilo

que vê e que por muitas vezes, não lhe agrada. Os prédios do poema representam a paisagem, a amplitude vazia.

Interessante notar a menção do mar, pois o mar sempre representou para a poetisa algo imenso e aberto, cheio de possibilidades e que no meio urbano surge de modo figurativo e abstrato. As algas como alegorias são os musgos das paredes e os peixes oníricos, a imaginação daquilo que não é possível no espaço urbano. A autora finaliza o poema falando sobre cortiços verticais, como sendo uma nova forma de moradia e aglomerado de pessoas.

Sobre os prédios e a paisagem urbana, Kolody (1997, p. 13) descreve que foi em Curitiba, em meio à transformação de campo em cidade, que a paisagem influenciou sua vida diretamente. Segundo a poetisa:

Hoje, moro em um apartamento cujas janelas se abrem para a praça mais movimentada de Curitiba. Terminal de ônibus que levam a quase todos os bairros da cidade. Raramente escrevo. Agora sou uma simples espectadora. Igual a uma camponesa, que se senta no fim da tarde e vê a vida acontecer... Mas que continua sonhando!

Ao que tudo indica, Kolody sendo espectadora se adapta lentamente à cidade, a vida que ela observa pela janela do seu apartamento é melancólica e nostálgica, além de evidenciar o não desprendimento do meio rural. A identidade da autora sofre mudanças, assim como a de seus familiares e amigos migrantes que saíram da zona rural para buscar uma nova vida na capital paranaense. Curitiba é o principal cenário da autora e de seus poemas nas fases adulta e idosa, mas também é o cenário que transforma a sua vida e a sua identidade.

Nesse sentido, percebemos que a poetisa experienciou diferentes épocas da capital paranaense. Percebemos que a sua narrativa é capaz de introduzir o leitor em um universo de alternativas históricas possíveis, permitindo o seu trânsito entre elementos e camadas, colocadas à margem da sociedade e da história de diferentes classes e fatos sociais. Uma constante construção acerca dos cotidianos urbano e rural, como uma reconfiguração não só do tempo, mas da sociedade que aparece representada em seus poemas.

O poema “Insônia”, publicado em 1986, na obra *Poesia Mínima*, é aquilo que podemos indicar e chamar de reconfiguração do tempo e da sociedade. Nele notamos a identidade partilhada, entre seus laços transformados e fragmentados.

Vejamos no poema que segue, a maneira como o cotidiano citadino é representado para a autora, sendo um processo dessa identidade partilhada:

Há um silêncio escutando
na selva informe de insônia
que os vagalumes constelam.

Sonhando na noite enorme
Também não dorme o luar.
(KOLODY, 2001, p. 50)

O silêncio paira sobre a cidade, sobre as pessoas que repousam em suas casas, a selva que antes fora cantada e exaltada por Kolody é descrita como um informe de insônia, provocado nas pessoas pela rotina da urbe. Ao analisarmos o poema, detectamos que a identidade vira reflexo do lugar, do ambiente e do espaço, no qual ocorre a mudança e a percepção do mundo, a nostalgia continua e se mantém como a citação dos vagalumes, recorrentes no campo e na cidade, mas que no ambiente urbano tornam-se apenas detalhes em meio a “selva informe de insônia”.

A relação entre diferentes temporalidades do vivido da autora, entre o espaço urbano e o espaço rural, são capturadas no processo da reminiscência, desfiar o tecido de muitas memórias e transformá-lo, segundo Ecléa Bosi, (1994, p. 413) “numa urdidura sempre renovada, refeita, recriada, que não se encerra na busca do eu perdido por uma subjetividade onipotente com possibilidades de novas recriações”. Dessa maneira, as memórias de Kolody sobre a cidade são recriadas em passagens do seu cotidiano, mostrando uma forma singular de sua escrita e dos fatos, ainda que separando apenas o que lhe convém.

Na mesma perspectiva, o poema “Noturno Urbano”, da mesma obra, revela sobre a solidão e tudo que cerca a noite e as pessoas:

O cansaço anoitece
nas solidões aglomeradas.

Noite alta,
velam janelas,
semáforos insones.

Nem um trilar de grilo
estremece a teia do tédio.
(KOLODY, 2001, p. 50-51)

O tédio nas palavras de Kolody, refere-se à cidade em que o tempo não passa e torna-se desagradável, um desalento, quase que um martírio. Se a vida no interior lhe proporcionava um cotidiano cheio de imagens e representações prazerosas, o cotidiano urbano lhe oferece novas inspirações, contrárias e difíceis para a autora. Percebemos isso na resposta de Helena Kolody (2017) a pergunta de José Wille: “Depois de ter passado pelo campo e cidades do interior, a senhora vive hoje num apartamento, na região central de Curitiba. Como é a convivência?”

É dura, porque onde eu moro é barulho noite e dia. A gente está enlatada! Até o sol quando nascia, eu via... Agora, construíram uns prédios altos, e eu só o vejo quando

já são 11 horas da manhã. A gente fica mais ou menos emparedada. Isso é triste, mas pego um ônibus, saio um pouco, vou para fora e vejo a Curitiba que era.

Na resposta da autora para Wille, encontramos os detalhes presentes nos poemas supracitados, o tédio, o espaço, a paisagem, tudo faz parte da reconfiguração e da transformação identitária da autora, a tristeza e a solidão são sentimentos presentes na vida da poetisa. No poema “Noturno Urbano”, a autora detalha a noite e suas consequências. O cansaço que “anoitece” reflete a figura das pessoas após um dia de trabalho, solidões aglomeradas, espectadores da noite, espectadores da cidade e da sua vida. O tédio é a sua solidão e a solidão de outras pessoas.

Compreendemos que a identidade se transforma, mas que também segue as fases da vida da autora e das suas significações. As representações encontradas nos poemas, são consonantes com o sentimento da poetisa em relação ao espaço urbano. É por meio dos significados produzidos e pelas representações que encontramos nos poemas de Kolody, é que percebemos toda a sua mudança de identidade e das representações da cidade. O espaço urbano não é apenas o lugar da mudança, é nele que se dissolve toda a experiência e representatividade na poética kolodyana.

O poema “A voz da noite” publicado em 1991, na obra *Ontem Agora*, parece ser o retrato da cidade no panorama de Kolody, um cenário incompleto em sua visão de mundo, muitas vezes ilusório e em silêncio, necessitando assim uma adaptação forçada, transformando a sua identidade:

O sol se apaga.
De mansinho
a sombra cresce.

A voz da noite
diz, baixinho:
esquece...esquece...
(KOLODY, 2001, p. 29)

Novamente, a noite ganha destaque no poema. Sendo espectadora da solidão e da vida da autora, a noite se torna um refúgio após um dia de trabalho, de acontecimentos. Metaforicamente a “voz da noite”, é também a companheira da autora, a noite é o momento de reflexão sobre as incertezas do dia de amanhã e do futuro, uma fuga da realidade que ela não quer ou não pode admitir. Desta forma, relacionamos as famílias imigrantes que nesse processo de transição deixaram a zona rural e se estabeleceram na cidade, o refúgio da noite é um aspecto de segurança em meio as transformações diárias na rotina, no cotidiano e na maneira de viver.

As lembranças da vida no meio rural, contribuem para esse sentimento, Raymond Williams autor da obra *O Campo e a Cidade na história e na literatura* (1973), discute a literatura inglesa na passagem do século XVIII para XIX a partir do contexto histórico e social em que as produções literárias se situam, entre as mudanças da cidade e as memórias do mundo rural, vejamos em uma das citações do autor, a qual podemos relacionar com os poemas e o sentimento de Kolody em sua escrita e memória. Segundo Williams (1989, p. 11):

Para mim, a vida rural tem diversos significados. São os olmos, o cavalo branco que vejo no campo enquanto escrevo. São os homens na tarde de novembro, voltando para casa depois da poda, as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos cáqui; e as mulheres de lenço na cabeça, paradas às portas das casas, esperando pelo ônibus azul que as levará para o campo, onde trabalharão na colheita durante o horário escolar.

Com base na citação de Williams, volvemos para os poemas de Kolody e salientamos que não percebemos o sentimento de saudade quando ela se refere ao cotidiano ou aos cenários urbanos, percebemos que suas lembranças da cidade são selecionadas e apontam para momentos de tédio, aglomerações, rotina exaustiva e confinamento nas casas e prédios. Por outro lado, nos poemas que se referem ao espaço rural, Kolody seleciona belas cenas e acontecimentos, detalhes singulares que marcaram a sua memória, assim como na citação e nas lembranças de Williams.

As memórias da autora sobre a cidade em tons infelizes e de saudade coincidem com a morte do seu pai no ano de 1941, dois meses antes da publicação do seu primeiro livro *Paisagem Interior*. Quando Kolody escreve sobre a solidão, a noite e a tristeza, volta-se sempre para o ambiente urbano, aos prédios e às paisagens de concreto e oníricas. Segundo Fontes (2012, p. 141), a cidade é tema recorrente da autora, em diversos tons e representações:

Tema que está na ordem-do-dia, falar sobre cidade é tarefa bastante instigante. No entanto, traçar um mapa do imaginário fragmentado de uma cidade é coisa para poeta-viajante. A escritora Helena Kolody mapeou uma cidade polifônica, exorbitantemente eloquente: Curitiba. Cidade modelada em palavras e imagens. Nem tão por acaso, coloca em nossas mãos uma ansiedade: sua carta desestabiliza em vez de colocar ordem nos espaços, gera travessias desvanecentes que orientam a busca da poeta: a Helena de Curitiba, embora nascida em Cruz Machado e com raízes muito profundas na Ucrânia.

Ao se referir a “Curitiba”, como “Cidade modelada em palavras e imagens”, entendemos uma representação da cidade em fagulhas, em detalhes e em diferentes visões da autora, assim como toda transformação identitária, Kolody soube expor as mudanças nessa temática urbana. A memória auxilia naquilo que encontramos a partir da experiência kolodyana, o sentir e expressar dos acontecimentos históricos. Ao representar os elementos que constituem

a memória dos grupos aos quais pertenceu e seus símbolos, a poetisa realiza uma transposição da experiência vivida.

Para Fontes (2012, p. 141): “O encontro da poeta com a cidade indicia-se quando ela ronda, busca, volta, caminha, persegue, cruza, procura e encontra a cidade em suas estranhas entranhas: a cidade que respira e que a (ins)pira”. Por meio dessa constatação, iniciamos a análise do poema “Curitiba, Cidade - Menina”, original da obra de 1997, *Sinfonia da Vida*, que representa suas lembranças que são transpassadas para a escrita em um cruzamento de acontecimentos e experiências:

Curitiba, cidade menina
paisagem do meu amanhecer.
Por toda parte, a marca de meus passos,
o fantasma de meus sonhos.
Jardins, pomares,
pinheiros e mais pinheiros,
onde moravam sabiás cantores
e bem-te-vis moleques.
As torres da Catedral olhavam
por cima dos sobrados.
Carroças de Santa Felicidade
trepidavam no calçamento das ruas
e faziam tremer a voz cantante das colonas italianas:
- "Qué comprá lenha
batata doce, repolho, óvo!"
Bondes elétricos circulavam,
vagarosos, do centro para os bairros.
Perdia-se nos longes o pregão
do peixeiro português:
- "Pei.....xe! Camarão!"
Corria pelas ruas
o anúncio dos pequenos jornaleiros: -
"Gazeta do Dia" - "Diário da Tarde!"
Estudantes eletrizavam a cidade
com sua ruidosa juventude.
Acotovelavam-se risos e conversas de crianças,
pombos brancos a caminho da escola.
Recordo Curitiba adolescente.
Uma névoa de saudade me envolve o coração.
(KOLODY, 1997, p. 94)

A narrativa desse poema nos revela um universo de alternativas históricas, sensibilidades e memórias. Uma construção acerca do cotidiano de Curitiba que se mistura entre o urbano e o rural, como uma configuração do tempo e da sociedade representada pelas minúcias em cada verso. Entre paisagens, elementos estéticos, etnias e culturas, a composição reverencia a formação étnica de Curitiba e do Paraná, a proliferação de identidades, o espaço de acontecimentos em que a principal observadora do tempo é Kolody, que se atenta em descrever os detalhes. Conforme reiteramos a formação étnica narrada no poema, deixa de lado

outros personagens e etnias, Kolody apenas destaca a formação europeia presente no cotidiano da capital do Estado.

No poema supracitado, encontramos os grupos étnicos europeus da formação da cidade de Curitiba, cada um expressando algo nas palavras da autora. Diante disso, vamos de encontro com as palavras da historiadora Alice Fernandes Freyeslebe (2018, p.17):

Desde o último quarto do século XIX, a chegada dos imigrantes à Curitiba proporcionou mudanças significativas no cenário urbano. Vindos das colônias fundadas nos entornos, ucranianos, poloneses, alemães, italianos e holandeses chegavam às áreas centrais daquele pequeno espaço urbano com suas carroças carregadas de queijos, hortaliças, frutas, leite, pães e tantos outros produtos que seriam vendidos nas feiras.

Na escrita percebemos que até a linguagem das pessoas ganha destaque, a sonorização do poema é percebido na escrita das palavras: “Qué compra”, “óvo”, “Pei.....xe”, tais palavras podem ser relacionadas com o sotaque dos imigrantes europeus e a mistura de etnias e grupos culturais nas ruas de Curitiba. Nesse poema de Kolody memória e identidade deixaram de ser apenas conceituações e foram pensadas a partir da experiência e das narrativas produzidas por uma cena do cotidiano da autora.

Outro detalhe que destacamos é a recordação da autora em relação aos jornaleiros, anunciando as tiragens da manhã e da tarde, fato corriqueiro nas ruas das cidades brasileiras no século XX. Tudo que é observado e transcrito no poema que representa o espaço urbano e suas faces, algumas divergentes e outras em harmonia, mas a partir desse detalhe é que estabelecemos o vínculo da autora com Curitiba, da qual Helena Kolody é cidadã honorária, título que recebeu no ano de 1987. Nas palavras de Kolody (1997, p. 12): “Sou brasileira, de pais ucranianos. Poderia ter sido Olena. Sou Helena, uma paranaense, cidadã honorária de Curitiba.”

Nesse relato da poetisa percebemos aquilo que destacamos nas análises até aqui realizadas: a autora e suas identidades, brasileira, paranaense, ucraniana e curitibana. Kolody se insere na transformação da identidade imigrante, identidades que absorve conforme as fases de sua vida.

A sensibilidade poética de Kolody poderia ter rendido versos românticos e repletos de lirismos harmônicos, mas a poetisa preferiu os versos que revelam as múltiplas faces da arte e da história. Reiteramos com Fontes (2012, p. 147):

Toda poesia de Helena Kolody é delicadeza, sensibilidade e arte. Arte pura, simples, que transcende e que cria vida na espontaneidade dos versos, cheios de observações. Aí a superioridade de sua arte: cantar a vida em todos os seus múltiplos aspectos com

elegância, sobriedade e, traço característico de sua personalidade artística: simplicidade.

“A vida em todos seus múltiplos aspectos”, como assinala Fontes, essa não é somente uma característica de Kolody e de sua poesia, é o que marca a poética kolodyana, principalmente a temática que se refere a Curitiba e a vida citadina, os detalhes simples e as observações relacionadas a mudança.

No poema “Polos”, publicado na obra *Saga*, de 1980, percebemos a multiplicidade da sua escrita, a sensibilidade em falar sobre a diferença da juventude e da velhice, um polo contrário ao outro, mas que é o curso natural da vida dos seres humanos:

Graça adolescente,
clarão de beleza
sobre a tristeza global.
Estua a energia jovem,
eletriza o mundo.
Tímida ternura dos velhinhos,
acalentando lembranças
Presença quase ausente,
prestes a amanhecer na eternidade.
(KOLODY, 2001, p. 89)

Mesmo não citando uma passagem citadina direta, observamos no poema a visão de Kolody em relação aos polos opostos, a juventude e a velhice, esse poema foi publicado no ano de 1980, quando a autora se encontrava na sua maturidade literária e pessoal, uma transição sensível para a velhice. Refere-se também a sua vida em Curitiba indicando que observa o comportamento das pessoas de seu convívio ou apenas que fazem parte do seu espaço comum de vivência.

3.2 REPRESENTAÇÕES DA MODERNIDADE NA POESIA KOLODYANA

CLONES

Seres programados:
as mesmas atitudes,
as mesmas idéias,
as mesmas decisões.
(KOLODY, 2001, p. 37)

No poema “Clones”, publicado originalmente na obra *Ontem Agora*, de 1991, a autora constrói uma crítica sobre as pessoas no espaço urbano e sobre a modernidade. Segundo o poema, as pessoas agem como se fossem robôs programados e com as mesmas atitudes, clones que repetem o comportamento e as decisões dos outros, seja no trabalho ou na vida cotidiana.

Esse poema inicia nossa discussão sobre os aspectos da modernidade e suas consequências na visão de Helena Kolody, tendo enfoque o espaço urbano e a transformação das suas identidades. Conforme se passam os anos, as pessoas se adaptam aos lugares que vivem, às pessoas com as quais se relacionam, às mudanças das paisagens e ao tempo que passa e transforma o espaço e os outros. Kolody escreve sobre essas transformações e observa a passagem do tempo, atenta aos detalhes e seus desdobramentos.

Na mesma obra, Helena Kolody publica o poema “Máscaras”, no qual percebemos uma análise da autora sobre o mundo e novamente sobre o comportamento das pessoas:

No perpétuo carnaval
deste mundo desvaído,
usam disfarces
fingem-se outros.

Advinha quem é quem,
no baile de máscaras?
(KOLODY, 2001, p. 35)

O baile de máscaras, entoado pela poetisa, indica que cada pessoa usa um disfarce no mundo, buscando ser diferente ou copiando alguém, uma transformação da identidade. Não muito diferente dos clones programados, o carnaval das pessoas é uma fuga de um mundo rotineiro e repetitivo, uma combinação de fatores que levam as pessoas a agirem de uma maneira repetida. Segundo Stuart Hall, as sociedades modernas são por definição “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”, que por sua vez são caracterizadas pela diferença, isto é, “elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes [...] identidades” (2014, p. 12).

Com base nas palavras de Hall (2014), compreendemos que as mudanças na identidade partem de diferenças. Nos poemas supracitados de Kolody, a diferença se torna o que se repete

nas pessoas, mesmos que elas copiem as atitudes e as decisões dos outros. A transformação identitária nesse caso refere-se aos imigrantes, cuja adaptação ocorre no mundo urbano. Entendemos que a identidade é um mecanismo para situar o indivíduo em um grupo social que o distingue dos demais grupos, seja pela diferença ou pela semelhança.

Os seres programados referidos pela poetisa são os imigrantes que perderam parte da sua identidade, que não mais se distinguem dos outros grupos, que agora se assemelham ou são iguais, partilhando as mesmas ideias e tomando as mesmas decisões.

Entre os conceitos de modernidade na História, vamos ao encontro do que assevera Le Goff (2003, p. 75), segundo o qual o que permeia a atitude do indivíduo ou grupo centra-se naquilo que é moderno:

A atuação do antagonismo antigo/moderno é constituída pela atitude dos indivíduos, das sociedades e das épocas perante o passado, o seu passado, sendo que o par e o seu jogo dialético são gerados por “moderno”, e a consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado.

Identificamos nos poemas de Kolody uma transformação de atitudes em suas narrativas, diferentes dos poemas em que fala da imigração e do cotidiano rural, o espaço urbano é tomado por elementos modernos que alteram o comportamento das pessoas e dos imigrantes. Ela, como espectadora do seu tempo, reúne detalhes que transformam seus poemas e personagens em protagonistas das cenas cotidianas que demonstram rupturas com o passado. Se a cidade de Kolody era um poema nostálgico, as atitudes de seus personagens condizem com sua visão de mundo.

A vida na cidade insere Helena Kolody e os imigrantes na modernização do seu estilo de vida. Se no começo dos anos de 1930 não havia nem luz elétrica em determinados lugares de Curitiba, com o passar dos anos houve uma aceleração e um crescimento tecnológico.

A poesia “Motivo Cibernético” escrita em 1970 na obra *Tempo*, nos faz perceber como a autora absorveu essas transformações, e como, de certo modo, elas influenciaram sua escrita e a transformação da sua identidade imigrante:

Polimultiplurimáquinas
estiram os nossos nervos
nos giros da exatidão.
No campo vibrante
de circuitos e painéis,
tecniscravos apascentam
rebanhos sagrados
de monstros eletrônicos.
(KOLODY, 2001, p. 99)

Os monstros eletrônicos e os tecniscravos, referidos por Kolody, nos remetem à modernização e à mudança do ser humano frente ao mundo. Os painéis eletrônicos, as luzes e os circuitos indicam as máquinas e aparelhos eletrônicos que se inseriram no cotidiano do trabalho e das casas. Trata-se de uma mudança tecnológica que ocorre com o tempo. Atentemos ao fato de que a poetisa utiliza a palavra escravos ao se remeter às pessoas e que ao fazê-lo refere-se às limitações que a tecnologia nos impõe. Do ponto de vista da autora, tecniscravos, clones, seres programados e máscaras representam uma das facetas das mudanças provocadas pela modernização do espaço urbano.

Analisando os poemas e sustentando as palavras de Hall, percebemos que as transformações na identidade pessoal ocorrem pela perda do “sentido de si”, a qual é chamada de deslocamento ou descentração dos sujeitos do mundo social e cultural, e de si mesmos. Daí eles acabarem sofrendo uma “crise de identidade” (HALL, 2001, p. 09).

Percebemos um tom negativo em relação ao cotidiano moderno na grande maioria dos poemas de Kolody. Não se trata apenas da referência ao tédio da solidão, como visto anteriormente, mas de uma visão negativa que se revela pelos detalhes. Nas palavras de Reinoldo Atem (1990, p.170), sua análise da obra *Tempo* corrobora a nossa constatação:

No livro *Tempo*, de 1970, acentua-se um sentimento negativista perante a modernidade, a posição da poeta perante a situação social mais ampla adquire contornos maiores de desencantamento e espanto.

Para reforçar essa tese, vejamos o poema “Pânico”, da obra mencionada por Atem, nele encontramos os traços da negatividade frente à modernização da cidade:

Não há mais lugar no mundo
Não há mais lugar.

Aranhas do medo
fiam ciladas no escuro
Nos longes, pesam tormentas.
Rolam soturnos ribombos.

Súbito,
precipita-se nos desfiladeiros
a vida em pânico.
(KOLODY, 2001, p. 95)

O poema se caracteriza por uma visão de um mundo que acarreta pânico na autora, como se não houvesse mais lugar para se ficar. Nessa época, na década de 1970, a poetisa vivia em Curitiba, depois de ter morado em outras cidades como Ponta Grossa e Jacarezinho. Esse sentimento negativista reitera as palavras do poema: “tormentas”, “desfiladeiros” e “ciladas”.

A modernização para Kolody se caracteriza como algo que não detém bons sentimentos nas pessoas, muito disso parte da visão de sua vida e de seu sentimento.

O conflito interior e a perda do ânimo para celebrar a vida, segundo Atem (1990, p. 171), era uma constante nos poemas relacionados à temática da cidade de Curitiba. Já quando se remetia ao mundo rural e as lembranças da infância, Kolody escrevia sobre as sensações, sabores, sons e cheiros.

O poema “Pesadelo”, da mesma obra *Tempo*, nos leva a perceber esse desalento da autora:

Em colunas cerradas de algarismos,
a fome agredia
a vida nascitura.

Dos lagares da guerra,
escorria por sobre o mapa do mundo
o escuro sumo
da vida esmagada.

Esquálida,
vencida,
no pedestal das máquinas
agonizava
a vida dispensada.
(KOLODY, 2001, p. 97)

Kolody descreve no poema seu desalento e seus pesadelos das guerras, das máquinas que tomam lugar dos homens no trabalho, da dependência da rotina e suas consequências. O mundo do poema, é um pesadelo, uma distopia diferente dos sonhos de antes, das paisagens e das alegrias escritas pela autora, encontramos hastes de um conflito da autora com a época em que vive. Perceber a forma que a poetisa escreve sobre o mundo e seus conflitos com a modernidade e a modernização implica entender de que maneira sua identidade e a identidade dos imigrantes se transformaram e como os lugares não preenchidos abrem espaços para identidades transitórias e transfiguradas.

Segundo Bosi (1987, p.183), “a memória de nosso grupo é tão contínua quanto os locais em que nos parece que ela se conserva”. Em muitos casos, o indivíduo cria uma certa resistência em relação à mudança de espaço e local. O imigrante acostumado com a vida no campo, por exemplo, cria certa resistência em relação à vida urbana. Se ele aparentemente a aceita, no seu interior o desejo é outro.

Encontramos esses indícios no poema “Sobrevivência”, publicado originalmente no livro de 1966, *Trilha Sonora*. Este poema se remete à sobrevivência em um mundo transformado:

Quando o sol não encontrar
tua sombra nos caminhos,
viverás no sentimento
dos amigos que te amavam.

Ao soar a lembrança
no relógio enlurado,
tecerão suas palavras
tua nítida presença
no convívio abandonado.
(KOLODY, 2001, p.122-123)

O ato de lembrar e trazer à tona essas lembranças, partem de uma memória seletiva. O poema carrega esse ato e o fardo das lembranças escondidas da autora, o viver no sentimento exemplifica a angústia de um tempo de conflito, vivendo nas sombras do passado, e pensando nos amigos que te amavam e eram de seu convívio.

Esse poema nos leva a perceber que esse sentimento da autora pode ser também do seu grupo de imigrantes e de tantos outros, que nesse momento encaram a vida como uma sobrevivência, se apegando nas memórias do passado, rememorando aquilo que marcou.

A lembrança da convivência com os amigos se deve muito ao fato de o espaço urbano limitar isso, a rotina é diferente e os encontros não são comuns. Outro detalhe que encontramos no poema é o “relógio enlurado”, ou seja, está escondido, trancado em algum lugar, nesse caso na memória, encobrindo o sentimento de querer estar, mas que com as mudanças da modernidade, se restringem apenas nas palavras que são escritas.

Segundo Ecléa Bosi (2003, p. 36) “a lembrança [...] impregna as representações”, enquanto as visões de mundo dos indivíduos e grupos influenciam diretamente na forma de coordenar suas lembranças e na maneira de constituir sua memória, como percebemos na escrita das poesias kolodyanas e nas lembranças que são impregnadas em algumas circunstâncias, como a visão do moderno em relação aos sentimentos do passado.

Essas constatações ficam mais explícitas no poema “Quem?”, de 1966, da obra *Era Espacial*, nele encontramos indícios do desalento e do conflito presente na escrita de Kolody em relação ao urbano e ao moderno:

Na tarde exausta,
quem canta?

Quem ondula o tédio denso
com a asa leve de seu canto?

(Na árvore doente do mundo,
cresce um letal cogumelo.
Há moscardos teleguiados
a zumbir sobre o futuro)

Pássaro sem compromisso,
 Quem refresca a intensa angústia
 do poente e da alvorada
 no fio d' água de seu canto?
 (KOLODY, 2001, p. 129)

Lembramos que a memória da autora expressa e corresponde a sua própria maneira de ver o mundo e de entender, tanto a si quanto ao seu passado, em relação com aquilo que a cerca, sejam pessoas, lugares ou acontecimentos. O poema acima que tem o título como interrogação, constitui vários questionamentos na sua composição, como se a poetisa estivesse sempre a perguntar sobre “quem”. No final do poema descobrimos que um pássaro é o personagem central, porém esse personagem nos leva a questionar diferentes prismas de interpretações sobre as interrogações.

Na primeira estrofe do poema a poetisa questiona sobre quem canta na tarde exausta. Essa indagação da tarde pode se referir a diferentes acontecimentos, como: um final de tarde de trabalho, de uma tarde de alguma atividade ou a exaustão de uma tarde de solidão. Nesse sentido, levamos em conta a rememoração dos acontecimentos e as causas que levam as perguntas da poetisa de encontro com a transformação do mundo urbano. Em sequência, no poema percebemos que o tédio é quebrado pelo voo do pássaro e a ondulação de sua asa. Entra em cena novamente a autora como espectadora do tempo, ao se referir em tédio denso. Também percebemos que a sua visão e sua percepção são persistentes, palavra esta que se repete constantemente.

Esse processo de lembrar constitui-se como tentativa de organizar os acontecimentos; na estrofe que segue o poema temos a comparação do mundo com uma árvore doente, com frutos que são letais e causam danos à humanidade. Os moscardos teleguiados que a autora se refere, são moscas grandes e perturbadoras pelo seu zumbido, uma comparação com os problemas do mundo e a ansiedade do futuro.

Na última parte do poema o personagem surge e é denominado “pássaro sem compromisso”, que apenas consola a angustia que a autora sente, sentimento este que também pode se referir a outras pessoas e aos imigrantes. A angústia vai do poente até a alvorada do dia, dias que passam e se repetem assim como as rotinas. No espaço urbano essa rotina torna-se a angústia e a ansiedade, diferente do que se via no meio rural descrito pela autora.

A partir das transformações que detectamos nos versos, percebemos que memória é um sistema complexo de lembranças, representações de fatos e acontecimentos experimentados na vida e que são formadas sob a influência tanto de questões pessoais quanto de questões sociais e culturais. Ao comentar esses aspectos sociais, Kolody considera que a modernização das

idades transformou o comportamento das pessoas, sua crítica às máquinas utilizadas no modo produção capitalista, ao trabalho e ao comportamento dos homens frente essa situação.

Dois poemas se destacam e tem explícito a visão de Kolody sobre o tema, “Século Atômico” e “Maquinomem”, publicados originalmente na obra *Era espacial*, de 1966.

Segue o poema “Século Atômico”:

Nas metrópoles milimetradas
Cortadas de ordenadas e abscissas,
vivem homens do século atômico,
enlatados nos arranha-céus,
selados pelos regulamentos,
catalogados.
(KOLODY, 2001, p. 135-136)

O poema revela a visão de Helena Kolody a respeito da vida nas urbes. As cidades lhe parecem “cortadas” em todas as direções, com suas construções e sua malha urbana densa. O poema “Século Atômico” faz referência à corrida armamentista da guerra fria e ao pós-segunda guerra mundial, com as explosões das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki no ano de 1945. Tais fatos inspiraram a autora a denominar o título do poema e a referir-se as suas consequências. A expressão “enlatados nos arranha-céus” se refere às pessoas vivendo nos apartamentos regidas pelos regulamentados que impõem regras de comportamento aos condomínios. Trata-se de uma crítica direta aos padrões que regem a vida e a rotina dos condôminos, cuja vida segue uma infundável rotina.

Observamos o poema “Maquinomem”:

O homem esposou a máquina
e gerou um híbrido estranho:
um cronômetro no peito
e um dínamo no crânio.

As hemácias de seu sangue
São redondos algarismos.

Crescem cactos estáticos
em seus abstratos jardins.

Exato planejamento,
a vida do maquinomem.
Trepidam as engrenagens
no esforço das realizações.

Em seu íntimo ignorado,
há uma estranha prisioneira,
cujos gritos estremecem
a metálica estrutura;
há reflexos flamejantes
de uma luz imponderável

que perturbam a frieza
do blindado maquinomem.
(KOLODY, 2001, p.136)

“Maquinomem”, revela a crítica da autora ao mundo moderno e as suas poderosas máquinas, isso aponta a intenção da poetisa ter realizado a junção das palavras homem e máquina, como se fossem um único ser. Este poema nos permite pensar a relação humana com o mundo moderno e com a disseminação de novos meios de trabalho e de comunicação.

Gilson Leandro Queluz (2014, p. 82) que analisa a obra *Era Espacial*, faz o seguinte apontamento a respeito do poema “Maquinomem”:

A crítica à tecnologia, feita por Kolody, no livro *Era Espacial*, também está presente no temor tipicamente romântico da mecanização do mundo e, especialmente, a mecanização do próprio ser humano. Este temor está explicitado, por exemplo, no poema “Maquinomem”, onde a hibridização homem/ máquina já está presente no título.

Esse temor da mecanização do próprio homem se revela não somente no título, ele se concretiza na continuidade dos versos. Na primeira estrofe Kolody assinala que homem teria desposado a própria máquina, aspecto que em outras palavras tende a expressar o domínio da modernização na vida humana e até uma dependência dela.

Ainda nessa primeira parte do poema, vê-se a referência ao simbolismo do cronômetro no peito e ao dínamo no crânio, ambos parecem concretizar a imagem poética e crítica de que o homem se tornou uma máquina no espaço urbano. De igual forma, para a poetisa o cronômetro dita o ritmo, o tempo social e controla o tempo no mundo da fábrica. Já o dínamo representa, a energia concentrada no trabalho e na máquina, o símbolo da industrialização dentro da cabeça dos homens. O tempo celebrado no meio rural sucumbe ao espaço urbano no qual é transformado e passa apenas a reger o trabalho, deixando a vida de lado, gerando a solidão, o tédio e a falta de convívio social.

Na sequência do poema percebemos que a autora simboliza novamente o corpo do homem por meio da máquina, onde as hemácias, os nervos tornam-se algarismos e a força é concentrada no trabalho e na máquina tornando os corpos humanos cactos, enquanto o espaço urbano e as fábricas tornam-se jardins abstratos. Antes de viver na cidade, a autora escrevia sobre os prazeres da vida no meio rural, referia-se às rotinas como cenários iguais à paisagem, mas estes não geravam tédio, pelo contrário, eles constituíam novas experiências diárias. No poema, ela afirma que o homem moderno ou o “maquinomem” tem sua vida planejada com exatidão, da mesma forma que as máquinas a executarem o mesmo trabalho de maneira programada. As engrenagens trepidantes, que a poetisa cita, figuram como uma referência à

saúde dos homens, que buscam conquistas e realizações em um esforço contínuo e que muitas vezes não são realizadas.

Na última estrofe da composição, Helena Kolody caracteriza o “Maquinomem”, como frio e blindado, comparando com a estrutura de uma máquina, que não tem vida própria. Essa crítica da autora nos permite identificar a transformação do homem no espaço urbano, a modernidade que o mantém como prisioneiro de um sistema de trabalho e de seus medos. Kolody assinala que o homem está sendo controlado diretamente pela própria máquina que ele imagina controlar. A realidade desse homem, com a identidade transformada é que ele está sendo dominado. Sobre esse aspecto, Queluz (2014, p. 83) assevera: “A racionalização de corpos, comportamentos e da própria sociedade, teria como signo a estatística, aquela que oculta, por meio de normalizações matemáticas, diferentes sujeitos e vivências sociais”.

As imagens de desencantamento com o mundo provocados pela tecnologia e a modernidade conduzem os poemas de Kolody, de um espaço urbano que aprisiona as pessoas e seus ideais. A poetisa destaca a materialidade do mundo nos sentimentos das pessoas, um reflexo de si mesma.

Encontramos no poema “Coexistência”, da obra *Trilha Sonora*, de 1966, esse imaginário de desencantamento e tristeza, imagens poéticas que revelam o sentimento de apenas estar existindo e observando o mundo:

Desgastou as arestas pessoais,
rebaixou a cordilheira interior,
No esforço de conviver.
Tomou o denominador comum.
Incorporou-se à fórmula geral.

Que olhar tão cansado de existir!
(KOLODY, 2001, p. 122)

O poema desvenda retratos e as consequências da solidão da autora, imagens de descontentamento e desgaste pessoal. O coexistir de Helena Kolody pode-se ligar com esse lado triste e só, que se motiva mais no espaço urbano, que se precariza com a modernidade. Nas palavras da poetisa o “esforço de conviver” é seu sentimento, a sensação de não adaptação e apenas aceitar as condições de vida na cidade. Não encontramos fontes que dizem o que ela fez para sair desse descontentamento, mas o poema rememora a solidão. Segundo Queluz (2014, p. 81): “Ela apela para a imagem do desmoronamento, das ruínas do mundo, tipicamente romântica, para expressar o sentimento de desencantamento”. Constatamos que essa afirmação nos faz compreender a última frase do poema em forma de afirmação da autora: “Que olhar tão cansado de existir”!

Na mesma obra destacamos o poema “Canto” que expressa e retrata a figura de um menino e seus medos de maneira singular, mas que desenvolve uma imagem poética que encontra com as transformações identitárias e as representações e implicações da modernização na vida da poetisa:

Como o menino
dentro da noite,
longa e deserta,
canta e assovia
para iludir
os seus fantasmas,
sigo cantando
por um caminho
mal-assombrado
pelos meus sonhos.
(KOLODY, 2001, p. 125)

O poema é a descrição de um cenário melancólico, nostálgico e de solidão. A noite longa e deserta é representada como um plano de fundo da cidade, em que na representação da figura de um menino que caminha, que canta e que assovia, transparece o sentimento de isolamento e de se estar só em uma cidade, que habita multidões e pessoas de diferentes raças, etnias e modos de vida. O menino é a representação da própria figura Kolody que segue cantando e escrevendo seus poemas em um caminho de dificuldades e que segundo os versos do poema é “mal-assombrado” e segue iludindo seus fantasmas, dentro de seus sonhos.

O poema “Canto”, é a representação da repulsa de Kolody com relação à cidade e ao moderno, da mesma maneira que a autora se fascinou com as tecnologias, com a cidade, ela se desencanta e faz suas críticas, mesmo que de maneira sutil, tirando a responsabilidade, mas indagando as consequências na vida das pessoas e dos imigrantes.

Helena Kolody no decorrer de sua obra, observou as transformações do espaço rural e urbano, mas destacou as mutações da cidade com maior intensidade. Ela colocou tais observações em seus poemas, buscando elevar suas próprias aspirações. Mas o que detectamos na sua obra é que o espaço urbano afeta o seu modo de vida, levando-a a criar laços de rememoração com o passado no mundo rural e prospecções de um futuro sem muitas expectativas.

Salientamos que as interpretações a partir dos poemas nos indicam diferentes caminhos, de maneira que o historiador faça suas análises a partir dos dados e da historiografia. Neste sentido, usamos as palavras de Pesavento (1999, p. 13) para afirmar que: “O texto literário, dialogando com a realidade, pelo seu caráter artístico, é capaz de produzir diferentes olhares

sobre o urbano que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes”.

Kolody deixa evidente seu grupo e percorre em seus poemas um determinado tempo, as recordações da vida determinam o sentimento de pertencimento, suas memórias e dos imigrantes ucranianos. Nas palavras de Maurice Halbwachs (1990, p. 86), “toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo”. Neste contexto, a adaptação dos imigrantes em Curitiba parte do estranhamento do novo para a incerteza, sentimento esse já experimentado por muitos e por seus ancestrais que desembarcaram nas levadas migratórias no final do século XIX ou em décadas anteriores. Os imigrantes não só teriam que se adaptar ao novo espaço, como também à nova concepção de cotidiano, de rotina e de costumes em torno da urbe, assim como vimos nos poemas citados em referência a modernidade.

Tamanini (2013, p. 115) sobre essa transformação e adaptação indica que:

O que pode ser tomado como instrumento para observar que o imigrante ucraniano, alocado em Curitiba, estava compelido a um confronto contínuo com as vulnerabilidades advindas do novo, visivelmente sentidas, para poder reconquistar aquele modo cômodo de existir, dado pelas certezas. Muitos indícios característicos da vida urbana contribuíram para criar e alimentar o sentimento de incerteza principalmente nos imigrantes ucranianos acostumados aos cenários mais pacatos e ao aconchego de seus pares. Para eles, a aparente desregulamentação, a ilusória falta de direção do urbano e a multiplicidade de rostos outros e fenótipos destronavam qualquer certeza de perpetuidade.

Desse modo, sustentados pelas palavras de Tamanini e das interpretações dos poemas a respeito da cidade moderna que Kolody descreve, percebemos que o sentimento de incerteza dos imigrantes no espaço urbano está representado nos versos da poetisa, que é sucinta em descrever e narrar a solidão e a angústia das pessoas na cidade, rememorando o cenário rural e o seu estilo de vida.

Sobre a modernidade e essa transformação observamos o poema, “Pelos Bairros Esquecidos”, da obra *Ontem Agora*, de 1991:

Pelos bairros esquecidos,
tantos passos,
tantos risos,
tantos sonhos perdidos
(KOLODY, 2001, p. 32)

Os sonhos novamente ganham destaque, agora esses sonhos estão perdidos, os bairros esquecidos são as cidades imaginadas de Kolody. Os bairros esquecidos são lugares e espaços dentro do espaço urbano imêmore pela diferença com o espaço rural. A identidade imigrante sendo deixada de lado e esquecida. O “mundo novo” que a cidade oferece aparece reprimido

nos sonhos e alterando planos de muitas pessoas. Os passos e os risos são raros na cidade, são apenas lembranças das vivências no mundo rural e não são esquecidas pela poetisa.

Sua obra expressa uma questão recorrente na história da literatura: a idealização e o saudosismo em relação ao passado e ao mundo recém urbanizado. A literatura com sua linguagem registra uma época, parte da história e da memória. Não só com sua subjetividade, mas com uma leitura do seu próprio tempo; são as representações de um dado momento do mundo na história. Helena Kolody realiza um debate das ideias e pressupostos em voga ao longo dos anos, demonstrando empiricamente como e em que momentos a idealização do passado e da sua vida se faz presente em seus poemas.

3.3 IMAGENS DO TEMPO E DO ESPAÇO URBANO

TIMBRE

Os que vieram antes
abriram trilhas na selva.

São nossas até hoje,
as opções,
as conquistas,
as descobertas.

Persistem em nosso mapa
os roteiros que traçamos.

Perdem-se para nós
os caminhos
que não guardam
o timbre
de nossos passos.
(KOLODY, 2001, p. 58)

A palavra “timbre” significa selo, carimbo, marca, ou também um toque, uma ação de tocar, um som. No poema da obra *Sempre Palavra* de 1985, a autora se expressa nostalgicamente, lembrando de pessoas que vieram antes, sem citar diretamente quem foram. Interpretamos nesse contexto, uma reabertura para os antepassados imigrantes da autora, que para ela abriram caminhos no Estado do Paraná e no espaço urbano onde viveu.

Kolody também exalta que as escolhas, conquistas, descobertas e opções que fazem parte da vida de cada um. Segundo a poetisa, o que importa é que a memória que marca cada pessoa é individual, embora exista uma memória coletiva. Trata-se de um selo em cada pessoa, uma marca no tempo e no espaço. Assim é que na última estrofe do poema “Timbre”, Kolody se refere ao seu próprio pensamento e aos caminhos que não são marcados, aqueles que se perdem na memória e no tempo.

As imagens do tempo em seus poemas caracterizam momentos melancólicos da autora e das suas personagens. Elas consolidam as memórias e os aspectos que não são particularidades da fase idosa da autora, mas que a acompanham durante o decorrer de sua obra. Os imigrantes retratados, suas histórias, seu cotidiano, seus imaginários, envolvem a memória histórica, representada nos poemas e caracterizada por um enredo que leva a assinatura de Kolody. Para Pierre Nora (2012, p. 17), “o dever da história faz de cada um historiador de si mesmo”, dessa maneira percebemos uma recorrente história de si nos poemas kolodyanos, em que a autora usa suas memórias como artefato principal de sua composição.

Na mesma obra, Kolody publica “Trilha Batida”. As palavras deste poema transmitem o sentimento e a visão da poetisa sobre o seu tempo e o lugar da memória no espaço urbano:

Em todos os caminhos,
Vestígios de outros passos.
A própria voz se perde
no vozear imenso.

Há muito, alguém pensou
os nossos pensamentos.

Só existe um refúgio,
uma posse,
um domínio defendido:
o profundo de nós mesmos,
singular e indevassável.
(KOLODY, 2001, p. 63)

O sentimento de refúgio representado no poema, condiz com o título dele: a trilha batida pode ser o caminho construído e que vem chegando ao final. Na primeira parte da composição, a autora lembra que em todos os caminhos existem vestígios de outros passos, das histórias de pessoas que a antecederam na trilha que existe hoje. Percebemos a ligação deste poema com a composição de “Timbre”, ambos contêm a semelhança da representação de antecedentes de personagens não citados que fazem parte da memória da autora, das imagens que levam ao desenrolar da sua vida, entre seus versos.

Tanto as histórias quanto as memórias retratadas nos poemas, partem de uma seleção e interpretação. Em “Trilha Batida”, por exemplo, na segunda parte do poema Kolody faz uma indexação de pensamentos, que são vozes em sua cabeça, mas que também são imagens e memórias que em algum momento do tempo ela observou e que no poema, no presente que ela escreve, torna-se um refúgio e uma posse, o pertencimento do seu imaginário.

As palavras de Nora (2012, p. 20) nos oferecem indicativos para pensar e problematizar a obra de Kolody. A partir delas podemos fazer uma ponte com a representação e a memória que surgem nos versos kolodyanos.

Se ninguém sabe do que o passado é feito, uma inquieta incerteza transforma tudo em vestígio, indício possível, suspeita de história com o qual contaminamos a inocência das coisas. Nossa percepção do passado é apropriação veemente daquilo que sabemos não mais nos pertencer.

O “não mais pertencer” citado por Nora, surge nos poemas de Kolody, em especial, na sua visão do espaço urbano e nas imagens do tempo, circunstâncias criadas e rememoradas. O tempo leva a autora a pensar e se questionar sobre os caminhos que ficaram no passado em todas as fases de sua escrita e principalmente na fase após os anos 1980, período esse em que

Helena Kolody se considera parte integrante do cotidiano das cidades onde viveu, em especial, de Curitiba.

Em entrevista à jornalista Telma Serur para o *Jornal Nicolau*³⁹ em 1988, Helena Kolody aos 75 anos, vivendo em Curitiba, responde ao questionamento de como era para ela viver na capital paranaense. Ao perguntar para a poetisa se Curitiba lhe agrada, Telma Serur obtém a seguinte resposta:

Eu gosto. Sou uma enamorada de Curitiba. É uma cidade um pouco esquecida, fora dos outros tempos. Mas a considero uma cidade vibrante, jovem, por ser universitária. Sei que se vive muito aqui. Não vou, mas sei que há bares, como o Bar do Cardoso, o Café Poesia, onde há um sanduiche com meu nome. Tudo isto eu sei de longe, porque não saio. Sou uma espectadora. Igual uma camponesa, que se senta no fim da tarde e vê a vida acontecer. Eu vibro com isto. Meu coração curitibano, paranaense, fica feliz de ver isto.

Percebemos na resposta da entrevista de Kolody que por mais que a poetisa tenha uma paixão por Curitiba, ela não vive totalmente a urbanização. Como ela mesmo menciona, ela é uma espectadora “igual uma camponesa que senta no fim da tarde e vê a vida acontecer”. Os imigrantes no espaço urbano atravessam fronteiras sociais e étnicas pois, diferente do campo, os grupos que na cidade vivem são inúmeros, das mais variadas etnias. Percebemos nas palavras de Kolody que de certo modo, em alguns momentos da vida social, os imigrantes necessitam atravessar essa barreira, ter esse contato, ainda que de forma superficial.

As imagens poéticas referentes aos imigrantes são de fato, uma perspectiva da autora sobre seu passado e as suas lembranças, ela recorre apenas às imagens que lhe foram fornecidas pelo seu grupo, não existe uma intensificação de relatos de imigrantes de outras etnias ou de outros povos que imigraram, apenas citações indiretas e saudosas em suas poesias.

Segundo Schneider e Boruch (2018, p. 98):

O imigrante é um indivíduo no plural, por fazer parte de um grupo, porém são as singularidades desse grupo que o diferem dos outros; a mudança de espaço, de relações na cidade, faz em que, de forma natural, o imigrante perca as singularidades do seu grupo, pode manter-se no plural, mas de um modo diferente do qual pertencia no campo.

As singularidades fazem partem dos lugares de memória de Kolody e da criação de suas imagens, um apanhado de sentimentos que se reverberam em versos, situando, em muitos casos,

³⁹ Durante 11 anos, de 1987 a 1998, foi editado em Curitiba um jornal de cultura, o Nicolau, cujo nome homenageou as etnias constituídas pelos poloneses, italianos, árabes e alemães, independentemente de suas origens geográficas e políticas. Consultar: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24474#:~:text=Abstract,suas%20origens%20geogr%C3%A1ficas%20e%20pol%C3%ADticas>.

a mudança identitária do imigrante na cidade. Não raro, ele se torna apenas um figurinista no cenário urbano total. As lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente o sujeito se encontre envolvido. Sendo assim, as lembranças são representações que se baseiam, mesmo que em partes, nos acontecimentos, sejam eles individuais ou coletivos.

No poema “Telúrico”, da obra *Sempre Palavra*, de 1985, a poetisa usa a figura de um camponês como tema central da escrita, percorrendo lembranças e comparando com imagens de sua própria experiência de vida:

Adormeceu o camponês velhinho,
recostado na árvore irmã.

Sonha que seus pés deitam raízes,
são ramos sussurrantes os seus braços,
onde as aves do céu tecem os ninhos.

Zumbem ao redor
as louras abelhas.

Sonha que se integra na paisagem,
devolvido ao barro original.
(KOLODY, 2001, p. 62)

A figura do camponês, presente neste poema, nos leva a perceber que Kolody escreve sua experiência. Tomando as devidas proporções e constatações, o personagem central é um sonhador, é nostálgico e um espectador do tempo e do cotidiano. A chegada da velhice é também o momento em que as memórias vem a tona, são seletivas e refletem os desejos e os sonhos. Desta maneira, o poema, carrega a ideia de que a autora já espera o final da sua jornada, que a morte é algo que se aproxima. Neste poema percebemos que a cidade fica em segundo plano, a imaginação se remete ao espaço rural, na figura das árvores, dos pássaros e das abelhas. A rememoração e a lembrança da paisagem vão de encontro ao que assinala Halbwachs (2013, p. 91) de modo que a lembrança é pensada como: “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”, da qual “a imagem de outrora já saiu bastante alterada”.

Por este viés, percebemos que o poema “Longe”, da mesma obra e ano, reitera o sentimento da autora e a imagem de reconstrução das lembranças, recorrendo também a imagem dos imigrantes e de seus antepassados:

Às vezes,
tudo é tão longe em mim...
Meu viver parece uma história
que alguém sonhou

há muito tempo
num país distante.
(KOLODY, 2001, p. 65)

O passado presente na poesia está nas recordações. A autora expressa que sua história se parece com a vida que alguém sonhou e não a sua ou fruto dos seus sonhos. O país distante pode ser a comparação com a vida na Ucrânia, de seus pais, familiares e que Kolody sonhava em conhecer e ter feito parte. Desse modo, também a vida na cidade foi um sonho de outros e não o seu.

Neste caso tomando as palavras e constatações de Halbwachs, a memória individual não está de todo isolada, pois toma como referência sinais externos a quem recorda, implicando a memória coletiva de um grupo. Isto nos leva a perceber que o poema “Longe” representa a história do grupo de imigrantes, que Kolody escreve tomando em primeira pessoa, mas sem se desprender de que essa história pertenceu aos imigrantes ucranianos. O poema pode também ser interpretado como a história do outro.

Se pela memória encontramos e redescobrimos histórias nos poemas, as imagens poéticas cumprem na poesia um espaço temporal, desvendando e flagrando as experiências de vida da poetisa. Segundo Alfredo Bosi (2000, p.132), “busca uma intensa relação com o mundo da vida”. Encontramos nos poemas kolodyanos uma aproximação e uma relação entre a memória, o tempo e a experiência de vida da autora.

Na obra de 1980, intitulada *Infinito Presente*, encontramos cinco poemas que revelam diferentes imagens da vida da autora: “Infinito Presente”, “Sem Retorno”, “Suprema Solidão”, “Participante” e “Coragem de Cantar”. Todos eles se encontram expressamente relacionados ao cenário urbano e à observação do tempo pela poetisa. Novamente a memória de Kolody recria situações referentes ao passado dos imigrantes, nesse caso o poema simula ações vividas, a temporalidade é uma simulação da ação do tempo e daquilo que foi vivido.

Analisamos o poema que leva o mesmo nome da obra, *Infinito Presente*:

No movimento veloz
da nossa viagem,
embala-nos a ilusão
da fuga do tempo.

Poeira esparsa no vento,
apenas passamos nós.
O tempo é mar que se alarga
num infinito presente.
(KOLODY, 2001, p. 71)

O poema remete a um espaço vazio, a imagem que a autora procura não mais ali está. Trata-se de um movimento veloz comparado a uma viagem, que pode ser relacionada tanto com a jornada de vida da autora, quanto com a viagem dos imigrantes e as fases que presenciaram desde a saída da Ucrânia e a permanência no Brasil. O tempo parece ilusório ou uma fuga da realidade, da mesma maneira que os poemas muitas vezes agem na vida das pessoas. Infinito presente, um momento que não passa, que foca nos acontecimentos dos dias, na observação do tempo e nos realces da memória.

Na segunda estrofe do poema, temos a comparação da amplitude do mar com o tempo. Aparece o vazio sofrido pelo imigrante que muitas vezes não se reconhece mais como ucraniano. Ele agora vive na cidade uma vida que não lhe pertence, em dias que para ele são infinitos, esperando um futuro prometido, mas que teima em não acontecer.

As imagens do tempo na cidade e as lembranças que tomam o cenário urbano figura como uma situação impossível de ser resgatada. O lugar de destino na cidade nunca o acolherá plenamente o imigrante e suas memórias, mesmo sentimento da autora frente seu momento presente. Trata-se então de uma identidade fragmentada que segundo Hall (2006, p. 393): “é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada”.

A chegada sempre adiada no espaço urbano, envolve também as concepções da autora, a espera de uma vida nova e de um momento que faça a diferença na vida, mas que novamente a nostalgia do passado não a deixa experimentar. O poema “Sem Retorno”, identifica tal percepção de Kolody:

Nada se repete na travessia.
Longa despedida sem retorno.

Marcos de nunca mais
balizam o contínuo transformar-se.

Vivos desenhos de sombra
sublinham o passante
e se desvanecem
ao anoitecer.
(KOLODY, 2001, p. 71)

Ao longo desta pesquisa recorreremos a análises dos poemas e encontramos temas que se repetem, porém em diferentes perspectivas. No poema anterior, notamos que na primeira estrofe, Helena Kolody, se refere a travessia e que nada se repete. A despedida é recorrente, em diversas fases da vida podemos nos deparar com essa situação que é algo que a poetisa frisa,

utilizando a despedida sem retorno, da mesma forma que foi a despedida de seus antepassados, ao imigrarem para o Brasil, ou então a despedida sem retorno do mundo rural para o urbano.

Na sequência da composição, a autora se refere aos “marcos de nunca mais”, às conquistas que durante a vida foram alcançadas, seja de caráter pessoal e profissional na esfera poética ou na docência. Se formos comparar o poema com a vida de Kolody, vamos detectar que ela se refere a uma transformação contínua. Finalizando o poema na terceira estrofe ela revela que as transformações a colocaram como um desenho, uma sombra e um passante. A partir do entendimento novamente de espectador do tempo e da vida que acontece na urbe, Kolody reitera o sentimento de não pertencimento ao espaço.

Analisando os poemas “Infinito Presente” e “Sem Retorno”, retornamos para a subjetividade que encabeça o enredo entre a memória e o tempo. As imagens poéticas e a transformação da identidade que detectamos na poesia de Helena Kolody apresentam muitas vezes um sujeito fragmentado no poema e a abertura de espaços nos leva a perceber uma conjuntura de discursos da autora no contexto histórico.

Nas palavras de Fontes (2012, p. 228), é perceptível como a autora analisa a questão da maturidade da escrita de Kolody:

Com a noção de subjetividade surgindo relativizada no par eu-tu, incorporando o outro como constitutivo do sujeito, a concepção de linguagem não pode mais ficar assentada na noção de homogeneidade. A linguagem não é mais evidência, transparência de sentido produzida por um sujeito uno, homogêneo, todo poderoso. O sujeito fragmentado, partido, com brechas, se preenche polifonicamente. Equivale também a dizer que a observação dos sentidos pode considerar a presença de várias vozes, que apontam para lugares discursivos diferentes, no entanto, todos constitutivos do sentido.

A observação dos sentidos e a presença de várias vozes, como evidencia a autora, reforça a nossa análise do poema “Suprema Solidão que apresenta o lugar de discurso da poetisa envolvida no sentimento da solidão e alternando com um a súplica para Deus:

Quem desvendou o sigilo
do momento que precede
o primeiro alento?

Cessado o pulsar do tempo,
quem partilhou a vertigem
do mergulho na Verdade?

Nos mais sagrados instantes,
estamos nus e sozinhos
diante de Deus.
(KOLODY, 2001, p. 72)

O poema em suas duas primeiras estrofes indica dois questionamentos da autora. No primeiro, a poetisa se pergunta sobre o momento sigiloso antes do descanso, antes de ela tomar fôlego de alguma situação. No segundo, ocupa-se do tempo que é interrompido, uma situação desgastante e partilhada, como se a verdade que a autora questiona fosse algo relacionado a sua vida, ou um simples momento ou desejo não realizado. Quando nos voltamos para o título do poema, percebemos que esses questionamentos são sobre a sua vida, sobre a solidão. Os próprios sentimentos observados por ela, figuram como vozes e as imagens poéticas que revelam o desencanto.

Nesse sentido, nos perguntamos se o cotidiano urbano e a falta de sociabilidade entre os imigrantes em Curitiba seriam a causa a solidão de Kolody. Não estamos afirmando que a solidão da poetisa fora causada pela referida urbe, mas relacionando-a com as identidades transformadas pela cidade. Ora com base nas palavras de Fontes, percebemos que os versos de Kolody são fragmentos de lugares discursivos. O poema tem sua finalização com uma súplica para Deus. Kolody, que usou da religiosidade como característica literária particular, afirma no poema que em sua solidão é a Deus que ela recorre.

O poema “Participante”, revela termos já usados pela autora e também por nós analisados, mas que ganham diferentes sentidos, como: o mar, a dor e a terra firme. Elementos que por mais que sejam repetidos, enfatizam as imagens poéticas que a memória da autora produz:

Urge volver do alto mar,
lançar a âncora no porto,
recolher a asa das velas
e desembarcar.

Aprender em terra firme
a regular o meu passo
pelos passos decididos
que se atrevem a avançar
no dia a dia minado
de surpresas e perigos.

Igual e participante,
em dúvidas dividida,
castigada em provações.
Meu grito em todos os gritos.
Dor alheia doendo em mim
(KOLODY, 2001, p. 75)

O nome do poema sugere a participação ativa da autora nos momentos durante sua vida, mas, no entanto, o texto revela imagens temporais que redesenham essa participação. O “participante” que a autora detalha, tem novamente ligações com seus antepassados imigrantes

e com as memórias coletivas. Na abertura do poema, a autora sugere uma volta urgente para o alto mar, revela o desejo de ancorar no porto e desembarcar. Antes os imigrantes partiram com urgência da Ucrânia, tinham a intenção de encontrar um porto seguro para dar continuidade a suas vidas e procuravam melhores condições de vida e trabalho que tinham na pátria que deixaram. A cidade também foi posteriormente o mar e o porto que os imigrantes buscaram, com motivos e possibilidades.

Na segunda estrofe do poema, nos deparamos com alusões aos desafios em terra firme. Tratava-se do Brasil, um destino que possibilitou a retomada de vida dos mesmos, e que impôs desafios de adaptação, trabalho e sociabilidades. Da mesma forma Kolody se refere à transição do mundo rural para o espaço urbano, com novos desafios e diferentes possibilidades. A poetisa escreve: “dia a dia minado”, cada dia é um novo espaço temporal, que implica o enfrentamento de diferentes situações.

A terceira e última estrofe nos indica e revela o “participante”, personagem que tem dúvidas e provações a enfrentar, da mesma maneira que os imigrantes se depararam com tais situações desde a chegada até o momento de transição para a cidade. Estas são dúvidas e provações que nós relacionamos com a vida da autora e sua experiência de mudança. Aliás, notamos que assim como o imigrante é o participante do seu poema, da mesma maneira, a autora se insere como participante desse cotidiano.

De acordo com Fontes (2012, p. 228, *apud* KOLODY, 1988, p. 19):

As impressões que me atingem vão se acumulando em meu inconsciente e elaborando uma espécie de húmus, no qual se misturam impressões de muitos tempos; desse húmus brota o poema, impregnado de minha própria personalidade.

No entanto, o que a poetisa se refere como impressões vão de encontro com o que a memória produz, a junção de fatos vividos e de relatos coletivos e individuais, que se somam nas observações temporais da autora. A soma de elementos cotidianos e não cotidianos, mas que no final, como a autora afirma, constitui a sua própria personalidade e justifica o seu papel, muitas vezes, como protagonista dos poemas. Percebemos isso no poema “Participante”, no qual a autora toma a dor alheia e a mistura com a sua própria dor, sendo isso uma constante. Não ao acaso, Cruz (2006, p. 270) assinala: “a poeta instaura um jogo de cumplicidades com o leitor. No olhar do poeta e do leitor, a linguagem ganha contornos e se torna ‘poesia-revelação’”.

A autora revela elementos que fizeram parte do entrecruzamento temporal dos imigrantes no espaço urbano, um confronto diário entre o moderno e o tradicional, a lembrança

e a realidade. Como salienta Tamanini (2001, p. 468): “Os ucranianos de Curitiba, experienciavam o entrecruzamento de diferentes tempos históricos: tradição camponesa e práticas modernas do viver, fazendo-se presente em espaços e tempos contemporâneos”. O participante caracterizado por Helena Kolody, se encaixa nesse entrecruzamento, que é revelador e cheio de possibilidades.

Vejamos o poema “Coragem de Cantar”, da obra *Infinito Presente*, de 1980:

Florescer em canções
entre o metálico estridor
do transcorrer diário.

Cantar a alegria,
Em meio à tristeza pungente
do mundo precário.

Mais forte que o desamor,
e elevar acima da solidão
o canto solidário.
(KOLODY, 2001, p. 76-77)

Deparamo-nos nas estrofes do poema supracitado, com sentimentos distintos, um cruzamento de alegria e tristeza, enlaçados por um título que já é instigante, qual seja a “Coragem de Cantar”. Trata-se da mesma coragem de escrever da poetisa, pois as vozes que cercam sua memória, a rememoração da sua vida e os espaços que percorre no poema ditam o ritmo do canto e da escrita. Na primeira estrofe de Kolody, as canções florescem em meio aos ruídos da passagem do dia, da rotina e do cotidiano. O barulho contínuo do dia se deve a diferentes fatores: aos barulhos da cidade, do trânsito, das pessoas andando, da rotina das multidões, já o metálico estridente, também pode ser os ruídos e as vozes nos pensamentos da poetisa, a canção em sua cabeça e o encontro com a coragem de dizer as palavras.

Na continuação dos versos do poema, a autora canta a alegria em meio a tristeza da cidade e da vida, que para ela e naquele momento é comovente e rígida, pois o mundo em que essa canção é entoada, é precário. Nesse caso, detectamos que os problemas encontrados na urbe surgem em cenários precários com os quais os imigrantes se depararam quando chegaram à cidade.

Todavia, a referida situação não foi encontrada apenas por um determinado grupo, a precariedade é generalizada. Ela foi encontrada por diversas pessoas de diferentes grupos sociais que vivem na cidade. Do ponto de vista da poetisa, a singularidade do sentimento de comoção tende a expor apenas a sua visão de mundo.

A partir desta constatação, percebemos que na última parte do poema, a canção é de dor e tristeza, afirmando a solidão da autora, que pode ser a solidão de muitas pessoas. A coragem, nesse momento, fica em segundo plano, não é mais citada, afirmando apenas a solidão.

A solidão e a partida estão presentes e explícitas no poema “Tempo Acelerado”, originalmente publicado no ano de 1986, na obra *Poesia Mínima*. Neste texto específico, encontramos a percepção de Kolody sobre o passar do tempo e o envelhecimento:

A dor acelera
os ponteiros do tempo.

quantas vezes se envelhece
muitos anos num minuto!
(KOLODY, 2001, p. 46)

O poema referido encontra com a rotina de espectadora do tempo da autora. A solidão em sua velhice condiz com a afirmação que se envelhece muitas vezes anos em um minuto. Muito disso se deve a rotina da cidade, ao tempo e a sua própria percepção da passagem do tempo. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 55):

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

A diferença do ponto de vista que Kolody tem sobre o tempo, vai se alterando, como Bosi indica; as ideias, a realidade e os valores da mesma forma que a visão do mundo e da vida se alteram. Novamente percebemos no poema o uso da palavra dor, essa dor vem do sentido interno, afetivo, que por sua vez se reflete na escrita sensível kolodyana.

A memória consiste no registro de fragmentos que surgem por meio de recordações, por isso afirmamos que Kolody ressignifica os acontecimentos de sua vida e os insere em seus poemas. Ela se utiliza da memória como a tela de suas imagens poéticas e talvez assim, ensaie os caminhos sem roteiros que adquirem sentido ao longo da escrita. Esses sentidos a partir da ressignificação da memória estão presentes no poema “Levam o Amanhecer”, da mesma obra e ano da poesia anterior:

Partem.
E levam consigo a memória
de nosso amanhecer.

A quem dirigir

a pergunta mágica:
Lembra-se?

Quem,
Entre os jovens,
acreditará
que fomos jovens também?
(KOLODY, 2001, p. 45)

Através deste poema, percebemos a maneira de Helena Kolody expressar o sentimento de perda frisando a memória como parte da história e do momento, sendo essa memória dela ou de um grupo. A memória de nosso amanhecer, como cita a autora na primeira estrofe, nos leva a refletir sobre a espera do amanhã, sobre os acontecimentos que virão e também farão parte da memória. A história aparece se moldando e sendo construída em todas as fases da vida, mesmo que o sentimento da partida seja pungente. As imagens poéticas desta composição exploram a existência de significados nas palavras, que são retratos de um momento. Kolody na segunda estrofe do poema indaga a quem dirigir a pergunta da lembrança, “quem irá lembrar?”. A lembrança está no poema e nos retratos que marcaram sua construção poética, nas imagens dos lugares de memória que a poetisa ressignificou em suas palavras.

Desta forma, o questionamento presente no poema é também o questionamento que Kolody tem sobre a lembrança da sua vida. Talvez, essa lembrança esteja relacionada à memória dos imigrantes ucranianos, à partida para um novo amanhecer, deixando no leste europeu as memórias que outras pessoas tomaram de posse.

Finalizando o poema, Helena Kolody novamente faz um questionamento. Referindo-se aos jovens, indaga se eles acreditarão que os idosos e adultos também já foram jovens. Essa inquirição da autora talvez indique certa curiosidade sobre se as lembranças estarão vivas no futuro. E também se os jovens que irão se deparar com esse poema irão se questionar sobre as lembranças do passado. Kolody traça um paralelo entre passado, presente e futuro, seus questionamentos são retratos de suas inquietações, e lembranças que de certo modo a autora teve em outras fases de sua vida. Tal como os questionamentos no poema, o amanhecer é a imagem do futuro, que causa incertezas na vida da autora. Tal constatação vem de encontro com o que afirma Bosi (1994, p. 415), sobre a agudeza do tempo na idade madura:

A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas, não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro.

A partir das palavras da autora, detectamos nos poemas kolodyanos, esse “remanso de correnteza”, indagações sobre o tempo, sobre a visão da cidade e sobre o cotidiano. Da mesma

forma, a dor sentimental, a solidão e a afirmação de Kolody como espectadora da vida, nos revelam suas sensibilidades na fase madura.

Na nossa visão, o poema não se faz em si, mas nas inúmeras possibilidades de caminhos que se pode percorrer, da mesma maneira que os caminhos da memória vão abrindo possibilidades de interpretações e questionamentos. É a partir da recepção do texto que uma só obra tem inúmeras possibilidades de interpretação, dependendo do suporte, época e da comunidade a que se destina.

Da mesma forma, os poemas de Kolody que abrem as possibilidades pautados pela memória são destinados a diferentes interpretações. Segundo Le Goff (1996, p.11): “A memória é crucial, tanto por sua importância ímpar e fundamental nos modos de organização da identidade humana, quanto por essa organização realizar-se a partir do cruzamento entre as suas manifestações na esfera individual e coletiva”. A memória na construção poética da autora pode ser analisada porque revela significações da identidade e da cultura ucraniana, como também das experiências de vida da poetisa, como evidenciado nesse capítulo, dentro do espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desafio
A via bloqueada
instiga o teimoso viajante
a abrir nova estrada.
(KOLODY, 2001, p. 22)

Da mesma maneira que Helena Kolody se nomeia um “teimoso viajante”, como no poema, publicado na obra *Reika* de 1993, sua obra não nos permite inserir um ponto final na pesquisa e nas análises de seus poemas. As representações encontradas em suas poesias são um vasto campo para a pesquisa histórica por diferentes visões, experiências e significações. Por meio de sua composição poética estabelecemos diálogos com a história, seja ela dos imigrantes ucranianos, da vida da poetisa no meio rural e no meio urbano. Estabelecemos também uma ponte pelas palavras de Kolody, da qual buscamos a interpretação histórica de sua vida e do seu olhar, dos momentos e dos sentimentos que transformam poesias em fontes de uma história subjetiva e sensível.

A poesia é marcada como uma forma de expressão, por meio de versos, sejam eles de diferentes maneiras, também é um dos gêneros textuais mais antigos da humanidade, sendo usada por quase todos os povos, o que nos mostra a sua relevância para a história. Neste contexto, usar a poesia como fonte histórica é usar de alternativas para diferentes narrativas e acontecimentos. A poesia se revela como diferencial na história, permite a criação de diferentes perspectivas e interpretações dos fatos, registra e expressa aspectos múltiplos.

No decorrer da pesquisa constatamos que há estreita relação entre os conceitos de identidade, memória e representação. Estes conceitos estão imbricados no cotidiano e nas práticas sociais dos imigrantes retratados por Kolody, o que condiciona a sua percepção dos significados dos elementos da cultura eslava em sua obra. Trata-se de algo verossímil, pois junto com as poesias fizemos o uso de documentos e relatos históricos, que assimilam as representações junto às composições dos poemas.

Por esse entendimento analisar um poema e seus aspectos históricos, torna-se instigante, mas de outra maneira indica que podemos perceber sua relativa intenção. Nesse caso, usamos argumentos que identificam o contexto da escrita, para quem foi escrito, as influências literárias e sociais, as condições da época em que foi escrito e a fase de vida da autora.

Fazendo o uso das palavras de Pierre Bourdieu (1992, p. 183), identificamos a argumentação e comprovação do uso do poema no contexto histórico:

A noção de campo intelectual nos ajuda a elucidar a configuração e a historicidade da produção e da recepção da obra de um autor, suas ideias e formas estéticas postas em circulação e inseridas no interior de um sistema de relações socioculturais edificadas publicamente.

Deste modo, atestamos que a obra de Kolody e seus poemas possuem um envolvimento histórico, pautados por questões influenciadoras, em que a imigração ucraniana e a sua descendência tiveram um peso e um diferencial. Ao longo da pesquisa, os poemas nos mostraram que a representação e as formas narrativas da autora constroem um discurso no qual o imigrante é o ator principal. Além disso, também identificamos que a poesia kolodyana inspira-se em contextos históricos ligados à sua própria vida. Para Paz (1984, p. 85): “O poema não é apenas uma realidade verbal: é também um ato. O poeta diz e, ao dizer, faz. Este fazer é sobretudo um fazer-se a si mesmo: a poesia não é só autocriação”.

As imagens criadas por Kolody exibem uma simbologia entre as representações do imigrante nos mundos rural e urbano. Representam a maneira de viver e seus desdobramentos que se tornam históricos devido a relevância da poetisa no âmbito da literatura e da história do Paraná. Voltando para a afirmação de Paz, detectamos na obra de Kolody o fazer-se a si mesmo e poesias que retratam a sua experiência de vida. Ademais, Kolody ao representar os elementos que constituem a memória dos grupos a qual pertenceu e seus símbolos de tradução da experiência vivida, torna-se componente da obra e dos poemas.

Os elementos balizadores desta pesquisa como a memória, o tempo, as representações, a identidade, o imaginário e as imagens poéticas foram usados como ferramentas de análise das poesias. Todavia, mesmo sabendo que a obra da poetisa já foi explorada por outros autores em outras temáticas, ela continua contemplando novos questionamentos, seja no campo da história, da literatura e de tantas outras áreas do conhecimento.

Destacamos ainda que esta pesquisa não objetivou promover a exaltação da obra ou da própria autora, mas produzir questionamentos sobre acontecimentos históricos elencados durante a pesquisa realizada por meio da poesia de Kolody. Afinal, o trabalho historiador, entre outras coisas, visa a questionar sua fonte e confrontá-la com o contexto histórico que a produziu.

Como bem o lembra Barros (2009, p. 39) a “Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado”.

Assim ao lembrar dos fatos passados, Kolody nos proporciona elementos e representações do passado que incluem a memória.

Sua trajetória como poetisa e professora levou a crítica a denominá-la padroeira da literatura paranaense. A sua visão de mundo e sua influência literária foram motivos para estar entre as autoras mais lembradas do Paraná e a ganhar reconhecimento mesmo que tardiamente.

Do ponto de vista da pesquisa, detectamos que a aproximação das narrativas histórica e poética foram fundamentais para a compreensão e análise dos poemas de Kolody. Nessa esfera, constatamos também que a história sensível se fez imprescindível para a apreensão do contexto e das evidências históricas.

Ao analisarmos a imigração ucraniana na vida da autora, alinhamos o tempo e a memória para uma ação mais complexa e que abrisse outras possibilidades interpretativas. Problematizar e evidenciar os fatos com o auxílio da historiografia nos permitiu descobrir o lado imigrante da família de Kolody e de que maneira a autora tomou para si tais vivências. Suas poesias que representam a cultura e a imigração ucraniana são carregadas de elementos simbólicos que fizeram parte da sua vida. Analisar o cotidiano dos imigrantes no Paraná pelas poesias, nos fez entender que a ação da memória foi peça fundamental para a poetisa, que descreveu cenas e recriou imaginários que a mesma só conheceu pelos relatos de familiares. A influência da cultura ucraniana se fez presente, principalmente na religiosidade, elemento esse que acompanhou a autora em todas as fases de sua escrita. Em outros termos, assinalamos que Kolody transcreveu cenas do seu modo de vida atreladas à religiosidade.

A transição de vida de Helena Kolody do meio rural para o meio urbano, do qual destacamos a cidade de Curitiba, nos levou a analisar poemas que representassem a cidade e seu cotidiano. Por meio destes poemas, descobrimos o descontentamento da autora com relação a vida na urbe, detalhando cenas, espaços e vivências que sofreram impactos com a modernização, que por sua vez, impactaram o processo de transformação da identidade do imigrante e da própria Kolody.

Analisar a memória e o tempo, presentes nos poemas da fase madura da poetisa, revelou indícios da sua transformação identitária e do seu próprio modo de vida. A solidão e o sentimento de dor estiveram em destaque em quase todos os poemas. Esses textos nos auxiliaram a compreender o modo de vida da autora e em muitos a descrição da identidade transformada dos imigrantes.

Para Otavio Paz (1982, p.130-131), “As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo”. Essa experiência que a autora revela nas poesias analisadas contempla uma história geradora de fatos e acontecimentos, uma história que inclui

detalhes e só são possíveis de serem problematizados se utilizarmos dos preceitos da história sensível e subjetiva, da ligação interdisciplinar história e literatura.

De forma geral, como demonstrado no decorrer da pesquisa, o tempo, a memória e as imagens poéticas representados nas poesias kolodyana evidenciam a possibilidade da busca por elementos históricos. Assim, abrem-se novas portas para se pensar e compreender a história. A obra de Helena Kolody e de outros poetas implica a existência de um acervo passível de novas descobertas, novos temas, novas perguntas e principalmente novos olhares.

Por fim, inferimos que toda poesia advém de uma história, criam-se mundos para que história e poesia caminhem lado a lado às transformações culturais da sociedade humana. Helena Kolody rescreveu o passado tendo como base a sua memória e a memória coletiva, observou o tempo e a vida cotidiana, encontrou possibilidades para seus textos, deixando um acervo poético que se transformou pela análise histórica.

REFERÊNCIAS

- ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano: 1895-1995.** Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 1996.
- ARISTÓTELES. **Poética.** Trad., Pref., Introd., Com., Apend. de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.
- ATEM, Reinoldo. **Panorama da poesia contemporânea em Curitiba.** Curitiba, 1990. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1990.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas – introdução aos seus usos historiográficos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- _____. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico.** 8 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- _____. **História e memória– uma relação na confluência entre tempo e espaço.** MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.
- BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História.** São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. **Caminhos entre a literatura e a história.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 315-334, Dec. 2005.
- _____. **O ser e o tempo na poesia.** São Paulo: Cultrix: Edusp, 1977.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T.A Queiroz, 1979.
- _____. **O Tempo Vivo da Memória.** Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BORUCH, Tiago. **Representações da imigração ucraniana nas poesias de Helena Kolody/ Tiago Boruch – Irati, PR : [s.n], 2018. 114f.**
- BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. **Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, 1967,** Porto Alegre. São Paulo: [FFCL]-USP, p. 423- 439, 1969.
- BOURDIEU, Pierre, **Razões Práticas.** Tradução de Mariza Corrêa. São Paulo: Papirus, 1996.
- BURKE, Peter. **O Que é História Cultural.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BURKO, Vassílio. **História de Curitiba:** Imprensa Oficial, 2010.
- CANDIDO, A. **Crítica e Sociologia.** In: CANDIDO, A. (Ed.). Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. cap. 1.
- CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA, Márcia Regina C. **História e Literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil.** In: História: Questões e Debates – Revista do programa de pós-graduação em história UFPR, N. 50. Curitiba, jan. /jun. 2009.
- CARR, Edward H. **Que é História,** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
 _____. **A História Cultural**. Rio de Janeiro, 1990.

CRIPA, Ival de Assis. **O círculo, a linha e a espiral: temporalidades da poesia da história na crítica de Octávio Paz**. Campinas, 2007.

CRUZ, Antonio Donizeti da. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.

_____. **A poesia de Helena Kolody no contexto da literatura do Paraná**. Línguas & Letras (UNIOESTE), v. 1, p. 1-1, 2011.

_____. **Helena Kolody: a poesia da inquietação**. Marechal Candido Rondon: Ed. Unioeste, 2010.

COMPAGNON, A. **O demônio da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DAMASCENO, Darlan. Religiosidade e natureza: imigrantes ucranianos e a transformação do meio ambiente na colônia de RIO CLARO - PARANÁ. In: XV Encontro Regional de História, 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos**, 2016.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Helena Kolody, carbono & diamante – uma biografia ilustrada**. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

_____. **Quando Helena Kolody cruzou a fronteira**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 32, p. 161-172, 2008.

_____. **A terra estrangeira de Helena Kolody**. Graphos (João Pessoa), v. 9, p. 167- 179, 2007.

FREYESLEBEN, Alice Fernandes. **Os sentidos do 'moderno' nos discursos sobre as artes em Curitiba**. Curitiba: UFPR, 2018.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GOBBI, Marcia Valéria Zamboni. **Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica**. Itinerários: Revista de Literatura, n. 22, 2004.

GRECCO, G.L. **História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 6, p. 39-53, 2014.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

- KOLODY, Helena. **Paisagem interior**. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1941.
- _____. **Ontem Agora**. Curitiba. 1991.
- _____. **Sempre Palavra**. Curitiba. 1986.
- _____. **Sinfonia da vida**. Tereza Hatue de Rezende (org). Curitiba: Letraviva, 1997.
- _____. **Viagem no espelho**. Curitiba: Editora da UFPR. 5ª. Ed., 2001.
- LEITES, Hélio. **Mínimos**. Curitiba: Cultural Office, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HEGEL, G. **Estética**. Lisboa: Guimaraes, 1964.
- HUTCHEON, L. **Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JUSTEN, Choloris Casagrande. **Essências transfiguradas**. 1. ed. Curitiba: Ed. dos autores, 2011.
- LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, **Jacques História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- _____. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LE GOFF, Jacques. Antigo/moderno. In: _____. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 2003.
- LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. **Gazeta do povo**, Curitiba, 26 jun. 1985. p.11.
- MACHADO, R. S. História e Poesia na Poética de Aristóteles. **Mneme** (Caicó. Online), Caicó/UFRN, v. 2, n.3, 2001.
- MARINS, José. **Haicai**. Palestra na Biblioteca Pública do Paraná. Curitiba, 2004.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **Memórias de Gustav Hermann Strobel**: relatos de um pioneiro da imigração alemã no Brasil. 3. ed. Curitiba: Instituto Memória – Centro de Estudos da Contemporaneidade, 2018.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História**, n. 10, dez. 1993.
- ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PALMER, R. E. (1969). **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e memória**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.95-109, maio 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

_____. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: _____; LEENHARDT, Jacques (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

_____. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, n. 29, 1995.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos**. v. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

QUELUZ, Gilson L. A Era Espacial de Helena Kolody: Uma Crítica Romântica da Tecnologia. **Revista Ecos**, v. 16, p. 73-92, 2014.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Texas Christian University Press, 1976.

_____. **Tempo e Narrativa – Tomo I**. Tradução Constança Marcondes Cesar, Campinas, SP: Papyrus, 1994.

_____. **Tempo e Narrativa- Tomo II**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____. **Tempo e Narrativa – Tomo III**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

SANTIAGO, Pedro & outros. **Por dentro da história**. São Paulo: Escala Educacional, 2013.

SANTOS, R. dos. **Em busca de um lar: práticas culturais e representações da família Egert na região de Guarapuava-PR (1949-2016)**. Tese (Doutorado) -UEM, Maringá, Brasil, 2020.

SCHNEIDER, C. I.; BORUCH, T. A crítica e a consagração de Helena Kolody no campo literário e intelectual paranaense. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/12214>. Acesso em: 23 maio. 2023.

SILVA, Fabio Henrique Monteiro. Memória, sensibilidades e cidade: uma abordagem sobre o carnaval, uma festa popular (São Luís- Ma). **Brathair** (Online), v. 16, p. 288-302, 2016.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. **Rezar e benzer: Rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2015.

TAMANINI, Paulo Augusto. Helena Kolody: a teóloga dos versos simples. **Revista Brasileira de Literaturas e Teologias**. v. 5, p. 205-229, 2015.

_____. O lugar e os ícones na cultura religiosa dos imigrantes ucranianos em Curitiba. **Domínios da Imagem**, v. 12, p. 11-28, 2016.

VENTURELLI, Paulo (org.). **Helena Kolody**. [Série Paranaenses, nº 6]. Curitiba: Editora da UFPR, 1995, 68p.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed. UnB, 1982.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. **Poesia e História: diálogo e reflexão**. ArtCultura (UFU), v.v7, p. p.7-21, 2005.

_____. **A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70**. UFF. – 2007.

ZANINI, Ana Maria. **Poesia e religiosidade em Helena Kolody**. Travessias, Cascavel, v. 4, n. 3, dez. 2010.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. Teoria Literária e Escrita da História. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas 7 (13): 21- 48, 1994.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SITES

CÂNDIDO: Lembranças de Helena Kolody. Disponível em:
<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Lembrancas-de-Helena-Kolody#>. Acesso em 20/10/2021

CAQUI: Helena Kolody: Pioneira do Haicai. Disponível em:
<http://www.kakinet.com/caqui/kolody.php>. Acesso em: 01/10/2022

JORNAL DA POESIA: A sensível percepção de mundo em alguns poemas de Helena Kolody, de 1941 a 1951. Disponível em:
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/rkamita.html#mundo>. Acesso em: 15/09/2022

PORTAL PARANAENSE: Vida e poesia de Helena Kolody. Disponível em: <http://memoriaparanaense.com.br/2021/06/24/vida-e-poesia-de-helena-kolody/>. Acesso em: 20/10/2022